

FILOSOFIA NA
LINGUA



Jean Lauand

Seleção e apresentação
LUIZ COSTA PEREIRA JR.
editor da revista *Língua Portuguesa*

Filosofia na Língua

Jean Lauand

FILOSOFIA NA
LINGUA

CEMOrOg
EDF-FEUSP


FACTASH EDITORA

São Paulo
– 2014 –

Copyright © by dos Autores, 2014
Nenhuma parte desta publicação pode ser armazenada,
fotocopiada, reproduzida, por meios mecânicos, eletrônicos ou outros
quaisquer, sem autorização prévia dos autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Lauand, Jean
Filosofia na língua. Apresentação e seleção Luiz Costa Pereira Jr.
São Paulo: Factash Editora, 2014.

p. 20,5 x 27,5 cm.
ISBN 978-85-89909-51-8

1. Filosofia 2. Educação 3. Filosofia da Linguagem. I. Título

CDU 370.981

Factash Editora
Rua Costa, 35 – Consolação
01304-010 – São Paulo – São Paulo
Tel. (11) 3259-1915 – factash@gmail.com

Nosso acesso ao ser do homem é fundamentalmente indireto: os grandes insights que temos sobre o mundo e o homem não permanecem na consciência reflexiva, logo se desvanecem, se transformam, acabam por se esconder em três grandes sítios: instituições, formas de agir e linguagem.

Jean Lauand,

coluna Filosofia, em **Língua** 42,
abril de 2009



FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

Sumário

Apresentação – A linguagem de Jean	11
--	----

Jogos da linguagem

A arqueologia é dona da bola	14
Jogos da linguagem	16
O passado que o futebol canta	22
O choque cultural da linguagem	30
“Excelenciou” na grande área	35

Na ponta da língua

A língua na sala de estar	40
Ô, meu! Minha nossa Senhora	42
É grande pra caramba	44
Sujeito indeterminado	47
Milton jaguaretê	50
Mostrar escondendo	53
Velha expressão da nova geração	56
O português no inglês	60
O diplomata da língua árabe	64

Linguagem é devoção

No princípio era a Bíblia	71
O santo nome da pressa	76
Religiosidade na língua	82
A guerra de linguagens na Cúria Romana	85
O padroeiro dos etimologistas	89
A origem dos ensaios	93

A linguagem de Jean

Este livro reproduz algumas das principais contribuições de Jean Lauand à revista *Língua Portuguesa* (editora Segmento), de 2005, por ocasião do primeiro número, até 2013. É uma edição fac-similar, pelo que foi mantida a numeração das páginas originais.

Jean é pensador de produção vulcânica, oráculo e motor de admiradores, entre os quais me incluo. Não só por ser a referência brasileira na apreensão do pensamento de Tomás de Aquino para a análise dos problemas concretos da atualidade. Jean é um incentivador fraterno da inteligência alheia, e o São João Batista da revista *Língua*, ele mesmo criador de inúmeras publicações de referência. Não fosse sua ênfase em ver a linguagem como um grande reservatório da experiência humana e não me teria ocorrido sequer a ideia de criar uma revista sobre a expressão em língua portuguesa. Não fosse o seu amparo e o debate prévio com ele sobre o que seria desejável a um periódico especializado em linguagem e eu não teria definido certas linhas de abordagem.

O respeito intelectual por ele é também sentimental. O ar bonachão acentua a voltagem de suas piadas. A agilidade de raciocínio o torna mais leve do que é, que o jogo de pernas das ideias, nossas ou muito antigas, é sempre fonte de renovada originalidade. Jean tem o estilo fagueiro de quem quer saber com sabor. Em textos os mais acadêmicos, em conferências as mais dinâmicas, em conversas de bar as mais despreziosas, fiska com pinça a imagem concreta que parece iluminar uma ideia e faz da compreensão afetuosa dos limites humanos o resultado imediato de cada investida que promove ao pensamento antigo.

Seu entusiasmo com as possibilidades da filosofia é também sadio realismo. O mais abstrato conceito ganha viço se “descer” ao concreto e Jean desconfia que há uma pedagogia do raciocínio antigo que, traduzida aos termos de hoje, vale para os dias de hoje. Daí a naturalidade com que põe, num mesmo raciocínio, uma lista que vai de Tomás de Aquino, Platão, Shakespeare, Pelé, Nat King Cole a Rei Leão, da Disney, e a imagem que se forma em nossa mente é tão iluminadora que dá sentido ao que antes parecia obscuro.

Para Jean, há compreensões dos antigos que se aplicam feito luva à compreensão do mundo contemporâneo. Porque, no fundo, o que foi dito antes, mesmo nos rincões da Antiguidade e da Idade Média, mantém validade, não porque aplicado ao pé da letra, mas porque, vencida a poeira da dicção de época, há vida nos conceitos, nas entrelinhas da imaginação antiga, nas inspirações que motivaram seus raciocínios.

Esgarçada por séculos de contestações filosóficas, há muito perdeu prestígio a ideia de que podemos estabelecer a essência das coisas, a apreensão radical dos fenômenos. Quando investiga o assunto, o filósofo como o alemão Josef Pieper (1904-1997), cuja obra reabilita a teologia como campo legítimo para a Filosofia e é central para o pensamento de Jean Lauand, ele realoca o ponto de inflexão da resposta: nunca teremos acesso a uma “essência”, só às grandes experiências humanas, aquelas que se fundiram e se esconderam sob a superfície do cotidiano, em particular nas instituições, nas práticas humanas e na linguagem .

Tais experiências, formadas por insights considerados inaugurais ou momentos fundantes da vida humana, conteriam significados que se perderam na história e foram transformados por sucessivas e seculares alienações coletivas. Mesmo que não inaugurais, mas imemoriais, não deixam rastro evidente na memória humana . Visões de mundo, concepções de época, preconceitos e contingências concretas da realidade estão encobertos em fenômenos que não exibem seus rastros, nos conceitos mais abstratos, em vocábulos insuspeitos, nas realidades que parecem existir desde sempre, como que por geração espontânea.

A linguagem tem valor ontológico (o ser é linguagem), a palavra não é só ferramenta da comunicação, mas sustenta o próprio ser. Ao rotular o mundo, ao esquadrihar formas expressivas, cada língua impõe uma maneira de compreender o mundo, comporta perspectivas (Wilhelm Humboldt fala numa diferença de “perspectivas universais” – Weltansichten – entre as línguas), e aversões contra outros ângulos de percepção da realidade. A mentalidade e o agir só se efetivam porque inscritos em estruturas expressivas e os fenômenos são interpretados de forma diversa a depender do idioma, que é ele mesmo um ponto de observação do mundo (embora outros autores defendam o oposto, que as diferenças linguísticas são subordinadas às distintas concepções de mundo). As estruturações do discurso não são formas vazias, traduzem motivações e contingências imemoriais, refletem experiências arraigadas que ajudam a compor uma antropologia filosófica – a investigação sobre o conceito que o ser humano faz de si próprio ao longo do tempo, de suas capacidades e ações, das faculdades que o tornam hábil em sua interação com o mundo.

Jean Lauand me ensinou tudo isso, principalmente, me ensinou a amar um pouco mais a língua. Em oito anos de existência da revista *Língua*, ensinou os leitores a encarar os mistérios da linguagem para entender um pouco mais ao mundo e a si mesmos.

LUIZ COSTA PEREIRA JUNIOR

Novembro de 2013

Esporte

Jogos da linguagem

A arqueologia é dona da bola

Realização da Copa das Confederações marca um século de transformações da linguagem do futebol brasileiro

POR JEAN LAUAND



Ilustração inglesa retrata o esporte em seu nascedouro: evolução de linguagem

Quando se importa uma realidade cultural, importa-se, em alguma medida, o léxico próprio dessa realidade. Com o passar do tempo, há ajustes e o vernáculo ganha espaço.

O xadrez, por exemplo, chegou ao Ocidente medieval com os árabes, que o tomaram dos persas, e hoje há reminiscências dessas origens em nomes de peças e lances: no espanhol para “bispo”, alfil (al-fil – o elefante); no inglês para “torre” (rook), no lance do roque (rukhhk – torre); no xeque, que visa o rei (shah) ou o “mata” (xeque-mate).

Na informática, há muitas palavras do inglês (*mouse, link, site, software*, etc.); outras já ganharam forma vernácula (programa, disco); e há casos em que convivem duas formas: *download*/baixar, *deletar*/apagar.

No começo do século passado, o futebol era realidade importada e, se hoje o presidente da Fifa proclama, como realidade evidente, que o Brasil é o país do futebol, na época Graciliano Ramos dizia que o futebol era moda passageira...

Importação

Persistem, hoje, às vésperas da Copa das Confederações, termos de origem inglesa, como o próprio “futebol”: pênalti, drible, gol, chute, time, craque (desde sempre usado no turfe, outrora popular, tardiamente, só na década de 40, foi aplicado ao futebol), etc. Minha geração pegou o tempo em que os anglicismos eram mais numerosos: falava-se em *goal-keeper* (goleiro), *corner* (escanteio), *offside* (impedimento) etc.

Mas nos primeiros tempos entre nós do “esporte bretão”, a presença de termos ingleses era dominante. Uma amostra interessante desse fenômeno de linguagem é o relato de um “*match*”, recolhido do acervo do *Estadão*, de 22 de abril de 1910, p. 5 (www.acervo.estadao.com.br):

Segundo match de selecção – Ypiranga vencedor por 5 goals a 2

Realizou-se hontem, como fora anunciado, o segundo *match* de selecção, entre o Ypiranga e a ‘A. A. Villa Buarque’. Os *teams* apresentaram-se bem treinados porém faltando ainda aos seus jogadores a necessária calma para se manterem nos seus postos até o fim da luta.”

À época, grafava-se *foot-ball* (só a partir de 1920, o *Estadão* passaria a “futebol”, sem abandonar *foot-ball*), *goal* (poucos anos depois viria o sinônimo nacional, já em desuso: “tento”), *team* e *match* conviviam com “equipe” e “partida”.

A vantagem de um acervo do porte do que *O Estado de S. Paulo* lançou em maio de 2012 (quando disponibilizou a versão digital de 2,4 milhões de páginas publicadas desde 1875) é perceber que a imprensa dos primórdios do futebol impunha-se o duplo dever de informar os resultados e ensinar os termos e rudimentos do esporte.

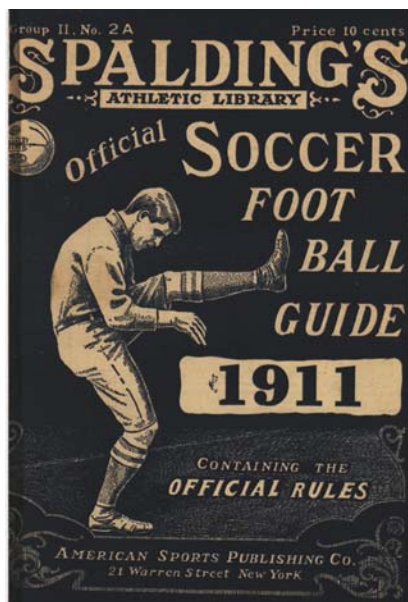
Torcedor

Assim, o artigo continua. Para que os jogadores se mantenham em seus postos e não fiquem “amontando-se todos sobre a bola” é necessária a ação do *captain* (técnico):

“a intervenção energica de um *captain*, que obrigue seus jogadores a guardar suas posições (...) [possibilitando] os passes, que constituem o encanto deste salutar sport britannico”.

O cronista passa a falar do público, dividindo “as archibancadas em dois grupos. De um lado os ‘torcedores’ do ‘Villa’...”. Já em 1910 usava-se a palavra “torcedor”; as aspas são provavelmente para indicar a procedência oculta desse termo.

Recolho do site do Fluminense a versão mais conhecida da etimologia de “torcedor” (www.fluminense.com.br/site/futebol/historia/capitu-



Manual dos termos de futebol: primórdios

lo-i-o-surgimento/outros-simbolos):

“É claro que sendo o Fluminense o clube da sociedade carioca, a presença feminina nos jogos era uma constante. O escritor Coelho Netto, pai do grande atleta tricolor Preguinho e seguidor apaixonado do Fluminense, também era figura obrigatória nos gramados. Pois foi esse importante personagem o responsável pela criação do termo ‘torcida’, que hoje serve para designar quem simpatiza com este ou aquele clube. Observador atento, Coelho Netto notou que quando o time atacava ou era atacado, as mulheres que compareciam aos jogos, com seus belos e quentes vestidos rendados, num misto de ansiedade, calor e nervosismo, empunhando sombrinhas, torciam suas luvas e lenços encharcados de suor. Em uma de suas colunas após um dos jogos, Coelho Netto chamou essas mulheres de ‘torcedoras’. Pronto, estava criado o termo que até hoje é símbolo da paixão clubística”.

O relato é plausível: torcer as luvas é clássico gesto de impaciência, ansiedade ou espera (como em *A Ilustre Casa de Ramires*, de Eça); “torcedor” aparece pela pri-

meira vez no *Estadão* em 1906 (o Fluminense foi fundado em 1902). No primeiro gol do Ypiranga, um tropeço do goleiro (termo que o *Estadão* só usará em 1931), a decisão do juiz (o artigo usa também *referee*) causou polêmica:

“Britto, *goal-keeper* do ‘Villa Buarque’..., parara um *shot* do *team* adversário sob a trave do *goal*. Perseguido por um *forward* contrario, e tendo a bola nas mãos, arremessou-a para longe, porém, como se achava sobre a linha, ao fazer o movimento com o braço, para traz, afim de atirar a bola, passou a por dentro do *goal*...”.

Pixotada

O jogo prossegue com *dribblings* e *goals* que aumentam o *score*; e *half-backs* deixando livres os *estremos*; que fazem bons *rushs*, ocasionando *corners* (“escanteio” só começa a ser usado – de início, raramente – em 1926). “Amphiloquio (*in side left*) do Ipiranga, a 20 jardas do *goal*, passou para Hugo, que com um *shot* rasteiro e enviezado, vasou o *goal* (termo que hoje permanece só na expressão “goleiro/defesa menos vazado”) do Villa.

Em cem anos, mudanças e permanências no léxico do futebol; muitos acréscimos para atender jogadas novas (bicicleta, pedalada, drible da vaca etc.), novas atitudes (“catimba”, que aparece no jornal em 1967; “fírua”, em 1977, etc.) ou novas realidades advindas da complexidade externa ao gramado (cartolas, tapetes, etc.). Todas agora rastreáveis graças ao poderoso instrumento de pesquisa disponibilizado pelo jornal *O Estado de S. Paulo*.

JEAN LAUAND É PROFESSOR TITULAR SÊNIOR DA FEUSP E PROF. TITULAR DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

Jogos da linguagem

A Olimpíada de Londres, a imprensa especializada e os preparativos para eventos no Brasil acentuam as figuras de linguagem do universo esportivo que marcaram o cotidiano

POR JEAN LAUAND E LUIZ COSTA PEREIRA JUNIOR

Às vésperas das Olimpíadas de Londres, que começam em julho, e em meio aos andaimes para a Copa da Fifa e os Jogos Olímpicos no Brasil, o fascínio por disputas esportivas consagra a intuição generalizada: a cada evento, o esporte se revela mais orgânico à sociedade atual. Tanto que, no Brasil, ampliou o alcance, e por vezes o caráter, da linguagem cotidiana.

A riqueza expressiva é tal no esporte que facilita até o entendimento de recursos do idioma. As associações com o esporte garantem expressões figuradas fora do horizonte das competições medalháveis, mas de conceitos opacos e nomenclatura inclemente com o leigo.

É grande a quantidade, por exemplo, de metáforas esportivas – a ideia de transferir um termo do esporte para campo de significação que não é o seu. Elas, que não criam palavras novas, mas mudam significados, estão até na Bíblia: São Paulo compara os esforços requeridos pela vida cristã aos de atletas e corredores que desejam vitórias (I Cor. 9: 24 e ss.). No século 19, ante o preconceito de igrejas contra o esporte (“culto ao corpo”, etc.), o “aval” do apóstolo era usado por cristãos esportistas que invocavam a Epístola aos Coríntios (daí o nome do time inglês *Corinthian*, que inspirou o *Corinthians*).



REPRODUÇÃO

Croqui para os jogos de Londres: a cada novo evento, o esporte se revela mais integrado à linguagem contemporânea

No abastecimento de expressões figuradas, há contribuições olímpicas de boxe (“jogar a toalha”); basquete (“assistência”) e vôlei (“levantar a bola para outro cortar”). Para não falar no legado de esportes não olímpicos: o “grid de largada” e a “pole position” do automobilismo (usados, digamos, em “corridas” eleitorais), o “páreo” do turfe; o “pôr em xeque” do xadrez e a “ginga” da capoeira (que, apesar da riqueza do léxico, é esotérica para transcender o círculo de iniciados).

Mesmo categorias de popularidade emergente, como lutas de vale-tudo, começam a inspirar expressões figuradas, encaradas como peça promocional. O narrador Rhoades Lima, por exemplo, criou nas exibi-

ções do UFC 140 pelo canal Combate um bordão que é pura hipálage (abuso na combinação entre termos): “Calce suas luvas e vista seu protetor bucal”. Agora que a Globo parece adotar essa modalidade de luta como franquia, foi a vez do locutor Galvão Bueno improvisar uma hipérbole (exagero da ideia para melhor enfatizá-la) candidata a bordão: “Gladiadores do 3º milênio, disparou, ao narrar um corpo a corpo entre Júnior Cigano e Cain Velásquez no ano passado.

Em março, muitos discursos ligados ao esporte fincaram bandeira na linguagem figurada. É o que se viu na elegância discursiva de Tostão reunida em *A Perfeição Não Existe – Paixão do Futebol por um Craque*

Catacrese

Espécie de metáfora, mas já incorporada à língua por falta de um termo próprio. Na verdade, é o uso abusivo de uma palavra ou expressão fora de seu significado. Do grego *katákhresis*, “mau uso”. Daí ser conhecida por “abusão”.

Embora haja reconhecido abuso em figuras como: pelada (jogo de várzea), peixe (amigo, colega), pernas da mesa, da cama, da cadeira; mão de pilão; embarcar (de barca) num avião; dentes do serrote; nariz do avião; braços da poltrona; cabeça do alfinete – há relação subjetiva, embora remota, que justifica as figuras. (JM)

Metáfora

POR JOSUÉ MACHADO

Do grego *metaphorá*, transferência, mudança; é a transposição do sentido próprio de uma palavra para o figurado. Nessa relação mental, subjetiva, imaginada, os termos – o que substitui e o substituído – mantêm o significado próprio, porque a palavra é usada por semelhança real ou imaginária; em geral, imaginária.

Evânildo Bechara acentua em *Moderna Gramática Portuguesa* (Lucerna, 2004) não ser verdade que a metáfora é uma comparação abreviada, como dizem alguns autores, mas “a comparação é que é metáfora explicitada”.

Ela só ocorre quando o termo substituto tem significado próprio, diferente do do termo substituído. Em “O veludo de sua pele”, veludo será sempre veludo e pele será pele. A metáfora é recurso comum na linguagem e essencial na poesia. Exemplo são os versos de Orestes Barbosa, em *Chão de Estrelas*:

“Mas a lua furando nosso zinco/ salpicava de estrelas nosso chão”.

Os políticos gostam de metáforas. O então ministro Delfim Neto deixou lembranças por anunciar em relação à economia: “Precisamos esperar que o bolo cresça para depois dividi-lo”.

Levantemos a hipótese absurda de que alguém, insatisfeito com o trabalho dos congressistas ou dos cartolas do futebol, dissesse deles, ou de parte deles, que são víboras, escorpiões e ratazanas. Estaria construindo metáfora, ou melhor, três, por ver semelhança entre eles e víboras, escorpiões e ratos. Haveria exagero, mas o observador teria feito um paralelo, porque ofídios, artrópodes e roedores lutam como podem, em proveito próprio e com todos os seus recursos.

Metáforas do futebol

“Pisou na bola”

“Escantear” (uma pessoa)

“Driblar” (problema ou obstáculo)

“Jogar nas onze”

“Marcação cerrada” (sobre alguém)

“Esconder o jogo”

“Alugar meio-campo”

“Cama de gato”

“Caneta”

“Fazer cera”

“Freguês”

“Leitura do jogo”

“Montinho artilheiro”

“Folha seca”

“Neymar está na primavera da vida.”

“Esse menino é um demônio.”

“Aquele cartola é uma raposa.”

“O presidente do clube é uma múmia.”

Jogos da linguagem

ESPORTE

da *Crônica* (Três estrelas, 288 páginas, R\$ 37), com textos de *Folha de S. Paulo*, de 2000 a 2011. Na obra, ele flerta com figuras de pensamento e sintaxe de difícil manuseio, como a ironia: “Vamos correr atrás do prejuízo. Se o time está perdendo, tem de correr atrás do lucro.”

A crônica esportiva é celeiro de tropos. João Saldanha cunhou eufemismos (trocar expressão por uma menos agressiva), como o nonsense “macaquinho namorado de girafa” (jogador que vai e volta estabanaadamente). Já Nelson Rodrigues era um poço de expressões; algumas hipálages (sandálias da humildade); outras antonomásias (trocar nome por expressão: “pátria em chuteiras”). Boa parte de sua expressividade, no entanto, era hiperbólica, como “saúde de vaca premiada” e “nasceu 40 séculos antes do paraíso”.

Confronto

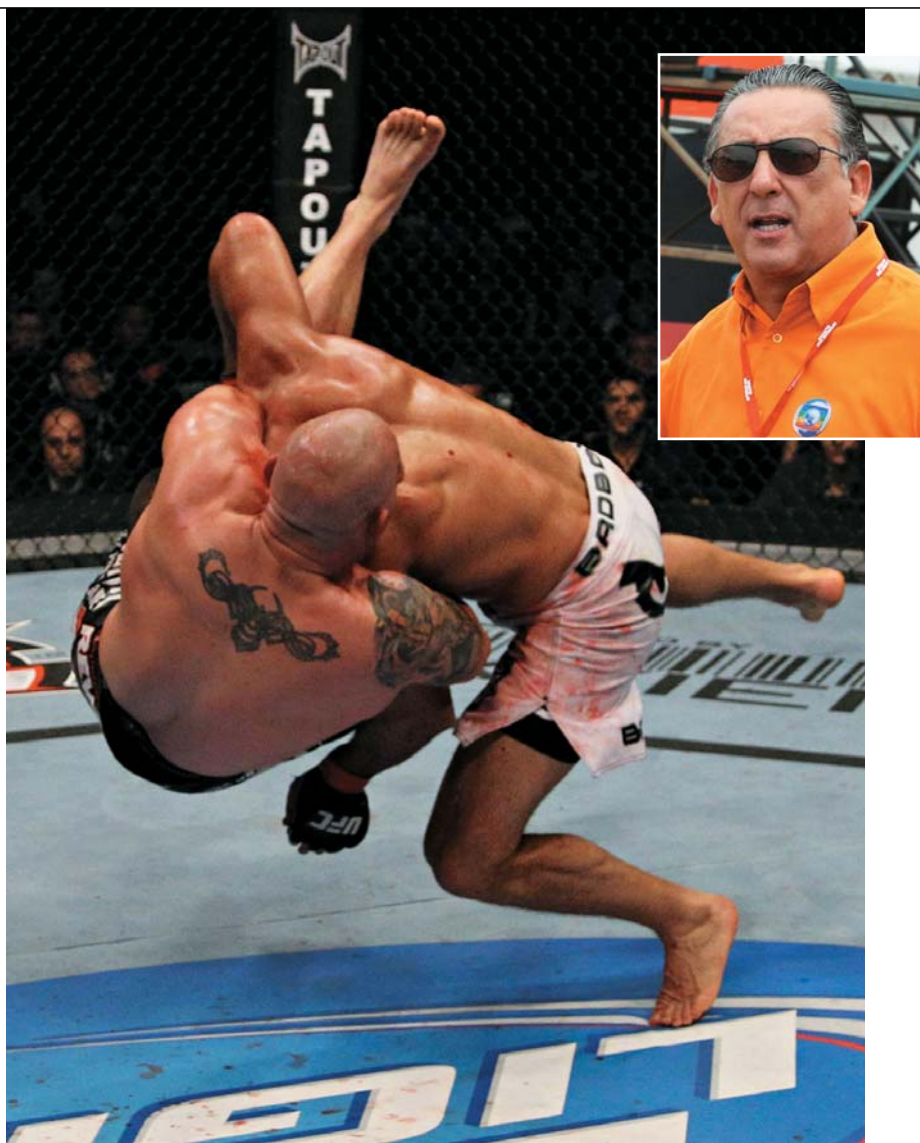
Criador da catacrese (abuso na troca de palavra por outra) “peixe” (amigo, colega), o deputado federal Romário (PSB-RJ) usou uma hipérbole em março para referir-se ao preparo físico de um ex-colega dos campos: “Juninho com 80 anos parece ter 18”. O ex-jogador é crítico de cartolas, em particular a gestão de Ricardo Teixeira na presidência da CBF. Mês passado, ao renunciar (sob denúncias de corrupção), Teixeira retomou o apreço por metáforas em sua carta de despedida:

– *Presidir paixões* não é uma tarefa fácil em nosso país.

Ele já se declarara adepto da figura de palavra em 2007, durante o Pan-Americano no Brasil.

– Não vou deixar que me encuralem na linha de escanteio; tenho de me livrar da marcação do adversário antes – declarara.

Ele não se livrou da marcação.



O locutor Galvão Bueno (detalhe) criou uma hipérbole candidata a bordão durante uma luta entre Júnior Cigano e Cain Velásquez: “Gladiadores do 3º milênio”

Antonomásia

É uma variedade da metonímia; a substituição do nome de um ser (próprio) pelo de uma qualidade dele. Do grego *antonomasía*, pelo latim *antonomasia*; em retórica, o nome que nada tinha que ver, morficamente, com o nome a que se juntava ou substituíria.

Os brasileiros da Europa (jogadores), a seleção canarinho (do Brasil), o templo do futebol (Maracanã); Redentor (Cristo); a Águia de Haia (Rui Barbosa); o Bruxo do Cosme Velho (Machado de Assis); um champanhe (vinho de Champagne).

Os cognomes podem ser classificados entre as antonomásias: Pelé (Edson Arantes do Nascimento); Aleijadinho (Antônio Francisco Lisboa).

A antonomásia também nomeia a substituição contrária, isto é, o uso do nome próprio como comum por suas características marcantes: ele é um calígula (mau e devasso); um judas (traidor); um cristo (sofredor). (JM)

Metonímia

Do grego *metonumía*, pelo latim *metonymia*, é a substituição de um nome por outro com que se relaciona de alguma forma. Ela ocorre de muitos modos; em geral, no uso da parte pelo todo (sinédoque), do efeito pela causa, do autor pela obra, do continente pelo conteúdo, etc., como se relaciona a seguir. (JM)

TIPOS DE METONÍMIA		
Recurso	Exemplo	Metonímia
Autor pela obra	Woody Allen leu Machado de Assis.	"Machado" por "livro de Machado"
Efeito pela causa (ou vice-versa)	Bico	"Bico" por "chutar com a ponta do pé"
Concreto pelo abstrato	Banco / A religião recomenda a caridade.	Reserva dos titulares / Atos caridosos.
Continente pelo conteúdo	Redonda / Bebeu três copos e continua firme.	"Bola de futebol"; Copo por cerveja, cachaça ou outra bebida.
Proprietário por propriedade	Bandeirinha / Ontem fomos ao Paulino.	"Bandeirinha" por "auxiliar"; "Paulino" por "restaurante do Paulino".
Indivíduo pela classe	Tenho a maior fé no político brasileiro.	"Político" por "políticos".
Classe pelo indivíduo	Nossa grande esperança é o Congresso.	"Congresso" por "congressistas".
Singular pelo plural	É o legislador que criou uma carga de impostos tão justa.	"Legislador" por "legisladores".
Matéria pelo objeto	Cristo morreu no madeiro.	"Madeiro" por "cruz de madeira".
Parte pelo todo	As velas deixaram o cais.	"Velas" por "embarcações a vela".

Eufemismo

Do grego *euphemismós*, pelo inglês *euphemism* e francês *euphémisme*. Sua-
vização de uma realidade desagradável ou grosseira: faleceu, entrou em óbito ou partiu desta para a melhor (morreu); aquele político desviou recursos públicos (afanou); ganhou a grana praticando tráfico de influência (afanando). (JM)

Perífrase

Uso de mais palavras para exprimir o que poderia ser dito com menos. Do grego *períphrasis*, circunlóquio, perífrase, pelo latim *periphraŕsis*.

Na perífrase lexical ou circunlóquio, substitui-se uma palavra por duas ou mais. Usa-se esse recurso por motivos em geral estilísticos: terra de Graciliano Ramos (Alagoas); rei dos animais (leão), o galinho de Quintino (Zico).

Na perífrase morfológica, substitui-se a flexão gramatical da palavra por uma locução em que outra palavra expressa a função gramatical: íamos voltar (voltaríamos). (JM)

Hipérbole

Do grego *hyperbolé*, pelo latim *hipérbole*, excesso. Palavra ou frase de sentido exagerado para tornar a ideia mais expressiva.

"Estraçalhar" (ser superior ao time adversário).

"Meio da rua" (corredor do campo)

"Gladiadores do 3º milênio"

"Derramei lágrimas de sangue."

"Morreu de medo na partida com o Barça." (JM)

DIVELO/30



O Maracanã em obras: futebol é fonte privilegiada para figuras de linguagem brasileiras

Jogos da linguagem

O futebol continua o centro de gravidade brasileiro das figuras de linguagem de origem esportiva, usadas até por quem não liga para jogos de qualquer espécie. No Brasil, não surpreende ouvir dizeres do tipo:

“Nessa altura do campeonato, você acha que vou vestir a camisa da firma? Eu não. O chefe pisou na bola: se tivesse pedido antes para mim ou para o Geraldo, que tem cancha, dava para tirar de letra. Em time que ganha não se mexe! Mas não: deu cartão vermelho ao Geraldo e me botou para escanteio. Agora que embolou o meio de campo, vem pedir para virar o jogo? Eu não. Vou lá só cumprir tabela... Quem não faz, toma! E o Geraldo, agora, tá com a bola toda e a concorrência, com ele, ficou show de bola...”.

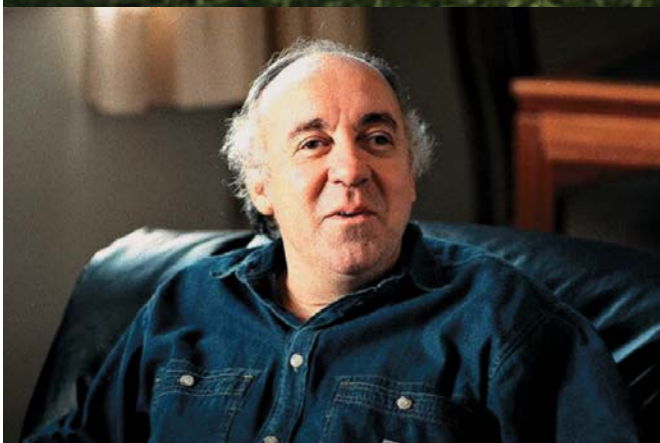
Futebol arte

Veio da criatividade popular a reconfiguração dos termos do futebol. Os recursos, para isso, vão da prosopopeia (humanização) “animal” à antonomásia “É fogo no boné do guarda”, da metáfora “bola pra frente” à apóstrofe (invocação) “Por que parou, parou por quê?”. Certos empréstimos especializam sentidos. É assim que, por metonímia (trocar causa pelo efeito), “voluntarioso” virou “aplicado”; por metáfora, “assistência” se tornou (via basquete) a passagem da bola para um colega fazer o gol; e, por eufemismo, “chegar junto”, em vez de “aproximar-se”, virou “falta violenta”.

Objeto de culto, a bola inspira sinônimos figurados: pelota, criança, perseguida, vagabunda, margarida, maricota, nega, caroço, pipoca, redonda, gorduchinha... Mas não falta elasticidade até a termos alheios ao futebol, como “tabu”. Do sentido de “interdição” virou “tendência à derrota”. Uma rede de influências notá-



STOCKPHOTO



GIOVANI PEREIRA / FOLHAPRESS

Tostão (ao lado) e Teixeira (no alto): uso polivalente de expressões figuradas

Apóstrofe

Do grego *apóstrophe*, pelo latim tardio *apostrophe*, ação de desviar, despertar; fuga; distração; refúgio, asilo; apóstrofe, do v. *apostropho* ‘voltar, fazer voltar; chamar. (*Houaiss*). É a invocação ou interpelação que se faz a algo ou alguém, por expressão ou termo desligado da frase. O alvo da apóstrofe, que o autor imagina diante de si, pode ser real ou fictício:

“Por que parou? Parou por quê?”

“Veja você, caro leitor, a paciência que devo ter.”

“Deus! ó Deus! Onde estás que não respondes?” (Castro Alves.)



MARELO CASALINHA

vel: apropriado da antropologia, foi ressignificado e o novo sentido ganhou as ruas. Linguistas acreditam que, nesses casos, não há liberdade desmedida com as palavras. A noção enfatizada estaria subentendida no termo original.

Plasticidade

Assim, itens como “lençol”, “chapéu” e “banho de cuia” batizam o ato de driblar o rival com a bola por cima de sua cabeça. Metáfora visual: a semelhança entre elementos da transferência de sentido é plástica, como em “bicicleta” e “carrinho”. Em Portugal, o nosso “lençol” se chama “cabrita”. A ênfase não é na trajetória da bola. As imagens do chapéu que nos esconde, do lençol que nos mergulha e do banho que nos afunda são, todas, desenhos de um futebol que o imaginário vê como arte. A cabrita portuguesa enfatiza o movimento isolado da bola – a cabra pula e quica.

O futebol traduziria nosso desprezo pela racionalidade, a preferência pela malícia, a alegria sincera de ver algo feito com manha, levado pela molecagem do drible. Num país de tantas incertezas, de tanto obstáculo a planejamentos duradouros, de amanhã imprevisíveis, promessas que sabemos de antemão irrealizáveis, o imperativo é fazer pelota com garantias cemporcento.

Apesar da popularidade do futebol, muitas figuras de linguagem procedem de campos esportivos que despertam, hoje, pouco interesse: se, digamos, o vôlei e o basquete atra-

em mais interessados, não são páreo para o turfe, o bilhar ou o boxe. A razão talvez esteja na particular configuração destes, que produz potencialmente situações figuradas: é sugestiva a configuração plástica de “sinuca de bico”, a jogada em que a bola branca toca o bico, o contorninho rente à caçapa, não dando vez ao jogador alcançar outra bola.

Mesmo pessoas que não seguem corridas de cavalos intuem que as emoções do turfe emparelham com as de outras disputas da vida e falam que, digamos, nas eleições há o candidato que corre por fora, o azarão. Se os adversários na dianteira das pesquisas se aliassem, o pleito seria barbada. Mas será páreo duro e só na reta final saberemos quem cruzará o disco de chegada. Com certeza, um candidato de partido grande, porque os outros não pagam placê.

Eleição

Numa eleição como a deste ano, partidos fortes entrarão divididos na disputa, com candidatos evitando ser a bola da vez da fritura, numa sinuca de bico em que só confiarão no próprio taco. Até eles, no entanto, cantam a aposta: a tacada será emprestar apoio, num 2º turno, a quem estiver na boca da caçapa.

Fiquemos de olho, portanto, nos candidatos que preferem o nocaute a jogar a toalha: terão jogo de cintura, ainda mais com tantos pesos pesados no *round*? Se estiverem nas cordas e, mesmo assim, não acusarem o golpe, será que, nos debates, vão usar a técnica do *clinch* ou vão aplicar algum golpe baixo?

Enquanto o país se prepara para torcer nas Olimpíadas e acelera as obras de seus próprios eventos internacionais, a imaginação popular está de prontidão para dar vida à figura de linguagem esportiva.

Ironia

Exprime literalmente o contrário do que se pensa ou do que se quer dizer. Em geral, depende do contexto. Quando sutil demais, pode não ser entendida:

“Bela a manobra que você fez com o carro contra o poste.”

“Que maravilha, você conseguiu estragar meu texto!”. (JM)

Hipálage

É a figura que realça um determinante, ligando-o a um termo que não é o seu correspondente lógico:

“Linha burra”.

“Passe rasgado”. (JM)

O passado que o

Para entoar o hino de seus clubes, cada torcida precisa driblar uma linguagem antiga que muitas vezes a confunde

POR JEAN LAUAND

Goleiro do Flamengo nos anos 50, em foto de José Medeiros: passado exposto pelo Instituto Moreira Salles

futebol canta

Em seus estudos sobre a interpretação de autores antigos, o filósofo alemão Josef Pieper lembra uma importante regra da hermenêutica: é preciso estar atento às evidências, que não se expressam. De fato, sobre o que é evidente não se fala e, muitas vezes, trata-se do mais importante: que o autor antigo não expressa, precisamente porque é evidente, para ele e os leitores de seu tempo (mas não para nós...). O filósofo alemão Heidegger, em sua interpretação de um texto de Platão, chega a dizer que a doutrina de um pensador está no “não dito no dito”.

Essa regra básica (também ela mesma evidente e, portanto, nem deveríamos deter-nos nela...) é a que torna, em diversas línguas, o “não falar” sinônimo de “evidente”: “*goes without saying*”, “*ça va sans dire*” (“*selbstverständlich*” ou “*per se notum*”...) são – nas línguas correspondentes – simplesmente modos alternativos de dizer: “evidente”.

De fato, com o passar do tempo, mudam as ideias e as *vigencias* (Ortega y Gasset), aquelas formas sociais que todos assumem conatural e inconscientemente e, para as novas gerações, o texto no qual estavam implícitas – deixadas ao “*por supuesto*”, “*taken for granted*” – torna-se incompreensível para o leitor.

Para não entrar em complexidades filosóficas, tomemos um exemplo mais modesto. Alguém que queira interpretar um texto, digamos, de 1960, no qual um pai se lamenta: “Tive de tirar meu filho do colégio estadual e matriculá-lo num particular”, tem de tomar o cuidado de estar atento à *vigencia* da época: a incapacidade de

o filho acompanhar as exigências do elevado nível do ensino médio público, então, em geral, muito melhor do que o privado. E não com a inversa *vigencia* de hoje (após o sucateamento do ensino público), na qual a única interpretação da mesma frase seria: “Que pena ter de pagar para ter um ensino de qualidade!”.

Por vezes, abre-se uma possibilidade de apreensão do que foi pensado por um autor antigo, quando somos surpreendidos por – *para nós* – saltos lógicos e brechas que o texto apresenta. É o caso do verso do hino do Flamengo, que discutiremos aqui: “Ele vibra, ele é fibra, muita libra já pesou”.

Quando analisamos as letras dos hinos em geral – e também os (oficiais ou não) dos times de futebol – frequentemente nos deparamos com uma linguagem estranha: ufanismos mais ou menos ridículos; belicismos, anacronismos; exortações que tinham sentido na época em que foram compostos, mas não hoje; etc.

A *Marselhesa*, por exemplo, convoca os cidadãos a saciar a terra com o sangue impuro dos soldados ferozes que vêm degolar nossos filhos e nossas mulheres... E os jogadores do Paraguai, antes de enfrentar a Espanha na Copa da África do Sul, cantavam que o infausto cetro de Espanha os oprimiu por três centúrias, mas agora a Europa e o mundo aclamam o heroísmo do Paraguai, já livre do vil feudalismo: dobrai os joelhos, ó opressores etc. E o pior é que o hino, como símbolo nacional (ou do time...), é difícil de ser mudado: hino é hino...

O do Corinthians, de 1952, fala do futebol como “esporte bretão”, mas, no lançamento da logomarca da

Com a bola em jogo

O goleiro se prepara para recolocar a bola em campo, em amistoso do Flamengo na Suécia, em excursão pela Europa, em 1952. O jogador está de costas, e o ângulo de uma câmera ao chão dá a ele uma imponência anônima que a imagem em preto e branco não só sugere como valoriza. Na foto de José Medeiros, o recomeço – do jogo, do tempo – é um atributo de uma era de transição, em que o time do Flamengo ainda era forte no remo, mas já construía sua glória nos campos – quando ainda fazia sentido um verso como o do hino criado por Ary

Barroso: “Ele vibra, ele é fibra, muita libra já pesou”. A imagem integra a exposição “O futebol no acervo do Instituto Moreira Salles”, que fica em cartaz até dezembro em São Paulo (mais informações à página 32). As fotografias reunidas na mostra registram o Brasil entre os anos de 1940 e 1960. Os fotógrafos selecionados não se dedicaram especialmente à fotografia esportiva, mas seu olhar elaborado garantiu o registro da intensa relação que o brasileiro construiu com o futebol, uma relação expressa na linguagem e nos cantos de seus clubes.

O passado que o futebol canta

Ensaio

Copa de 2014, o presidente da Fifa, Josef Blatter, começou seu discurso com o truísmo: “O Brasil é o país do futebol”. O hino não faz menção à característica distintiva do Corinthians, evidente desde aqueles 23 anos sem campeonato até 1977: a fidelidade de sua torcida. E designa o Corinthians como “campeão dos campeões”, o que hoje, na era das competições internacionais, não é propriamente o ponto forte do clube.

Uma sutil datação de época vem no hino do São Paulo (1935), por meio da adjetivação: “Salve o tricolor paulista”. Se ele é o “paulista” é porque reconhecia a existência de um tricolor sem mais, absoluto, *simpliciter*: o tricolor (o Fluminense). E é do Fluminense que falam os versos de Chico Buarque: “O radinho contando direito / A vitória do meu tricolor” (se bem que o autor seja também são-paulino). Mas, hoje, o São Paulo é mais importante: campeão de 6 brasileiros (contra 1 do Flu); 3 Libertadores (ante zero do Flu); 2 Mundiais (zero do Flu) e pode reivindicar para si ser: o tricolor. Do mesmo modo, o hino do Santos, ao afirmar-se “glorioso alvinegro praiano”, reconhece implicitamente a precedência de outro alvinegro...

O hino do Palmeiras também traz seus fósseis. Composto em 1949, ainda fala em “linha atacante”, de acordo com os primitivos esquemas táticos. E afirma que o Palmeiras “sabe ser brasileiro”: poucos anos antes, com o Brasil em guerra com a Itália, o clube teve de mudar o nome Palestra Itália.

Além disso, sempre nos hinos, corre-se o risco de, no presente ou no futuro, cair na armadilha do “*Excusatio non petita, accusatio manifesta*” (desculpas expressas, acusações ocultas).

Não dito

Se, no fim da primeira parte da aula, digo aos alunos: “Podem ir para o intervalo sossegados que não vou roubar nada das bolsas de vocês”, o melhor para eles é levar consigo seus pertences... Assim também há afirmações que soam suspeitas, como a do hino que diz que o Palmeiras “transforma a lealdade em padrão”... Ou a do Santos que se afirma “campeão absoluto deste ano”, o que, por longos períodos, ficou longe da realidade.

Mas voltemos ao Flamengo, destaque em 2009, quando conquistou o campeonato brasileiro; e, há pouco, ante a enxurrada de infames piadas no caso Bruno-Elisa Samudio (“Flamengo até morrer...”; “ele me mata, me maltrata...” etc.).

O hino do Flamengo diz:

Uma vez Flamengo
Sempre Flamengo
Flamengo sempre eu hei de ser
É o meu maior prazer, vê-lo brilhar
Seja na terra, seja no mar

Vencer, vencer, vencer
Uma vez Flamengo,
Flamengo até morrer

Na regata ele me mata,
me maltrata,
me arrebatou de emoção no coração

Consagrado no gramado
Sempre amado
Mais cotado nos Fla-Flus
É o ai Jesus

Eu teria um desgosto profundo
Se faltasse
O Flamengo no mundo
Ele vibra, ele é fibra, muita libra já pesou
Flamengo até morrer, eu sou.





A torcida no estádio Pacaembu (SP), em dois momentos de Farkas: paixão antiga



Torcida organizada

As letras dos hinos dos clubes brasileiros fazem exortações que tinham sentido para os torcedores da época em que foram compostos, na década de 40, quando Thomaz Farkas registrou estas imagens da torcida, no estádio do Pacaembu (São Paulo). A coleção de fotografias de Farkas, guardada pelo Instituto Moreira Salles, tem mais de 34 mil imagens. Húngaro nascido em 1924, naturalizado brasileiro, Farkas foi um dos precursores da fotografia moderna no Brasil. Sua trajetória começa nos anos em que as imagens desta página foram feitas, quando ele se associa ao Foto Cine Clube Bandeirantes. Afinados com as vanguardas europeias e norte-americanas, os paulistas do FCCB buscavam uma estética de rompimento com o pictorialismo, com novos enquadramentos e pontos de vista inusitados. O apinhado de gente que tenta ver um jogo no estádio do Pacaembu (SP) – presente na exposição do IMS – contrasta com a beleza plástica que Farkas obtinha da torcida, nas mais diferentes situações – e apertos, como ao lado, em foto que integra o livro *Thomaz Farkas, Pacaembu* (editora DBA, 2008), que reúne parte da obra farkiana, lotada no IMS.

O passado que o futebol canta

Ensaio

O flamenguista de hoje não tem ideia do que possa significar a celebração no verso composto há 70 anos: “Ele vibra, ele é fibra, muita libra já pesou.” Sim, o Fla vibra e ele é fibra (hoje, se diria “raça”, “garra” ou “atitude”, mas ainda se compreende “fibra”), mas que raios: é pesar libra, “muita libra já pesou”?

A confusão é tanta que muitos alteram o verso para o ainda mais incompreensível: “muita libra já pen-sou!”. E, na bela interpretação de Jorge Ben Jor, o modo como ele canta o verso parece sugerir a interrogação, como se indagasse: “Você já parou para pensar na inigualável quantidade de maravilhosas libras que o Flamengo já pensou?” – o que até funcionaria se em vez de “libra” disséssemos “taça” ou “conquista”. Com “libras”, é puro surrealismo!

Mas, afinal, o que significa “muita libra já pesou”?

Transição

Para responder à questão é necessário lembrar que o hino do Flamengo foi composto numa época de transição do clube.

Se hoje o Flamengo é antes e acima de tudo futebol, em 1895, quando foi fundado, o esporte por excelência era o remo.

O ano de 1942, quando o hino foi composto, é um momento de transição no interesse da torcida: o remo ainda tinha importância (o remo do Fla, em grande fase, foi tetracampeão carioca de 1940 a 43), mas o futebol crescia mais e mais (impulsionado pelos craques Yustrich, Domingos da Guia, Leônidas da Silva, Valido, Jarbas e Zizinho). Daí, os dois polos no hino, com muitas referências à regata.

E é na regata que se decifra o “pesar libras” (a solução que apresento foi admissível ao especialista Fernando de Campos Mello, mestre pela EEFÉ-USP e Supervisor Técnico de Remo do Esporte Clube Pinheiros, a quem consultei).

“Pesar libras”, no hino de Lamartine, é sinônimo de vitória! Vejamos.

O remo é um esporte que envolve complexas regras de pesagem. Nas atuais regras da Confederação Brasileira, encontramos:

“É unicamente da equipe a responsabilidade de que os barcos tenham o peso mínimo exigido. A balança deve indicar o peso do barco com um dígito após a vírgula e deve estar disponível para as guarnições pelo menos 24 h antes da primeira prova da competição. A seleção de barcos a serem pesados é feita através de um sorteio”.





Medeiros flagra preparação flamenguista e garoto no Maracanã dos anos 50 (acima), enquanto Gautherol faz panorâmica no estádio (direita): preservação



JOSEMEDEIROS/ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES

Intensidade e drama

Jogador do Flamengo antes de entrar em campo em Paris, quando da excursão do time pela Europa, na imagem de José Medeiros, de 1952. Dois anos antes, um menino testemunhava incrédulo, no Maracanã, a final da Copa do Mundo. Décadas depois, o estádio mantém o encanto, como mostra Marcel Gautherol, na imagem abaixo, de 1967, que integra a mostra "O futebol no acervo do Instituto Moreira Salles". Entre a intensidade da preparação e os dramas vividos em campo, o tempo passado só é recuperável na forma de linguagem – aquilo que emergiu num momento, com vibração e força, hoje é apenas parte de um discurso marcado por saltos lógicos e brechas muitas vezes impossíveis de traduzir.



MARCEL GAUTHEROL/ACERVO IMS

O passado que o futebol canta

Ensaio

E concluída a prova, entre os protestos e objeções que podem levar à impugnação do resultado, está o da pesagem do barco vencedor (ninguém vai exigir o “antidoping” do barco que ficou em último lugar); pesagem que, na época, era em libras, por influência britânica (como as jardas nas medidas do futebol ou o sistema de contagem de pontos no tênis).

Pesar libras é homologar vitória! Vitória que se confirma ou é impugnada na pesagem.

Por exemplo, nos Jogos Sul-americanos de Buenos Aires-Mar del Plata, nossas meninas do remo arrasaram: subiram ao pódio em 22 das 24 competições: ouro nas categorias k4 200 m, k4 1000 m e k4 500 m.

Na categoria k2 200 m, Bruna e Ariela chegaram na frente na disputa final; mas, no tira-teima da pesagem, acabaram desclassificadas: segundo a balança (argentina...) o barco estava 50 g (0,11 libra) abaixo do limite de peso!

“Ai Jesus”

Outra passagem enigmática (para os dias de hoje) do hino flamenguista é o “Ai Jesus”. Na época (e ainda hoje em Portugal) significava apenas: o queridinho, o xodó, aquele por quem todos suspiram: “ai, Jesus”. E, de fato, no hino, encontramos-lo substantivado: o “Ai Jesus”.

Assim, em *Urupês* (1918), Monteiro Lobato diz:

“Mas o substrato psíquico não mudou: orgulho indomável, independência, fidalguia, coragem, virilidade heroica, todo o recheio em suma, sem faltar uma azeitona, dos Peris e Ubirajaras (...) o caboclo é o ‘Ai Jesus’ nacional!”.

E, em 1950, Rachel de Queiroz escrevia para a revista *O Cruzeiro*:

“Se fosse homem, tirava uma carta, comprava um caminhão e ia pra estrada. O caminhoneiro é um *bon vivant*, não tem patrão nem horário, dorme onde bem lhe apraz, seu teto é o céu cheio de estrelas, e é o ai-jesus das mulheres...”.

Anacronismos? Mas, como em hino não se mexe, cada time continuará glória do desporto nacional, com páginas heroicas imortais, sempre altaneiro, com seu pendão, adentrando o gramado em que a luta o aguarda, bem amado, com glórias que vêm do passado...

JEAN LAUAND É PROFESSOR TITULAR DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA USP. JEANLAUA@USP.BR





Acima e à esquerda, os olhares de Farkas sobre a torcida: projeto era entender a linguagem de um país



Da várzea ao estádio

Os torcedores se misturam a jogadores na várzea do rio Tietê (SP), em 1964, neste flagrante das filmagens do documentário *Subterrâneos do Futebol*, do qual Thomaz Farkas foi fotógrafo. A cena acima, que integra a exposição do IMS, é de um período em que os hinos de clubes já faziam referências consideradas anacrônicas pelos torcedores – muitos dos quais passavam ao largo de tal tipo de debate ao ir aos estádios, como na imagem ao lado, do livro *Thomaz Farkas, Pacaembu*. Nos anos 1960 e 70, Farkas voltaria seu interesse para o interior do país e se tornaria diretor e produtor de documentários. A *Caravana Farkas* abriu espaço para uma geração de cineastas que queria revelar um Brasil desconhecido. O futebol começava a ser assumido como espelho e linguagem do país.

Serviço

■ O futebol no acervo do Instituto Moreira Salles

Exposição na Galeria de Arte do Unibanco Arteplex, Frei Caneca Shopping R. Frei Caneca, 569, Consolação, SP. Das 13h30 às 23h. (11) 3472-2362.

■ Thomaz Farkas, Pacaembu

Livro da editora DBA, 2008. www.dbaeditora.com.br

O choque cultur



A torcida do Corinthians acompanha o embarque de seu time ao Japão para o Mundial de Clubes da Fifa: nós na fita

Na fala e no comportamento, o brasileiro ainda é um enigma a ser decifrado por outros povos

POR JEAN LAUAND E CHIE HIROSE

Nas semanas que antecederam o Mundial de Clubes da Fifa, em dezembro, a nação corinthiana sentiu na pele que mais difícil do que chegar a um torneio dessa dimensão é o desafio de o brasileiro adaptar-se, mesmo que por poucos dias, ao antípoda geográfico e, sobretudo, cultural.

Preocupado com os imensos problemas (diplomáticos, policiais etc.) que os cerca de 20 mil torcedores que foram ao Japão poderiam sofrer, o Ministério das Relações Exteriores do Brasil publicou um manual, o *Guia do Torcedor* (www.consbrasil.org/evento/GuiaTorcedor.pdf), facilitando informações básicas para orientar o “bando de loucos” e adverti-los do risco de ignorar as vigências do país que os recebe.

Formas verbais

Apesar do que digam as torcidas adversárias do Corinthians, a cautela não se aplica propriamente à Fiel, mas aos hábitos de linguagem de todo brasileiro. Orientações turísticas europeias costumam lembrar ao visitante estrangeiro no Brasil, por exemplo, que ele não se espante com o grau de intimidade brasileira ante desconheci-

al da linguagem

FOTOS: RODRIGO COCA / AG. CORINTHIANS



dos, que os faz beijarem e abraçarem estranhos já no primeiro contato de uma apresentação formal.

E, embora a afetividade e o calor humano sejam virtudes muito brasileiras, nossas formas verbais nem sempre parecem adequadas a olhos estrangeiros. Eles se chocam, por exemplo, com o hábito brasileiro de colocar o “eu” em primeiro lugar numa enumeração: “Eu e Fulano ganhamos o prêmio”, “Eu e Beltrano vamos fazer tal coisa”.

O hábito é tão arraigado que torna incompreensível para nós uma piada do personagem Chaves:

Chaves – Eu e o Quico estamos brincando de esconde-esconde...

Professor Girafales –

Chaves, não é assim que se diz, mas: “O Quico e eu estamos brincando de esconde-esconde...”

Chaves – O senhor também está brincando de esconde-esconde com o Quico?

E nossa forma de manifestar apreço por uma visita que se despede não é, no fundo, polida. Dizemos “Vê se aparece!” (com o que – consciente ou inconscientemente – parecemos afirmar: “Nós somos pessoas muito importantes, interessantes, bonitas... e autorizamos você – que não é nada disso... –, a vir nos ver...”).

Já o árabe despede-se da visita dizendo: *Ismah lana nashufak!* = “Permita que nós o vejamos” (você é a pessoa importante).



Generalizações

Certamente, é problemática a generalização “o brasileiro” (ou “o japonês”, “o alemão”, “o norte-americano”, etc.). Quando aqui a utilizamos é com o suposto das mil ressalvas metodológicas impostas pela antropologia. Na prática, ao falarmos desses “tipos”, é no sentido, mais potável cientificamente, de *vigencia* (Ortega), aquilo que “se da por supuesto” no convívio social: o que se deve e se pode (ou não) fazer; o que é aceito ou não por uma sociedade.

Um exemplo é o daquele colega coreano, que admitiu a dificuldade, nos primeiros tempos de Brasil, para conseguir seu *breakfast*: onde conseguir peixe e arroz em um país no qual a vigência alimentar impôs até o nome de “café da manhã” à primeira refeição. Finalmente adapta-

do, hoje saboreia sua média com pão e manteiga, disponíveis a rodo em qualquer padaria da esquina.

Sempre tendo em conta as ressalvas metodológicas, falemos de “o brasileiro” e de “o japonês”, nosso anfitrião no Mundial da Fifa. Constatando com a benevolência do leitor, ainda aplicaremos a esses “tipos” nacionais (às *vigências* nacionais), a tipologia de David Keirsey, um instrumento de análise do renomado psicólogo americano, originalmente desenvolvido para classificação de temperamentos de indivíduos...

Tipologias

Keirsey, que modifica as ferramentas teóricas dos *Tipos Psicológicos* de Jung, trabalha com 4 pares de preferências, que dão origem a 4 tipos de temperamento.

Assim, seguindo as abreviaturas de Keirsey, o brasileiro é fundamentalmente P, enquanto o japonês é tipicamente J. A oposição J/P corresponde à preferência pelos procedimentos estabelecidos, determinados, agendados, previstos, planejados, fechados (J) em oposição ao *easygoing*, aberto, indeterminado, que configura a preferência P.

Só com enunciar esse par keirseiano, já se vê imediatamente que o jeitinho brasileiro tem um componente essencial no fator P. Daí que a abertura do *Guia* para brasileiros no Japão tenha sido já uma advertência:

“O japonês não lança mão de artifícios para resolver problemas. Não existe o ‘jeitinho brasileiro’ no Japão. Os transportes são pontuais, os hotéis só atendem com reserva e

os restaurantes não mudam seus pratos a gosto do cliente.”

Outro par, F/T, é também distinto: o brasileiro propende fortemente ao F; o japonês, ao T. F é a tendência a abordar as situações a partir de uma perspectiva pessoal, afetiva, priorizando laços emotivos que nos ligam às pessoas envolvidas no contexto; enquanto T é a abordagem fria e objetiva, impessoal, na qual prevalece a norma e não as condições pessoais dos envolvidos. É a outra meta-essência do jeitinho.

Laços emotivos

Os clássicos Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda já há muito apontaram esse caráter F do brasileiro (para o bem e para o mal) e algumas de suas manifestações em nosso modo de falar, algumas compartilhadas com Portugal.

O uso e abuso dos diminutivos, transbordando afetividade: até nossos mais famosos criminosos e contraventores são Fernandinho, Carlinhos, Marcinho e os sangrentos espetos da churrascaria nos oferecem fraldinha, maminha, coraçãozinho, lombinho...

A colocação do artigo antes do nome próprio (“Me chama o Roberto”, “Encontrei a Fabiana”); ou a substituição afetiva do nome pela primeira sílaba (“Me chama o Rô”, “Encontrei a Fa”). A ênfase pessoal, proibida pela gramática em Portugal, na colocação do pronome oblíquo (“Me chama o Roberto”, em vez de “Chama-me o Roberto). Também a encantadora locução “estar com”, que o brasileiro inventou para substituir o duro e frio

“ter”: “Você está com tempo?; está com dinheiro?; está com o carro? (em vez de: “Tens tempo?”, “*Tienes tiempo*”, etc.).

Ao P e F, juntem-se as preferências keirseianas E, de extroversão (em oposição ao caráter reservado e zeloso pela privacidade do japonês) e S (de ater-se à realidade fática) e teremos o quadro completo do caráter explosivo da presença da corintianada no Japão.

Claro que há cativantes e inegáveis virtudes no ESFP (o tipo keirseiano do “brasileiro”): o proverbial calor humano que permeia nossas relações, a alegria, a espontaneidade, a generosidade e, para o bem e para o mal, a informalidade e a irresistível vocação lúdica, etc.

Esperteza

O problema é que há disfunções típicas nesse perfil, a começar pelo pouco senso de privacidade: o brasileiro expõe suas preferências e até o nome dos filhos em adesivos do carro; fala no celular de seus problemas familiares em alto e bom som, sem se importar com o fato de estar rodeado de desconhecidos; e é capaz de abrir sua intimidade com o primeiro que senta a seu lado no metrô, como se mostra no recente romance *Entre o trem e a plataforma*, de Lucimar Mutarelli (editora Prumo, 2012).

Já no Japão, não se fala ao celular em transportes coletivos, ninguém se expressa ruidosamente em público e o apreço pela privacidade leva os leitores a encaparem os livros que leem no ônibus, trem ou metrô. É a oposição entre o “exibido” e o “reservado”.

Outra disfunção do ESFP, choicante, no caso, é a tendência a ser “folgado”, a resolver tudo com “esperteza”. Imaturidade, irresponsabilidade e impulsividade são outras



Não jogar coisas,
não pular muros nem
dançar nas cadeiras:
brasileiro assusta

PROIBIDO NOS ESTÁDIOS  **GUIA DO TORCEDOR**

A área de exposição de faixa das torcidas é somente atrás do gol. No entanto, mesmo atrás do gol, não é permitido faixa nas cadeiras reservadas. Veja o que o torcedor não pode levar para o estádio ou fazer dentro dele.

▶ NÃO LEVAR

 Latas e garrafas	 Objetos cortantes ou de perfuração	 Qualquer tipo de vidro	 Fogos de artifício	 Líquido, gás ou material químico inflamável
 Buzina ou apito	 Arma de fogo	 Caneta laser	 Arma branca	 Spray
 Drogas	 Rolos de papel	 Auto-falantes	 Bandeiras e faixas com frases ofensivas	 Escada

▶ NÃO FAZER

				
⊗ Brigar ou incentivar brigas	⊗ Lançar objetos nas arquibancadas ou cadeiras	⊗ Permanecer nas passagens de acesso	⊗ Fumar em locais proibidos	⊗ Comer ou beber em locais proibidos
⊗ Sentar fora das cadeiras ou arquibancadas	⊗ Pular em cima das cadeiras	⊗ Fumar em locais proibidos	⊗ Comer ou beber em locais proibidos	⊗ Praticar qualquer tipo de venda
⊗ Pular os alambrados	⊗ Pendurar-se nos alambrados e muretas	⊗ Sentar ou se apoiar nas muretas	⊗ Jogar objetos no campo	⊗ Invadir o campo



Ícones para torcedores no manual criado pelo Ministério das Relações Exteriores: alerta oficial de que lá não é aqui

dibilidade”, que potenciam a zoadade e fazem a vingança da informalidade destes trópicos:

“Embora o Brasil seja um Estado Laico, a CNBB conseguiu aprovar um novo feriado religioso: *Porcus Tristis*” (alusivo ao rebaixamento do Palmeiras);

– Você viu que o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente, o Ibama, está processando a Mancha?

– Ah é, por quê?

– Porque está extinguindo gambás e bambis”.

Formalismo

A crua clareza do *Guia* é necessária ante o temor de nossas autoridades diplomáticas:

“O Consulado não pode assumir dívidas de brasileiro, emprestar dinheiro, pagar a contratação de advogados, retirar detidos das delegacias e prestar informações de natureza turística ou de serviços”.

A boa zoadade não é ostensivamente agressiva, mas disfarça-se de cordialidade e, com um toque de lúdico, tal como na nova forma de mandar tomar no c&: “Ei, Fulano, vai tomar...”. Não se trata do insulto furioso, mas de uma ocasional lembrança. O treino acabou, o técnico já está indo embora, os jogadores o chamam: “Professor, ei professor...” (como que para adverti-lo, por exemplo, de que esqueceu o celular ou a toalha). Ele para, dá marcha a ré, abre o vidro e ouve: “Ei, professor, vai...”.

JEAN LAUAND É PROFESSOR TITULAR SÊNIOR DA FEUSP E DO PROGRAMA DE MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO.

CHIE HIROSE É DOUTORA EM EDUCAÇÃO E CURSA PÓS-DOUTORADO PELA FEUSP. MESTRE EM ANTROPOLOGIA PELA UNIVERSIDADE DE HIROSHIMA.

disfunções que Keirseya aponta como próprias de nosso tipo SP.

Se no Brasil nossas vigências legitimam muito dessa expansividade brincalhona, no Japão, território T e F, não funciona. Daí que, por via das dúvidas, o *Guia* advirta:

“Evite falar alto nos transportes públicos, batucar [sic] ou tocar qualquer tipo de instrumento. Você pode ser retirado do local.”

Por detrás da seriedade do *Guia* do brasileiro no Japão e suas advertências, pressente-se um toque do lúdico brasileiro em seu autor (há impagáveis ícones, como o que insinua o torcedor a não pular em cima dos assentos do estádio), bem na linha do genial samba *Estatutos da*

Gafeira (1954), de Billy Blanco:

“Moço, olhe o vexame / O ambiente exige respeito / Pelos estatutos da nossa gafeira / Dance a noite inteira, mas dance direito / Aliás, pelo artigo 120 / O distinto que fizer o seguinte: / Subir nas paredes / Dançar de pé pro ar / Morar na bebida sem querer pagar / Oi, abusar da umbigada de maneira folgazã / Prejudicando hoje o bom crioulo de amanhã / Será distintamente censurado”.

Essa aparência de formalismo (as rebuscadas “firulas, floreios e rapapés” do bacharelismo a que se refere o ministro Joaquim Barbosa, do Supremo Tribunal Federal) é parte do humor de certas piadas, assim revestidas de “caráter oficial”, de “cre-

REPRODUÇÃO

“Excelenciou” na grande área

**Verbos como “sobrar”
são especializados para
fornecer sentidos que o
léxico nem sempre fornece**

POR JEAN LAUAND

Uma notável qualidade da língua inglesa é o fato de o substantivo ser também já quase automaticamente um verbo. Enquanto o português tem de dizer: “Eu vou pôr isto no micro-ondas”, o inglês diz simplesmente: “I’ll microwave it” (claro que entre nós não cabe: “Vou micro-ondá-lo”).

Mais um par de exemplos, boa amostra do falar real cotidiano nos Estados Unidos, tomados da premiada série cômica *Everybody Loves Raymond* (no Brasil, *Raymond & Companhia*), exibida na TV de lá entre 1996 e 2005.

No episódio 7 da 1ª temporada (“*Your place or mine?*”), Raymond Barone (Ray Romano) está cansado da intromissão, em sua vida, da superprotetora e cuidadora mãe, Marie (Doris Robert). Num diálogo especialmente histriônico, diz a Marie que, se ela quiser “bebezar” alguém (tratar alguém como criança, mimar com cuidados), que “bebeze” Frank (o veterano Peter Boyle, já falecido), seu marido...: “*Look, if you want to baby somebody, go baby Dad*”.

No episódio 23 da 4ª temporada (*Confronting the attacker*), quando Marie começa a ameaçar Frank, chamando-o com a prosódia típica do vocativo de repreensão (“*Fraank...!*”), o marido responde com o inusitado verbo “*to Frank*”: “*Don’t Frank me*”.

Verbos denominais são aqueles derivados de substantivos (“soberba” está na raiz de “assoberbar”, por exemplo: ao virar verbo, especializou o sentido, de “arrogante” e “ vaidoso” para “atarefado” – afinal, mesmo orgulhoso, o soberbo precisa suar para, como deseja, ficar por cima). Por influência do inglês, esse fato gramatical tem se intensificado ainda mais no Brasil. Por exemplo, a imprensa esportiva tem popularizado o neologismo “medalhar” (no sentido de “conquistar medalhas”: “Fulano não medalhou nas Olimpíadas”).

Nossas dificuldades com as ações verbais são, por vezes, supridas por gírias, verbos denominais ou novos usos de velhos verbos. Se podemos dizer tranquilamente que o goleiro Cássio foi excelente na final contra o Chelsea, no plano verbal, já não é tão fácil: não há o verbo “excelenciar” e temos de recorrer a formas menos eruditas, como: “arrasou”, “detonou”, “apavorou” etc. Já “*Tiger Woods excelled*” encontra-se aos milhares na imprensa.

Excelenciar

Para significar excelência, há anos vem sendo usado, com sentido ainda não dicionarizado, o verbo “sobrar”: a manchete do *Terra Esportes*, no glorioso 16/12/12, foi precisamente: “Cássio sobrou na área corintiana nas bolas aéreas”. Até o vetusto *Estadão* o usa, parcimoniosamente. Muito mais usado é outro novo sentido de “sobrar”: atingir, caber, “coisa ruim ou desconfortável” (*Houaiss*), ainda não contemplado pelo *Aurélio*. Nesse sentido, uma das Frases do Ano de 2012 foi a bombástica declaração de Marcos Valério (*Folha*, 3/11/12): “Só não sobrou para o Lula porque eu, o Delúbio e o Zé [Dirceu] não falamos”.

A acepção, popular e coloquial, de “sobrar” no sentido de excelência, acaba coincidindo com o clássico conceito de virtude. De fato, o conceito grego de virtude, *areté*, é melhor traduzido por excelência. E para S. Tomás de Aquino, o melhor referencial da teologia cristã medieval, a virtude dirige-se ao *ultimum poten-*



Cássio "sobrou" na final do Mundial Interclubes, em dezembro: sinônimo de "excelência"

AG. CORINTHIANS

tiae, nada menos do que o máximo do que se pode ser.

Por isso a extrema cautela na época em se atribuir a alguém virtude, considerada mais um ideal assintótico do que algo efetivamente atingível. E, no caso da tradição cristã, especialmente para algumas virtudes, há que se contar com a graça, a força sobrenatural dada por Deus, pois transcendem os limites do humano. Daí que alguns poucos goleiros, que, por Deus, manifestam virtudes heroicas e operam milagres, sejam canonizados, como o caso de São Marcos do Palmeiras e, a partir de Yokohama, São Cássio.

Voltando à escala humana, virtude pode ser aplicada, digamos, ao exímio cobrador de faltas Marcos

Assunção, um autêntico virtuose (claro que ele não converte todas, afinal sempre pode haver um São Cássio do outro lado).

Confundente

Mas o que dizer daqueles especiais gols do Neymar ou do (absolutamente incrível) gol do Falcao em 18/12/12 no jogo das estrelas do Futsal (o vídeo no YouTube <https://www.youtube.com/watch?v=1SGo4RC1FNM> beirou os 4 milhões de acessos em 4 dias): uma indescritível carretilha de costas... os comentaristas hesitam até em dar-lhe um nome, talvez porque duvidem que se possa repetir.

O site de esportes internacional Sportygossip diz: "Falcao has

exceeded himself with this unbelievable goal". Não é meramente exímio: excedeu, sobrou.

E com isto viemos dar com uma importante nota do conceito árabe da palavra virtude: *fḍl* (*faḍlah*).

Como se sabe, na língua árabe as palavras são expressas fundamentalmente por radicais triconsonantais, no caso *f-d-l*, e costumam ser muito mais confundentes do que as "correspondentes" ocidentais. Um exemplo de pensamento confundente dá-se com o nosso "dever", que o inglês diferencia em cerca de meia dúzia de distinções. Assim, no outro dia, dirigindo-me a um colega, vizinho de prédio, a quem frequentemente dou carona, perguntei:

“E aí, vai à USP amanhã?”.
Sua resposta foi:
“Devo ir”.

O leitor (e mesmo o interlocutor) não tem a menor possibilidade de saber o que significa esse “devo”, entre nós, muito confundente. Como traduzi-lo, por exemplo, para o inglês (*should, have to, supposed to, must, ought...*)? Pois, esse “devo” pode ser interpretado desde a mais absoluta e imperativa decisão de ir (“Eu devo ir, senão a USP desmorona”) até a mais descomprometida e frágil intenção (“Eu não falei que iria, eu falei ‘Devo ir’, e aí apareceu um desenho animado legal na TV e eu não fui”).

Allah

Assim, em torno de *fāḥ* confundem-se, entre outras, as ideias de sobrar (exceder, transbordar) e virtude. A virtude, portanto, não é associada a um “mero” máximo, mas ao sobrar, ao transbordante...

Essa acumulação semântica, para eles tão conatural como o nosso “devo ir”, permite sugestivas situações. Como no caso de um pedido qual-

quer: “por favor” em árabe é precisamente: *min faḥlik*, literalmente “da sua transbordância (/ virtude etc.)”. “Da sua transbordância, poderia me dar um cigarro”; que, certamente, não se refere a uma transbordância de cigarros, mas à generosidade da alma da pessoa a quem se pede o favor.

Outra sugestiva situação é a de quando num *happy hour* sobra um último pastel e resolve-se o impasse de a quem cabe o petisco, oferecendo-o a um dos comensais, dizendo: “*Al-faḥli lil faḥyl*” – o que sobra é para o virtuoso (/ transbordante / preferido...).

Aplicada a Allah – à Sua transbordância, favor, preferência, virtude... – *fāḥ* aparece no Alcorão 62 vezes. Allah supera, excede, transborda... Na sura IV (73), são prometidos prêmios divinos aos que fazem boas obras e ainda mais: “Allah lhes acrescentará algo de Sua transbordância”. Há notórios favores de Allah para a humanidade, mas a maioria dos homens nem agradece (II, 243; X, 60; XII, 38 etc.).

A tradição muçulmana dos 99 nomes de Deus reconhece que há ainda, no Alcorão e nos *hadith*, outros nomes (que sobram) de Allah: e certamente o Transbordante (o Obsequioso) é uma dessas características divinas (XXVII, 73), já que os homens, que mal dão conta do básico, só em raríssimos casos, e com os devidos descontos, podem ser chamados de virtuosos.

JEAN LAUAND É
PROFESSOR TITULAR SÊNIOR DA
FEUSP E DOS PROGRAMAS
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO E EM CIÊNCIAS DA
RELIGIÃO DA UNIVERSIDADE
METODISTA DE SÃO PAULO



Cenas da sitcom
Everybody Loves Raymond:
“bebezar” e
“Não me Frankize”

FOTOS: DIVULGAÇÃO/REPRODUÇÃO

Cotidiano

Na ponta da língua

A língua na sala

Diferença entre os verbos “ser” e “estar” é mais profunda do que se imagina

POR JEAN LAUAND E SYLVIO HORTA

Sempre que, em aulas de filosofia, perguntamos aos alunos sobre a diferença entre “ser” e “estar”, rápida, indefectível e unanimemente vem a resposta: “estar” indica uma situação temporária ou provisória; “ser”, definitiva. E a surpresa dos alunos quando ouvem o contraexemplo de Julián Marías:

“Mas... e o Pai Nosso, que está nos céus, está lá de passagem? Nada mais definitivo do que a instalação divina no Céu. Entre as dezenas de usos de “estar”, *está* o de instalação – a duradoura, permanente ou eterna – que condiciona a vida.”

O casamento, por exemplo. Os mais jovens não acreditarão, mas no tempo de seus avós o casamento era duradouro: *de iure* e *de facto*. Havia, quando muito, um ou dois “desquitados” no bairro e divórcios só nos filmes americanos (mesmo nos EUA o *no fault divorce* só foi introduzido em 1970 – na Califórnia – e, formalmente, ainda hoje o estado de Nova York só admite o *divorce at fault!*).

Mesmo nessa época, na Espanha, onde a dissolução do casamento era impensável, a expressão mais usada foi “estar casado”; enquanto no Brasil, esta formulação sugere um casamento efêmero de algum jogador de futebol ou rainha de bateria... É que o “estar casado” espanhol não aponta para a duração do enlace, mas para o modo como o casamento afeta a instalação de vida. Não é por acaso que é chamado de *estado* civil. Estar casado é algo que condiciona e transforma a totalidade da existência: dos horários, rotinas e hábitos até práticas de higiene, reuniões da APM, sogra etc.;

o solteiro podia deixar a louça espalhada sem lavar por dias na cozinha, discutir futebol até tarde com os amigos na padaria ou não trocar a roupa de baixo todos os dias... Uma velha piada espanhola, fala de “cair a ficha” da enormidade da mudança de estado de solteiro para casado (jogando com o *todo/parte*: *ha enterado* em oposição a *ha participado*) dois amigos se encontram: “– E aí me inteirei de que você se casou. – Não, você foi participado; quem se inteirou fui eu!”.

É interessante nesse sentido a regência inglesa to para o casamento: “*married to*”, usada originalmente apenas para mulheres (algo assim como “*maridada* para Fulano”) e depois com sentido estendido também para homens: o casamento é algo relacional de Fulan *para* Sicran e uma amarra (casamento é enlace...); a etimologia de *husband* (segundo o *Oxford English Dictionary*) é *húsbonda*: o detentor (*bonda*) de casa (*hús*), com o mesmo *bond* de laço, que sugere o marido como que amarrado à casa...

Ser e estar

O mesmo caso de instalação de vida, dá-se com a guerra; a guerra é algo em que se *está*, que condiciona fortemente o modo de viver cotidiano. Ou as enchentes em São Paulo, que tanto interferem em nossas vidas e produzem estados: de atenção, de alerta, de emergência ou de calamidade.

Quando as crianças (ou adultos...) decidem dar o *dedinho* e “estar de mal”, instalam-se num relacionamento especial: não trocam figurinhas, não brincam juntas, não se falam... porque estão de mal.

Um outro uso do “estar” é na encantadora expressão “sala de estar”, infelizmente em declínio quanto ao uso consciente, por conta do fato de o próprio “estar” ser cada vez mais raro. A língua inglesa, que não distingue entre ser e estar, chama esse cômodo de “*living room*”; é adequado, mas durante a guerra “*living room*” acabou servindo também para traduzir o *Lebensraum* de Hitler.

O tempo da vida moderna, sobretudo o tempo paulistano, tende a excluir o estar: já o *design* dos restaurantes de fast-food é um convite a dissociar o comer do estar, a arquitetura e a decoração parecem dizer: ingira

de estar

o alimento e caia fora logo. O mesmo se dá com a crescente presença de ruidosa música nos restaurantes, que impedem o conversar; deixando à vontade aqueles que, afinal, temem uma instalação menos superficial no amor ou na amizade.

Amores instalados

As expressões relacionadas ao amor indicam esse caráter de instalação: *to fall in love with* no inglês, enamorar-se no espanhol e no português. Há também o nosso “namorar com”, que, finalmente, consta dos dicionários. Essa intuição do lugar, não necessariamente espacial, mas vital já aparece em Santo Agostinho ao falar do amor como peso, que o levava ao seu lugar, isto é, a se instalar em si mesmo:

“Nosso descanso, nosso lugar (*Requies nostra, locus noster*). O corpo, por seu peso, tende a seu lugar. O peso não arrasta só para baixo, mas para o seu lugar: o fogo tende para cima; a pedra, para baixo. O peso move, dirigindo a seu lugar. O óleo derramado na água fica sobre ela; a água derramada no óleo se situa por baixo: cada um movido por seu peso tende a seu lugar. O que está fora de lugar está inquieto; dirige-se a seu lugar e aquietta-se... O meu peso é o meu amor (*Pondus meum, amor meus*); aonde quer que eu vá, por ele sou levado” (*Confissões XIII,9*).

“Estar” está associado ao vagar (como na deliciosa palavra nossa *de-vagar*), à *holgura* (Julián Marías), à “ausência de tensão de futuro” (Von Hildebrand), àquele “o tempo

parou para eu olhar” de Caetano; dá-se no caminhar descontraído, no passear, no conversar..., na sala de estar. Enfim, no modo tradicionalmente ibérico (e se quisermos exponenciar: baiano) de vivenciar o tempo. Esse estar se projeta na maravilhosa gíria brasileira: curtir. “Curtir” é saborear com calma, desfrutar devagar, como o caldo de curtição beneficia o couro. Um exemplo de articulação dos dois sentidos de “estar” que estamos considerando (instalação e curtição) dá-se na sentença: “Agora que eu estou aposentado, estou curtindo meus netos”.

Novamente encontramos na instalação amorosa a ideia do eterno no momento, do fluir que tem duração. Na letra da canção “Quando eu fecho os olhos” (Chico César / Carlos Rennó) encontramos:

“E aí você surgiu na minha frente/ E eu vi o espaço e o tempo em suspensão

Senti no ar a força diferente/ De um momento eterno desde então

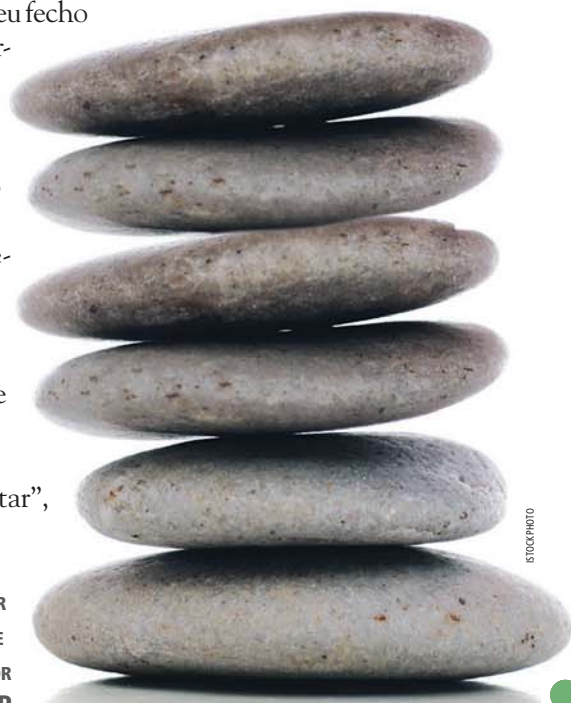
E aqui dentro de mim você demora/ Já tornou-se parte mesmo do meu ser”.

“Ser” que no fundo é “estar”, assentar-se: estar sentado...

JEAN LAUAND É PROFESSOR
TITULAR DA FE-USP E
SILVIO HORTA É PROFESSOR
DOUTOR DA FFLCH-USP



A estrutura é de pedra, mas pode cair a qualquer momento: noção de um estado passageiro simbolizado nas diferenças entre “ser” e “estar”



Ô, meu! Minha nossa Senhora!

Ao introduzir o ponto de vista pessoal em tudo, até na língua, o brasileiro evita formas impessoais na apropriação do tempo e das situações

POR JEAN LAUAND

O psicólogo americano David Keirsey propôs uma fecunda teoria de temperamento e personalidade, a partir da combinação de quatro pares de preferências, que remontam a Jung e a Isabel Myers:

- **I/E** (Introversão / Extroversão);
- **N/S** (iNtuition / Sensible) – A ênfase para o fato em si, o fato bruto (S) ou o fato como ponto de partida para “viagens” da intuição (N);
- **T/F** (Thinking / Feeling) – A preferência pela abordagem de uma situação pelo ponto de vista “objetivo”, impessoal (T), ou, pelo contrário, a abordagem pessoal dos envolvidos na situação (F);
- **J/P** (Judgemental/Perception) – Preferência por situações esquematizadas, fechadas (J) ou, ao contrário, pela situação aberta, o improvisado (P).

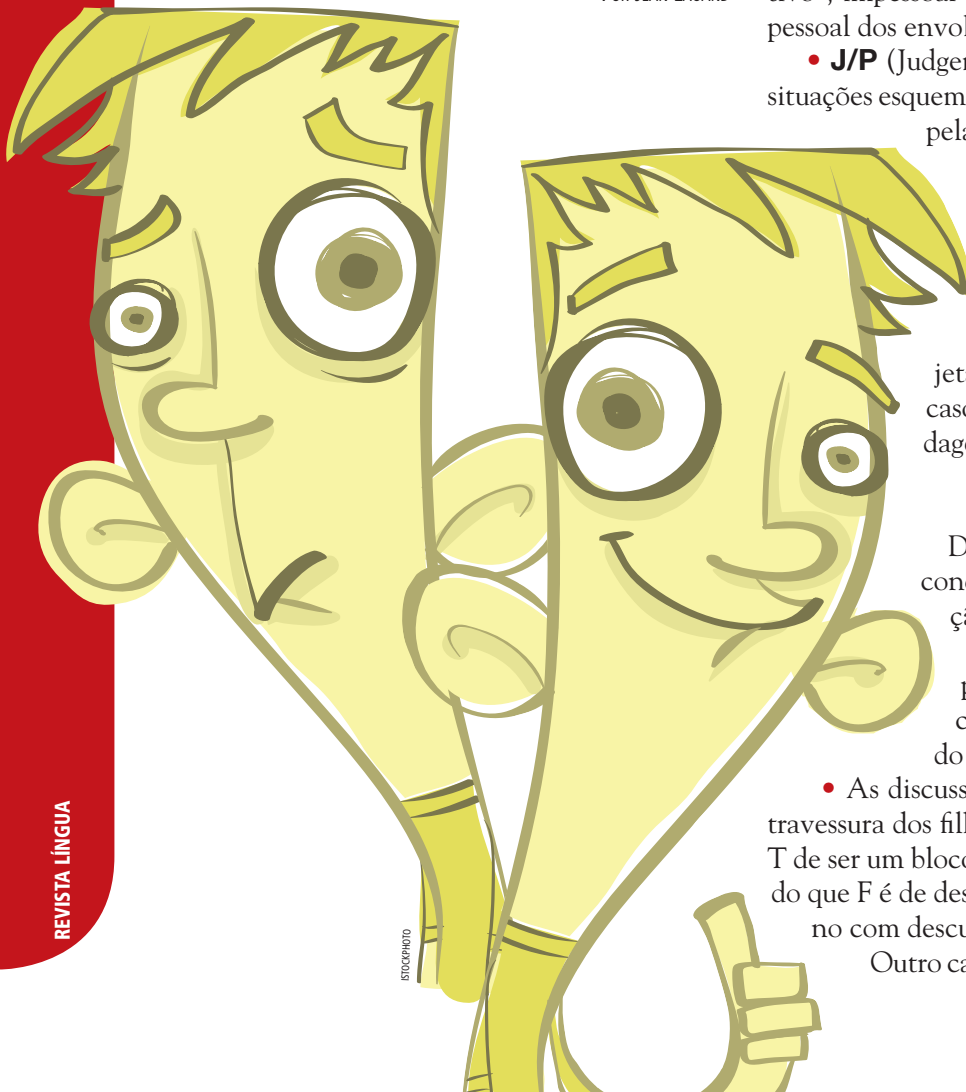
Combinando as preferências, Keirsey analisa 16 tipos (INTJ, INTP, ISTJ etc.) em torno de 4 núcleos básicos de temperamento (NT, NF, SJ e SP). Detalhes à parte, interessa-nos o modo como tais preferências projetam-se na linguagem, limitando-nos ao caso F, o dos que propendem a uma abordagem pessoal das situações.

Mentira sincera

Diferenças de temperamento, claro, condicionam preferências de comunicação e linguagem:

- Alguém J exaspera-se com as imprecisões dos P e prefere marcar um encontro em hora exata aos vagos “depois do almoço”; “amanhã de manhã”;
- As discussões de casais do tipo T e F, quanto à travessura dos filhos, viram mútuas acusações: F acusa T de ser um bloco de gelo, sem coração; T, considerando que F é de descabida brandura, que estraga o menino com desculpas para as traquinagens etc.

Outro caso de preferências F e T na interpreta-



ção semântica da mesma sentença. Os amigos F e T almoçam na churrascaria, conhecem há anos o dono, Sr. Mabilia, e F pergunta ao garçom se há banana à milanesa e abacaxi com canela. Ele traz um abacaxi excelente e desculpa-se pela banana, que, no dia, está em falta. Ao fim, o dono vem à mesa saber se estava tudo bem; ambos dizem que sim. Informado pelo garçom, desculpa-se:

– Faltou a banana, não é?

O F diz sem pestanejar:

– Não, não faltou banana, não faltou nada, estava tudo perfeito!

Ao que T responde:

– É, hoje não tinha banana!

Ao café, F e T discutem: T diz que F mentiu; por delicadeza, sensibilidade e amizade ao Sr. Mabilia, mas mentiu, pois o fato é que não havia banana! F retruca: semanticamente, só falta aquilo que está previsto e pressuposto e não se poderia dizer que, no almoço, faltou Voltaren ou Tylenol, por exemplo, pois ali não é uma farmácia.

(Como no chiste de escola:

– Você, pra burro, falta a pena.

– Tãã... burro não tem penas.

– Então, não falta nada.)

F replica que o almoço estava insuperável e, assim, a banana não faltou, não “fez falta”. A discussão, claro, é interminável:

- T diz que a distorção de F para o lado pessoal leva a ignorar fatos;

- F, acusa T de excessivo apego à realidade “objetiva”, viés que o impede de ver os “fatos humanos”, para além dos “fáticos”, menores.

Um interpreta o faltar, de modo pessoal, como “falta para alguém”; outro, o faltar como fático “objetivo”, de almoxarifado.

Mesmo correndo risco de generalização, cabe falar de preferências nacionais ou regionais: se países como Alemanha ou Japão têm prefe-

rência J por organização, prazos e planejamento, o Brasil tende ao S; se instalam-se no T, aqui se acolhe F. A tese de Gilberto Freyre em *O Brasileiro entre os Outros Hispanos*:

“O hispano pode vir a ser o mestre de uma sabedoria tida, durante séculos, no Ocidente, por hediondo vício: o vício da soberania do homem sobre o tempo, no gozo da vida e na apreciação dos seus valores, com as suas inevitáveis decorrências de impontualidade e de lentidão”

é vista pelo filósofo espanhol Julián Marías como a introdução do ponto de vista pessoal (a pessoa) em tudo, até na língua (*Hispanoamericana*. Madri, Alianza, 1986: 350).

Preferências

Marías exemplifica Freyre com a apropriação pessoal do tempo. Para além do tempo “objetivo”, do relógio, o brasileiro inventa o tempo pessoal: “amanheci triste” (não “a manhã” objetiva, do relógio, do tempo impessoal), mas a minha manhã; o meu tempo, a hora de cada um, de Jesus Cristo (que fala de “sua hora”) ou de Augusto Matraga.

O português conseguiu conjugar de modo pessoal o neutro infinitivo: não exercemos o impessoal “sair”; é o nosso sair: “É bom sairmos porque é hora de irmos”. Para não falar em extremos – como nos fez notar Sylvio Horta, professor de filosofia da FFLCH, da USP – como o da expressão: “Minha Nossa Senhora”.

O brasileiro faz o próprio impessoal virar pessoal: se o francês diz *on* (“*En Espagne on dine rarement avant 22 heures*”), no falar daqui prevalece o “você”, para que o interlocutor sinta de modo pessoal a situação de que fala: “Na Espanha você não janta antes das dez”. A aproximação pessoal dá-se no vocativo paulista “Ô meu”. E nos usos da pa-

lavra “gente”. Na Espanha, “*la gente*” indica a pluralidade genérica; no português esse uso (como no Hino da Independência “Brava gente brasileira...” ou em Camões: “A grita se alevanta ao céu, da gente”) dá lugar a outro, carregado de sentido pessoal, como no vocativo, que evoca incredulidade, ante a falta de virtude humana: “Gente! Que crueldade fizeram com a criança!”, no qual cabe o recurso ao transcendente (Deus ou Nossa Senhora) para corroborar o espanto: “Gente do céu!”.

A pluralidade anônima de “*la gente*” é pessoalizada em “minha gente”; na ocupação do lugar dos pronomes de 1ª pessoa: “eu” (como na queixa do motorista da madame: “Pôxa, a gente se esforça para agradar e a patroa ainda reclama da gente”); “nós outros” (“Por que não vem jantar com a gente?”) e “nós todos” (“Bem que a gente podia se reunir mais”). A sensibilidade e a compreensão estão contidas nas construções “ser muito gente” ou “gente como a gente”. O pronome oblíquo projeta pessoalização: “Não me bata nesse cachorro” (maltratar o cão é maltratar a mim).

Há mais casos da preferência F no Brasil: o “estar com” em vez do “ter” (que suaviza a fria e dura posse do “ter”, indicando gentilmente que o carro, o dinheiro etc. é de todos nós, independentemente de a pessoa “estar com o carro”, “estar com dinheiro”); o excessivo uso do diminutivo, que convoca o afeto, chegando a extremos como a criação do neologismo “euzinha”! Etc.

Prato cheio para os F do meu Brasil...

JEAN LAUAND É PROFESSOR TITULAR DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA USP E AUTOR DE CULTURA E EDUCAÇÃO NA IDADE MÉDIA (MARTINS FONTES). JEANLAUA@USP.BR

É grande pra caramba

A vocação brasileira para o exagero seria responsável por expressões que tornam visível o uso intensificador apoiado pela preposição

POR JEAN LAUAND

O gosto brasileiro por intensivos e hiperbolicantes acaba gerando uma enorme gama de formas para expressar essa exagerada demanda de sinônimos. E no falar do povão, a preferência é para formas agressivamente expressivas, para o chulo em lugar das comportadas: grande, muito, intenso, enorme, extremamente etc.

A gíria vai se encarregando de criar expressões, embora mantenha as “clássicas”. Ligadas a palavrões (disfarçadas ou não), duas são de longe as mais usadas: “puta” (ou na versão família: “baita”) como adjetivo e “prá car*%\$#” (na versão atenuada: “pra caramba”). Para avaliar a popularidade de cada uma, iremos registrando o número de incidências no Google (em 10-7-12), abreviando por Gg, seguido do número de sites em cada caso.

Elogio com palavrão

De “puta”, diz o *Aurélio*:

3. Bras. Chulo. Excepcional, excelente: “Eles fizeram um puta show”; “Ela era uma puta médica”.

4. Muito forte: “Recebeu dois puta(s) socos”; “Estava fazendo um puta frio.”

5. Extremamente grande: “Compramos uma puta casa.”

Estamos tão acostumados a essa expressão que já não questionamos o fato surpreendente de que

um amigo em grau máximo deva ser um “puta amigo”; um show impecável, “um puta show”, etc. (“um puta”: Gg 890 mil; “uma puta”: 3,92 milhões – mas este caso inclui o “puta” substantivo...).

Aurélio registra o uso (“paradoxal”) de “filho da puta” como elogio de excelência: “O filho da puta é inteligente: estudou pouco e mesmo assim passou em primeiro lugar” (*Aurélio*). O uso é antigo e não exclusivamente nosso: já no *Quixote*, Sancho bebe da bota e exclama:

– ¡Oh hideputa bellaco, y cómo es católico!

E seu interlocutor:

– ¡Veis ahí – dijo el del Bosque, en oyendo el hideputa de Sancho –, cómo habéis alabado este vino llamándole hideputa?

E Sancho sentencia:

– Digo – respondió Sancho –, que confieso que conozco que no es deshonra llamar hijo de puta a nadie, cuando cae debajo del entendimiento de alabarle.

Caramba

A outra campeã nacional de uso – no gradiente de atenuação: “caceta” e “caramba” – é “pra car*%\$#” (Gg 2,54 milhões + 80,5 mil de “para car*%\$#”; “pra cacete”, 650 mil; “para cacete”, 19 mil; “pra caramba”, 2,81 milhões; “para caramba”, 141 mil). Um puta amigo é um “amigo do c*” ou “amigo pra c*”.

Certamente, já o recurso ao palavrão contribui para o impacto intenso, precisamente pelo inusitado: imagine-se que usássemos a sinonímia sugerida por *Houaiss* e disséssemos que Fulano é um insigne ou ínclito amigo, exímio jogador, etc. Ou que a Embratel apresentasse Bruno Mazzeo ou Maria Clara Gueiros exortando-nos: “Faz um 21 que está deveras barato”.

Se se trata de tornar visível o muito, o intenso de que se fala, compreende-se o recurso ao c* (que ajunta ao pênis o descomunal) e à puta, que, até por razões de marketing e ofício, precisa abundar, ostentar, exuberar.

Assim, em ambos os casos, estamos diante de um grau máximo de uma escala concreta, visível e não abstrata



como muito, grande, etc. E são mais expressivos do que os congêneres (alguns já em desuso):

- À beça (Gg 217 mil)
- Pra burro, pra cachorro, pra chuchu (104 mil)
- A rodo (276 mil)
- Milhões, às pampas (44,2 mil)
- Toda a vida, a boche, a mancheias, uma pá de (1,5 milhão)
- (chique) no *último* (75 mil)
- Pra danar (40,4 mil)
- A/prá dar com pau (109 mil e 138 mil)
- (Para) dar e vender (770 mil)
- De baciada (12,3 mil)
- De montão (754 mil)
- Do tamanho de um bonde (102)
- Pra dedéu (1,26 mil), etc.

Fórmula

Naturalmente surge a pergunta: por que o “para” em “pra car*%\$#”, “prá burro” (Gg 208 mil), “pra cachorro” (990 mil), etc.? É claro e normalíssimo o uso de “para” em metáforas como: “dose para/prá elefante” (Gg 18,9 mil / 25,6 mil), “dose para/prá leão” (Gg 31,8 mil / 33,8 mil):

“Traduzir 30 páginas num dia é dose para leão”, “não aguento aquele chato: é dose para elefante”. Em vez do abstrato “muito árduo ou tedioso” é bem mais expressivo evocar uma seringa de injeção de elefante. Ou a dor da ação contundente do pé sobre as partes mais sensíveis: “aquele aula foi um pé no saco”.

Caberia também “pé para o saco”; não esqueçamos que há um “para” de proporcionalidade, consagrado na linguagem matemática “três está para seis como quatro para oito”. Se preferirmos, a fórmula de equação:

$$\frac{\text{Esta aula}}{\text{Sensibilidade do aluno}} = \frac{x}{\text{Saco}}$$

R.: x = pé

É grande pra caramba

Filosofia

Esse “para” de proporção, adequação, aparece também quando dizemos, por exemplo:

“Meu Deus, 40 graus, está insuportável. Isso não é calor para São Paulo; isso é calor para Saara”.

E entendemos o porquê de “pra burro” quando consideramos que o burro é usado como cargueiro, “burro de carga”, que assumiu o sentido figurado de “pessoa que recebe tarefa excessiva...” (Aurélio). Essa quantidade imensa é para burro.

Do mesmo modo, o chuchu, cuja dadivosa colheita pode chegar a espantosas 145 toneladas por hectare (!), deu origem ao “pra chuchu”.

Proporção

Antes de considerar a expressão “pra car*%\$#” (/ caramba, / cace-te) notemos que, nesses casos, “para” equivale a “de” e “pra c...” a “do c...”. Dizer: “isto é calor para Saara” é dizer “isto é calor de Saara”. Cavalos de batalha é cavalo para batalha. Um céu tranquilo é “céu de brigadeiro”, ou seja, céu para brigadeiro (que, como chefe hierárquico, não vai se expor a riscos ou turbulências).

Do mesmo modo, *king size* é o tamanho do rei, para o rei, adequado ao rei, proporcional à grandeza do rei... E a mulher muito bela é “de parar o trânsito”, bela para parar o trânsito ou mesmo para levar à morte, “linda de morrer” (expressão que, por superstições e tabus de gente influente na mídia, foi suplantada pela inexpressiva “lindo de viver”). E, como disse a ministra Gleise Hoffmann, Dilma não é mulher para (/ de) ceder a chantagens.

O car*%\$# aparece como concretização do grande do descomunal. Um célebre apócrifo – desses que circulam na internet, “O direito ao palavrão” (atribuído a Millôr,



Chamada da *Playboy* e anúncio com Mazzeo: “exagero eufêmico” ganhou a preferência da linguagem brasileira

Veríssimo etc.) – traz uma sutil e pertinente sugestão:

“Qual expressão traduz melhor a ideia de muita quantidade do que ‘pra caralho’? ‘Pra caralho’ tende ao infinito, é quase uma expressão matemática. A Via Láctea tem estrelas pra caralho, o Sol é quente pra caralho.”

Mais de metro

Diante da inigualável excelência (o c* é a melhor representação do infinito), o “para” indica mera aproximação: “O Neymar está mais para Messi ou mais para Pelé?”. E a um referencial que tende ao infinito, só há aproximação assintótica, daí o “para” brasileiro, que, na expressão em foco, melhora, refina o uso de Portugal, que prefere o “como”: “Isto é bom como caralho” (cf. <http://pt.wiktionary.org/wiki/caralho>; ou <http://www.docspt.com/index.php?topic=4704.0>)

Também lida com medidas enormes a expressão “pra mais de metro” (Gg417 mil): “esse pênalti vai dar discussão para mais de metro”. Jogando com vários duplos sentidos, a *Playboy* fez uma célebre capa com Cláudia Co-

Assine
Via Embratel.
Tá barato
pra caramba!



lucci, a Cacau do BBB 10, mulher para macho nenhum botar defeito.

Para além de cumprimentos, tomam-se também referenciais no âmbito administrativo: não se trata da rua, bairro, município ou estado: “a garotada fez uma bagunça federal” (Aurélio), “passou-lhe uma descompostura federal”, ou também, evocando as cores da União: “se f* de verde e amarelo”.

Profusão de formas intensivas e hiperbolizantes, mas, de longe, a mais usada é pra car*%\$#, também ela uma expressão ‘muito foda’ (Gg 2,68 milhão), ‘da porra’ (1,68 milhão)... do car*%\$#.

JEAN LAUAND É PROFESSOR TITULAR SÊNIOR DA FEUSP E TITULAR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

Sujeito indeterminado

Expressões como “Ele é o cara” comunicam a preferência brasileira pela indeterminação

POR JEAN LAUAND

Le fils de l'homme (1964),
pintura de René
Magritte



REPRODUÇÃO

No falar coloquial brasileiro – permeado de afetividade, eufemismos e pessoalidade –, diversas palavras usadas para indicar indeterminação do sujeito nem sempre cumprem a função; ao sabor do contexto, por vezes restringem ou mesmo suprimem a indeterminação e acrescentam sutis aspectos novos à comunicação, transitando do genérico ao pessoal e vice-versa.

Começamos pela palavra “cara” (como veremos, superampla, mas preferentemente referindo-se a homens). À primeira vista, esgota-se no verbete do *Houaiss*: “Indivíduo qualquer; sujeito, pessoa”. Ou na do *Aurélio*: “Pessoa que não se conhece. Indivíduo; sujeito.”

Mas, as surpresas logo surgem, a primeira delas é a apontada por ambos os dicionários: salta-se do indeterminado “pessoa que não se conhece” para “forma de tratamento com familiaridade” (*Aurélio*) e “interlocutório pessoal” (*Houaiss*): “Cara, com você posso me abrir...”. E buscas no Google (25-5-12) de “Cara, eu te amo” e “Eu te amo, cara”, somadas, superaram 1 milhão de resultados!

Polivalência

“Cara” pode referir-se ao próprio falante, deliberando com seus botões, falando a si mesmo: “Não costumo dar esmola, mas ao ver aquela miséria, eu disse: Cara, vou dar um dinheiro”. Contradições se sucedem: “cara” tem um lado pejorativo, de tirar solenidade e

importância a pomposas autoridades e trazê-las de volta ao mundo dos comuns, como no caso da adolescente da publicidade: “Leio o *Estadão* porque o cara que prepara o vestibular também lê”. Na Idade Média, se os cardeais demoravam (em ocasiões, meses) para eleger um papa, deixavam os caras a pão e água para que o Espírito Santo os iluminasse...

Por outro lado, “cara” é o autor de proezas: “O cara é o único brasileiro profissional de beisebol nos EUA”. E “o cara” é o melhor, o cara que vai e resolve! Neymar é o cara.

Mas “cara” é também protagonista de casos exóticos, esquisitos, inusitados: “Meu, o cara come cachorro quente com chantilly!” ou “O cara é capaz de beber uma latinha de cerveja de um gole só”.

Jornal Nacional

Mesmo nesses casos, a linguagem escorreita do *Jornal Nacional* se recusa a usar o vocábulo, até em situações nas quais ele seria o mais indicado. A edição de 27 de abril, por exemplo, trouxe reportagem sobre um inglês falsificador de pintores célebres, que, após um ano de cadeia, regenerou-se e hoje o cara ganha muito mais vendendo legalmente suas cópias de quadros famosos. Qualquer brasileiro que relatasse o fato diria “cara”, mas William Bonner optou pelo correspondente menos vulgar, e um tanto antiquado, “sujeito” (para não ir ao arcaico “camarada”): “Marcos Losekann traz o caso de um sujeito...”. Buscando no Google (26-5-12) “esse sujeito” temos 320 mil resultados; 3,5% dos 8,8 milhões de “esse cara”!

“Cara” é usado também para o caso padrão, o um qualquer, o *uno* do espanhol: “O cara para ir daqui até o Rio paga R\$ 42 de pedágio”.

O diminutivo “carinha” (/nego

ou neguinho) cabe melhor em situações desfavoráveis: “O ônibus estava tão cheio, que tinha carinha saindo pela janela”; “Rolou tanta cachaça, que tinha carinha vomitando direto”. Também em casos de pretensão descabida de um “sujeitinho metido”: “O carinha errou todas e continuava se achando o Messi”. Ou outras más qualidades: sujeitinho/carinha atrevido, egoísta, nojento etc.

Sendo “cara” muito amplo, em algumas ocasiões restringimos para indeterminados menos indeterminados: “os homens” (ou “os home”, “os homi”), para o adversário do futebol: “Putz, gol dos home!”; para a polícia, fiscais do rapa, etc.

Já no jargão da polícia, o indeterminado para marginais ou suspeitos é “o elemento”. Menos ofensivo, mas ainda no negativo, está “o indivíduo”: “Basta você parar num semáforo e já vem um indivíduo pedir” ou “Estacionamos e aí já apareceu um indivíduo oferecendo-se para tomar conta do carro”.

Neutralidade

Mais neutro, cabe também “um fulano” (com as devidas variações em fulana, fulaninho, fulaninha): “Eu estava andando no centro e vi um fulano sendo assaltado”.

Já “mulher”, como vocativo, pode expressar a visão (talvez preconceituosa) do homem que se dirige à companheira: “Presta atenção e dirige direito, mulher!”. Ou: “Dá para parar com esse ciúme histérico, mulher!”. Outros vocativos convocam a assumir a postura própria da classe, torcida, partido, corporação: “Que que é isso, companheiro?” (militante trotskista tomando Coca-Cola!); “Atitude, mano!” (Gavião tem de sair na porrada com a Mancha) etc.

Muito usado antigamente era “o cristão”, em casos que requeriam

virtudes como a paciência: “Não há cristão que aguento”.

Para o brasileiro, campeão de eufemismo, “moço”, e o feminino “moça” ou “menina” (com quase 50 anos de carreira, ainda hoje se fala em “as meninas” do Quarteto em Cy), pode designar uma pessoa qualquer, não necessariamente jovem... Ou algum serviçal: “Ih, a bateria arriou, minha neta, sobe e chama o moço da portaria”. Ou o mais formal, já em desuso: “Um cavalheiro deixou este envelope para você”.

Indeterminação

Indeterminado, designando um qualquer, está também “o cidadão”: “Já pedi mil vezes para me tirar da lista, mas o cidadão continua me enviando e-mails de publicidade”.

Para tirar o foco do eu, o que poderia parecer interesseiro, pode-se usar o indeterminado “os outros” aplicado a si mesmo, com a aparência de reivindicar justiça geral. Assim, diz o marido que dá um tranco no fulano que mexeu com sua esposa: “Isso é para você aprender a se engraçar com a mulher dos outros” (nada pessoal...). Ou a aluna, queixando-se para a “tia”, do Joãozinho, da carteira de trás: “Professora, o Joãozinho está dando tapa na orelha dos outros”. Ou com aspecto ainda mais genérico, mas determinadíssimo: “Professora, tem gente dando tapa na orelha dos outros”.

Se “tia” é mais a professora, “tiozinho” é o “senhor de idade”, mais para pejorativo, o antigo “véinho”. “Filho” ou “filha” não se limitam a descendentes de seus pais. Podem ser dirigidos a alunos (“Filha, muda de lugar ou vou ter de pedir a você que entregue sua prova!”), clientes jovens etc. Já “velho” pode ser usado para o pai: o próprio ou o do interlocutor: “E aí, seu velho já liberou o

Sujeito indeterminado

Filosofia



"Golconde" (1953), de René Magritte

REPRODUÇÃO

sítio? Ô meu, já me deu a chave do carro?" Pode ser forma de tratamento de camaradagem, dado mesmo a quem não seja idoso: "Barbaridade, velho: a média da turma foi 4,0!".

Nessa dialética tão a gosto do brasileiro, estão outros usos do impessoal que se torna pessoal: se o francês diz *on* ("En Espagne on dine rarement avant 22 heures"), aqui prevalece "você", para que o interlocutor sinta de modo pessoal a situação de que fala: "Na Espanha, você não janta antes das dez".

A aproximação pessoal dá-se em nossos usos de "gente". Na Espanha, *la gente* indica a pluralidade genérica; no português o uso (como no Hino da Independência "Brava gente brasileira..." ou em Camões: "A grita se alevanta ao céu, da gente") dá lugar a outro, carregado de sentido pessoal, como no vocativo, que evoca incredulidade, ante a falta de virtude humana: "Gente! Que

crueldade fizeram com a criança!", no qual cabe o recurso ao transcendente para corroborar o espanto: "Gente do céu!". A pluralidade anônima de *la gente* é pessoalizada em "minha gente"; na ocupação do lugar dos pronomes de 1ª pessoa: "eu" (como na queixa do motorista da madame: "Pôxa, a gente se esforça para agradar e a patroa ainda reclama da gente"); "nós outros" ("Por que não vem jantar com a gente?") e "nós todos" ("Bem que a gente podia se reunir mais").

E, aparentemente no sentido contrário, o tratamento pessoal por formas genéricas, neutras, que parecem ampliar a dignidade ou o âmbito do interlocutor: "E aí, chefia..." ("chefia" é mais geral, amplo, indeterminado que o concreto "chefe"); "Ô, malandragem, vê aí um misto quente..."; "Firme aí, simpatia?"; "Vai com calma, amizade!". Etc.

Mesmo o genericíssimo "a pes-

soa", pode indicar apenas "eu", como nos esquetes de Maria Clara Gueiros e Nelson Freitas: Márcia e o corno Leozinho do humorístico *Zorra Total* (Rede Globo). O esquema era fixo: ela, flagrada em evidente situação de oferecer-se a outros homens, acabava convencendo o marido ("Contornei...") de que tudo não passava de um mal-entendido: "Não, meu amor, você entendeu mal... Os peões da obra estavam comprimidos em volta de mim porque era um piquete e eu estava ajudando as reivindicações deles. Pôxa, a pessoa não pode lutar por justiça social que já é mal interpretada".

Pessoal

Já "pessoinha" presta-se a ser o modo afetivo de referir-se a fofas crianças, bebês (mesmo ainda os nascituros) ou até animais: "Não chama a Sissi de cachorro, ela não sabe que é cachorro; ela pensa que ela é uma pessoinha".

Imagine a perplexidade de um turista japonês ou suíço ouvindo um típico telefonema comercial em que se misturam formas adocicadas de tratamento com palavrões. O Chicão, da loja de ferramentas, fala com Mendonça, seu fornecedor: "... Já sei, meu querido, mas o pedido veio errado, car%\$#@! Eu tinha encomendado cinco grosas do sextavado e vocês me mandaram do outro... Não, meu bem, eu só preciso do hexagonal: sextavado, porra!... Você me troca ainda hoje? Tá obrigado, abração, meu querido".

Difícil é fazer a gringalhada entender essas e outras sutilezas de nossa língua; afinal, pelo menos algum requinte o brazuca tinha de ter.

JEAN LAUAND É PROFESSOR TITULAR SÊNIOR DA FEUSP E PROFESSOR TITULAR DO PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

Milton jaguaretê

Aniversário do cantor vira pretexto para retomada de concepção de ser humano contida numa de suas composições mais geniais

POR JEAN LAUAND

Muitas (e sempre insuficientes) têm sido as homenagens a Milton Nascimento neste 2012, no qual celebramos seus 70 anos de idade e 50 de carreira. Diz, por exemplo, Maria Rita: “A forma como o Milton compõe: essa mistura do ultrabrasileiro, daquela região..., de Minas (...) com as letras, com aquela consciência, com aquela voz...” (Arquivo N, GloboNews, 22-8-12).

O universal, o clássico, a partir da mineiridade... É bem o que ocorre com uma de suas mais geniais canções: *Yauaretê* (Milton + Fernando Brant), do álbum de mesmo nome, também celebrando data marcante: 25 anos. Canção nem sempre lembrada, pouco compreendida, mas de assombrosa genialidade.

Yauaretê

Ao focar a palavra tupi *jaguaretê* (como o faz Guimarães Rosa, em conto), Milton + Brant atingem o próprio centro da problemática antropológica e ética, clássica do Ocidente e, a seu modo, dos Orientes. Trata-se do problema da compreensão do próprio ser do homem e sua realização. Tal concepção pode resumir-se na memorável formulação do poeta Píndaro, lá vão 500 a.C.: “Torna-te o que és!”. A sentença recolhe, da forma enxuta, um conceito-chave para o pensamento grego: a *areté*.

Para os propósitos deste breve espaço, *areté* poderia ser traduzida por “virtude”, mas, por diversas

razões (como a falta do uso vivo dessa palavra: quem de nós a ouviu ou a falou recentemente?), os tradutores preferem vertê-la por “excelência” do ser. A excelência, o máximo, superlativo do ser de algo: *areté* no golfe é Tiger Woods; *areté* de atacante é Neymar em dia inspirado; *areté* de cavalo não se encontra em um panga-ré qualquer, mas no ímpeto do cavalo árabe.

O caso torna-se problemático quando o pensamento grego – com Sócrates e Platão – indaga pela *areté* do homem. Sal que é sal, salga; centroavante que é centroavante, mata; homem que é homem... o quê?

Areté

Nestes 2.500 anos de antropologia e filosofia moral não chegamos nem perto de uma resposta cabal sobre a *areté* do homem, o que é natural nas questões filosóficas.

Seja como for, há – em diversas culturas – algumas constantes: a afirmação de que a moral se enraíza no ser – e até com ele se confunde – é uma convicção universal. Bem entendido, o ser em processo de busca dessa excelência; daí Tomás de Aquino falar da virtude como o máximo que se pode ser e o filósofo alemão contemporâneo Josef Pieper tenha resumido o ideal da virtude/*areté* como “processo de autorrealização”: *selbstverwirklichungsvorgang*. (Nem é preciso dizer que, em nenhum caso, essa *areté* é pensada como algo exclusivamente do eu individual, à margem do outro; pelo contrário, a autorrealização passa pela abertura e sempre vige a conhecida sentença de Ortega y Gasset: “*Yo soy yo y mi circunstancia y si no la salvo a ella no me salvo yo*”).

A afirmação da *areté* como ideal moral não é apanágio da filosofia, mas encontra-se em diversas instâncias: é o sentido profundo do “*To be or not to be*” shakespeariano (*that is the question...*), encontra-se na *Comédia* de Dante, na tradição confuciana; do “Torna-te...” de Píndaro às *tourneures* da língua tupi...

Na *Divina Comédia* (Purg. XXIII, 31-33), ao tratar da recomposição do ser desfigurado pelos desvios morais, encontramos este enigmático terceto:



DIVULGAÇÃO

LATIM



Omo (homem)

CHINÊS



Ren (homem)

Fei-ren (imoral)

As múltiplas possibilidades do ser humano

Em composições como *Yaguaretê*, Milton Nascimento reaviva uma desconfiança antiga de muitos filósofos, a de que a moral se enraíza no ser – e, por consequência, nas línguas. Na *Divina Comédia*, Dante registrou poema em que reconhece a feição humana na própria grafia do latim *omo* (homem). E Confúcio – seguindo a tradição do Extremo Oriente – dizia que a moral é o ser homem, o que seria refletido pelas palavras para “ser humano” (ren, em chinês / jin, em japonês: a virtude da humanidade também é ren, cujo ideograma se obtém por uma “duplicação” do ideograma ren-homem, um homem a dois: aberto para o outro), enquanto o imoral (fei-ren) é o não homem, como plasticamente indica o ideograma da negação e da falsidade, da desestruturação desde dentro, da desagregação, anteposto ao ideograma ren homem

Pareciam-lhes os olhos anéis
sem gemas

E quem no rosto dos homens
lê “homem”

Bem poderia reconhecer o M

Que significa este misterioso M? (em me rima com gemme). O sentido dos versos é que a ação injusta atenta contra o ser de quem a pratica, desfigura-o, rouba-lhe o *to be*, o rosto humano – poeticamente figurado, em concretismo, na palavra “OmO” (omo em latim significa “homem”).

Também para Confúcio – e a tradição do Extremo Oriente, registrada não só em seus tratados sapienciais, mas enraizada nas línguas – a moral é o ser homem (*ren*, em chinês / *jin*, em japonês; e a virtude da humanidade também é *ren*, cujo ideograma se obtém por uma como que “duplicação” do ideograma *ren*-homem, ou seja um homem a dois: aberto para o outro), e o imoral (*fei-ren*) é o não homem, como plasticamente indica o ideograma da negação e da falsidade, da desestruturação desde dentro, da desagregação, anteposto ao ideograma *ren* homem.

Tupi

Curiosamente essas ideias fundamentais (da excelência, do máximo, do ser ou não ser...) são encontradas na sabedoria do tupi. Ensinam as gramáticas que o superlativo em tupi constrói-se pelo sufixo *-eté* ajuntado a um termo. Assim, se *jaguar* designa diversos animais, de cachorro a onça, *jaguetê* é a “onça máxima”, a mais feroz. Tal como a *areté* grega, o sufixo *-eté* significa não só o superlativo, mas aquele que é de verdade.

Já o contrário de *-eté* faz-se com o sufixo *-rana*, cujo significado é o de: parecido, no sentido de falhado, fracassado, o que parece mas não é. O oposto de *-eté*. Se *jaguetê* é a onça por excelência, *jaguarana* é

Yauaretê

Composição pede à máxima onça a
revelação do máximo no homem

Senhora do fogo, Maria, Maria
Onça verdadeira, me ensina a ser
realmente o que sou
põe a sua língua na minha ferida
Vem contar o que fui,
me mostra meu mundo

Quero ser jaguetê
Meu parente, minha gente,
cadê a família onde eu nasci?

Cadê meu começo, cadê meu
destino e fim?

Para que eu estou por aqui?

Senhora da noite,
senhora da vastidão

Ouvir pegadas e pegar
Seguir a sina de sangrar
para se alimentar

Tem de guerrear, lutar,
matar para sobreviver

Pois assim é a vida...

Quem vem lá?

É onça que já vem comer

Quero ser a onça, meu jaguetê
Quero onçar aqui no meu terreiro
Vou onçar sertão e mundo inteiro
Já está na hora da onça beber o seu
Vou dançar com a lua lá no céu
Dama de fogo, Maria, Maria,
Onça de verdade, quero ter a luz
Ouvir o som caçador

Me diz quem sou, me diz quem fui

Me ensina a viver meu destino

Me mostra meu mundo,
quem era que eu sou

É onça que já vem comer;

A onça, meu jaguetê



um cãozinho medroso que foge de gato... *Ibi-eté* é a terra boa e fértil; *ibirana*, a estéril: parece terra, mas falta-lhe a virtude de terra.

Ora, para o tupi – que usa o sufixo *eté* como intensivo, superlativo e índice de verdade ontológica – o homem bom moralmente é *aba-eté*, o homem de verdade, que se aproxima da *areté* de homem. Enquanto o homem imoral é *aba-ran*, pseudo-homem.

Ser Milton

O drama ético-existencial transcende o âmbito da filosofia acadêmica e atinge a arte popular, na genial canção de Milton. Na inspiradíssima letra, o homem dialoga com a onça *yauaretê*, a onça Maria, pedindo-lhe – a ela que já atingiu a *areté* de seu ser-onça: *jaguar-eté* – que lhe ensine o correspondente ser-homem.

Ser onça de verdade, onçar superlativamente é, na comparação, fácil; trata-se apenas de: pegar, sangrar, lutar, matar... Mas, e eu que sou homem? Que devo fazer para ser abaeté? Onça Maria, me ensina a ser realmente o que sou; me mostra meu mundo, quero ter a luz, me ensina a viver meu destino e descobrir quem era que eu sou...

Daí que outro grande gênio, Tom Jobim, preferisse o apelido de *Jaguetê* para Milton, em vez do muito menos expressivo (embora consagrado) Bituca: “Meu *Yauaretê*, minha onça verdadeira. Você é o rei da floresta, rei da mata brasileira. Meu Taquaraçu de espinho, meu carioca mineiro. Meu amor e meu carinho. Uiarapuru verdadeiro. O amador de passarinho”.

JEAN LAUAND É PROFESSOR TITULAR SÊNIOR
DA FEUSP E PROFESSOR TITULAR DO PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA
UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

Mostrar escondendo

Palavra árabe para “metáfora” revela traço de sentido comum a línguas ocidentais como o português

POR JEAN LAUAND

Um dos mais intrigantes fatos semânticos do árabe é a metátese, transposição de fonemas dentro de uma palavra, frequentemente com relação de sentido entre as formas metatéticas. Pode ser uma útil unidade auxiliar de compreensão de fenômenos do português.

Em nossa língua, se tomamos a palavra “porta”, podemos encontrar metáteses como: trapo, rapto, parto, tro-pa. Mas não há relação de sentido entre elas e, se houver (como se alegraria entre “parto” e “porta”), costuma ser casual. Exceto em poucos casos que remetem à mesma etimologia, como “terno” e “tenro”, ou a engasgos de pronúncia, como “estuprar” e “estuprar”, “depredar” e “depedrar”. Podem surpreender pela conexão de sentido (mas são casuais...) metáteses como: “desnor-teia” e “desorienta”; “podre” e “poder” ou “senador” e “desonra”.

No caso da língua árabe, o que conta é o radical triconsonantal, que é o núcleo semântico das palavras (as vogais, que frequentemente nem são grafadas, fazem a determinação periférica do sentido). Se aplicássemos a leitura “árabe” a nossas palavras, “obsoleto” seria aparentado com “basalto” e “Datena” imediatamente associado a “detona”.

Considerando em “carta” só as consoantes *c-r-t*, teríamos no mesmo campo de significados: carta, careta, certo, corta, curto, acerto, Creta, Crato, etc. e ampliar-se-ia o número de metáteses: troca, treco, torce, recato, retaco, cátar, etc. Mas as metáteses continuariam independentes e, se houvesse relação de sentido (como, jocosamente, em “pastel” e “paulista”), seria casual. O que não impede que se busquem tiradas, como entre “Clint Eastwood” e “*Old West Action*”, e versos jogando com “tálamo” e “túmulo” ou “filas”, “vilas”, “favelas”, etc.



Ilustração de Robert Stewart Sherriffs para edição londrina de livro de Omar Khayyam, lançada em 1967

Já, na língua árabe, metáteses são tão frequentes e dotadas de sentido que é difícil afirmar casualidade quanto decifrar o intrigante mistério desse fato de linguagem.

Exemplos: *B-r-k* é o radical de “abençoar”. *K-b-r* é “ser grande” (a bênção é engrandecimento: de colheitas, família, sucesso, etc., a tal ponto que *q-l-l* é “ser pouco” e, no hebraico bíblico, “amaldiçoar”).

Na tradição semita, a bênção é ligada sobretudo à primogenitura: *b-k-r*! Se “viajar” é *s-f-r*; *f-r-s* é o “cavalo”. *X-r-b* é beber; *b-x-r* é alegrar-se, boas novas. Etc. etc. etc.

Esses exemplos foram escolhidos de propósito, procurando associá-los a palavras familiares ao leitor: *b-r-k* como no nome do presidente dos EUA: abençoado, Bento. *K-b-r* (como no Alcácer kibir, o grande Alcácer); *s-f-r*, como em “safári”; *f-r-s*, como no “alferes” Tiradentes. *X-r-b* (“xarope” – o h supre em português a letra p, inexistente em árabe); *b-x-r* (“alvíssaras”: *al-besharah*).

Metáfora

Essa introdução sobre metáteses árabes é para discutir um caso de especial importância sobre a palavra para “metáfora”: o radical *m-th-l*.

Primeiramente, é necessário destacar outro ponto em que as línguas semitas divergem das ocidentais: o pensamento confundente (Ortega), isto é, o acúmulo numa única palavra árabe de significados que nós distinguimos em diversas palavras.

Mathal em árabe (ou seu correspondente em hebraico *mashal*; pl.: *amthal* e *mashalim* resp.) é uma dessas palavras “confundentes”.

Assim, se quisermos cobrir o campo semântico em torno do radical triconsonantal *m-th-l*, encontraremos: metáfora, provérbio, parábola, comparação, exemplo, modelo, ditado,

adágio, semelhança, analogia, equivalência, símile, apólogo, imagem, ideal, escultura, tipo, lição, representação diplomática, interpretação teatral ou cinematográfica, etc.

Amthal (parábolas, metáforas, provérbios etc.) são realidades humanas universais, mas têm especial força na comunicação oriental: se – falando tipicamente – o pensamento grego e ocidental “tem sua praia” no *logos*, na argumentação lógica; o *mathal* – sempre falando em tipos – é “a cara” do Oriente. Cristo não está preocupado em elaborações conceituais nem empreende requintados debates lógicos: dEle, o evangelho diz – Mt 13, 34-35 – que só falava em *mashalim*, parábolas:

“E sem parábolas nada lhes falava, para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: ‘Abrirei a boca em parábolas; proclamarei coisas ocultas desde a fundação do mundo’”.

Perguntado pelo “próximo”, Cristo não procura estabelecer aristotelicamente uma conceituação teórica (“A diz-se próximo de B se, e somente se, tal e tal...”), mas simplesmente conta a parábola do bom samaritano.

Poesia

Quando o poeta Omar Khayyam, em suas *Rubayat*, transbordantes de pensamento metafórico, resolve falar de “modo direto” sobre a condição humana e chega a advertir que não vai se valer de *amthal*..., imediatamente tem uma recaída:

Para falar claramente e sem metáforas (!?)

Somos as peças do xadrez jogado pelo Céu

Que brinca conosco no tabuleiro do ser

E depois... voltamos, um por um, à bolsa do Nada.

Para efeitos deste estudo, retemos de *mathal* o significado central de metáfora. Os dois exemplos anteriores já insinuam duas paradoxais funções da metáfora: velar e revelar; esconder e mostrar: em Khayyam, ocultar; em Cristo, mostrar. Mas, mesmo revelando, as parábolas de Cristo servem para ocultar e Ele mesmo diz:

“Por isto, Eu falo em parábolas: porque eles, olhando, não veem, e ouvindo, não compreendem!” cumprindo assim a profecia de Isaías: ‘Ouvireis e não compreendereis’” (Mt 13, 13).

Amthal

Incrivelmente, a paradoxal dualidade da metáfora expressa-se em duas metáteses de *M-th-l*: *Th-L-M* (fazer uma abertura), brecha que permite ver e *L-Th-M* (velar, encobrir). Como o turbante (*al-muLaThaM*) que encobre o rosto dos militantes.

Evidentemente, no ensino e em toda comunicação valemo-nos constantemente de metáforas (e comparações etc.): elas permitem a compreensão rápida e vigorosa de uma situação abstrata: a dificuldade, digamos, de uma empresa em crise é trazida para o concreto pela metáfora da sinuca ou da sinuca de bico; ou pela genial metáfora tupi “pinda-íba” (anzol-estragado). É o lado revelador da metáfora, que, como dissemos, também pode esconder.

Essa dialética esconde-revela torna-se particularmente importante – no Alcorão, na Bíblia e na mentalidade medieval – quando referida a nosso discurso sobre Deus: nossa linguagem humana, formada no sensível, derrapa e é incapaz de falar com propriedade sobre o divino. Daí a necessidade de metáforas.

Quando Tomás de Aquino discute a conveniência de que Deus se revele por metáforas e comparações

Mostrar escondendo

Filosofia

na Sagrada Escritura (I, 1, 9), após lembrar que o ensino por comparações sensíveis é o mais adequado à natureza do homem (espírito intrinsecamente unido à matéria), enfrenta a objeção de que ocultam a verdade. E responde:

“O raio da divina revelação não se extingue por ser comparado ao sensível em que se envolve, mas permanece em sua verdade: cabendo às mentes que são destinatárias da revelação ascender a seu sentido superior...”

E diz que, mesmo para aqueles a quem as parábolas permaneciam veladas – porque não eram dignos ou capazes de apreendê-las em seu sentido profundo –, “melhor lhes era receber esses ensinamentos velados, do que ficar totalmente privados delas” (III, 42, 3).

Também no Alcorão é muito claro o duplo caráter das metáforas: revelar / esconder. Allah vale-se de metáforas para esclarecer os fiéis, por exemplo em 30, 028: “Allah propõe metaforicamente: E assim explicamos detalhadamente os sinais aos que raciocinam”; mas também para obscurecer e confundir os que insistem em ficar fora do caminho! Como, por exemplo em 74, 031:

“Para que os infiéis digam: ‘Que é o que Allah pretende ao propor metaforicamente?’”

E em 2, 26 encontramos:

“Allah não se envergonha de falar metaforicamente, mesmo que se trate de um mosquito. Os que creem sabem que é a verdade que vem de seu Senhor. Já os que não creem, dizem: ‘Que é o que Allah está propondo metaforicamente?’. Assim, Ele extravia a muitos e também encaminha a muitos. Mas não extravia senão aos perversos.”

Alegoria

Para o Alcorão, para a Bíblia e a mentalidade religiosa antiga e medieval, as coisas do mundo são metáforas, sinais de Deus: as coisas não são só o que são; são, antes de tudo, pistas para compreensão da fala de Deus: como enigmas a serem decifrados. O mundo é visto como alegoria.

Explicando o que é alegoria, diz Agostinho:

“Chama-se alegoria a palavra que soa de um modo, mas acaba significando outra coisa diferente. Por exemplo, Cristo é chamado cordeiro (Jo 1,29); acaso é Ele animal? Cristo é chamado leão (Apo 5,5); acaso é Ele fera? É chamado pedra (I Cor 10,4); acaso é Ele dureza? É chamado monte (Dan 2,35); acaso é Ele elevação de terra? E, assim, há muitas palavras

que soam de um modo, mas são entendidas de outro e a isto se chama alegoria” (En. 103, 13).

Nesse quadro, criadas pela Inteligência do Logos, as coisas do mundo trazem uma mensagem cifrada sobre Deus e as verdades eternas, como se diz nos famosos versos – PL 210:579 – atribuídos a Alain de Lille:

Omnis mundi creatura (Do mundo, toda a criatura)

Quasi liber et pictura (Como livro e pintura)

Nobis est speculum. (É um espelho para nós)

Nostrae vitae, nostrae mortis (De nossa vida e morte)

Nostrae status, nostrae sortis (De nosso estado e destino)

Fidele signaculum. (Sinal confiável)

Compreendemos assim uma das razões para o imenso cultivo de enigmas e adivinhas na Idade Média: são como que um modelo da fé e do conhecimento da verdade religiosa (cf. <http://www.hottopos.com/notand18/enigmas.pdf>). Referindo-se às verdades de Deus, São Paulo as equipara a enigmas. O Apóstolo diz na I Epístola aos Coríntios (13, 12) que hoje vemos confusamente como em um *enigma*, mas que um dia as veremos com clareza: tal como acontece, quando se resolve uma adivinha.

Assim, metáforas (& cia.) brincam de esconde-esconde (ou esconde-revela) com nossa compreensão do mundo, do homem e de Deus. E o próprio Jesus, como Verbo Encarnado, é Ele mesmo, um *mathal*: muitos não viam nEle senão um mero homem, o “filho do carpinteiro”.

JEAN LAUAND É PROFESSOR TITULAR SÊNIOR DA FEUSP E PROFESSOR TITULAR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO



Velha expressão

Filmes e HQs fazem passeio pelo universo das frases feitas que sobrevivem apesar de perdidas as referências de origem

POR JEAN LAUND

Uma vez estabelecida uma frase feita ou uma metáfora, ela pode acabar prevalecendo sobre o termo original sobre a qual ela se produziu. Hoje em dia, por exemplo, quase ninguém sabe o que é “bugalho”, termo da fitopatologia, que significa “noz de galha” (Houaiss, 2009); mas muitos usam a frase feita “(confundir, misturar) alhos com bugalhos” e a metáfora “esbugalhado”.

“Bugalho”, em consulta ao Google, aparece com 239 mil resultados (19-3-12); muitos deles como sobrenome (José Bugalho, Maria Bugalho etc.) e muito associado à expressão “alhos (e/) com bugalhos” (201 mil no Google). Já “olhos esbugalhados” é mais conhecido (228 mil no Google) e o termo metafórico acabou prevalecendo sobre o original, que quase ninguém conhece.

Geracional

A linguagem está muito ligada às gerações. Julián Marías acertadamente estabelece o espaço geracional, em termos de participação social, em quinze anos. Então, com a atual média de vida do brasileiro, convivem cinco gerações no país. As distâncias de linguagem são por vezes acentuadas e se, por um lado, o bisavô não entende as gírias da garotada, por outro, os jovens usam cegamente as frases feitas dos mais velhos. E não é fácil prescindir delas. Como expressar rápida e eficazmente (o *amthal* tem esse aval), por exemplo, a vontade de A, em determinada situação, de abortar a tentativa do interlocutor, B, de envolver A em um problema que é só de B? E mais: dando a entender, ademais, a ironia de que B desfruta dos sucessos sozinho, mas na hora do aperto, quer dividir o problema com A, mas que desta vez passou da conta?



FOTOS: REPRODUÇÃO

da nova geração

O exemplo a seguir ilustra muito bem o *gap* geracional de que estamos falando. A situação se resolve com a usadíssima expressão “Nós quem, cara-pálida?” (“quem cara pálida” aparece, segundo o Google em 110 mil sites! em 26-12-11).

Cara-pálida

Numa conversa entre pessoas de 60 anos, eles sabem muito bem a finíssima ironia e devastador conteúdo do que estão dizendo; mas e os adolescentes, que também se valem da expressão? No “Yahoo – respostas”, encontrei a pergunta:

Qual a razão de se chamar o índio [sic] de “cara-pálida”? Até hoje não entendi isso... Que significado tem chamar o índio de “Cara-Pálida”!? Bjus e obrigada pelas respostas!! (<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20070312075324AAZ0sxz>, 26-12-11))

A geração dessa mocinha (e mesmo a de seus pais) nunca terá assistido a westerns de índios (os pelesvermelhas em contraposição aos caras pálidas); mas há cinquenta anos esses filmes eram o pão de cada dia, no cinema e na TV. E, como todos de minha época se lembram bem, o Zorro não era (principalmente) o de capa e espada, mas um *ranger* mascarado (daí também a expres-

são “ficar mascarado” do futebol): o mascarado Zorro enfrentava casos incríveis e perigosíssimos, afetando naturalidade).

A expressão “Nós, quem, cara-pálida?”, procede de uma piada do início dos anos 60. A TV brasileira exibia o seriado do herói *Lone Ranger*, que, no Brasil, foi batizado de Zorro; um *ranger* sempre acompanhado de seu fiel e servil índio Tonto. Um dia Zorro e Tonto encontram-se encurralados por índios sioux de um lado; comanches, apaches e moicanos pelos outros lados. Quando acaba a munição, Zorro se lamenta: “Nós estamos perdidos, Tonto”. Tonto faz sua melhor pose de índio, capricha no sotaque e responde: “Nós, quem, cara-pálida?”.

Agora que a Disney lança uma nova versão cinematográfica da dupla de heróis, com Armie Hammer como Lone Ranger e Johnny Depp no papel de Tonto, há maior chance de as novas gerações não ficarem boiando toda vez que se questionar da referência a que corresponde a expressão.

Amigo da onça

Interessante também é o caso da expressão “amigo da onça” (1,89 milhão no Google, 19-3-12). Como se sabe, certos provérbios e expressões estão ligados a histórias ou anedotas, resumindo-as numa breve sentença. É o caso, entre nós, dessa expressão, proveniente daquela piada do caçador que está narrando ao amigo os percalços de seu encontro na selva com uma onça e o amigo, impaciente por saber o fim da história, interrompe com



Armie Hammer e Johnny Depp, como Lone Ranger e Tonto na nova versão para cinema da série de TV *Zorro* (acima): “Nós, quem, cara-pálida?”

Velha expressão da nova geração

Audiovisual

perguntas que antecipam a tragédia: “E a sua espingarda, não funcionou?”, “E, aí, você escorregou?” Até que o caçador se aborrece e indaga: “Espera aí, afinal, você é amigo meu ou amigo da onça?”.

A piada é da década de 40 (ou até anterior) e a expressão impôs-se com a genial criação do cartunista pernambucano Péricles de Andrade Maranhão (1924-1961), em 1943, para a então importante revista *O Cruzeiro*, na qual apareceu até 1972 (pelas mãos de outro ilustrador, Carlos Estevão).

Olhar atual

A série de cartuns com o personagem sofisticado mas de espírito de porco até hoje é lembrada com carinho – e tem sido capaz de inspirar obras contemporâneas, como vinhetas da MTV, novas séries de charges e filmes como o curta-metragem *A Última do Amigo da Onça* (direção de Terêncio Porto, 2005, 17 minutos), que imagina o encontro de Péricles com seu personagem no último dia de 1961.

Mas a perda de conexão entre a expressão “amigo da onça” e o chiste que a gerou chegou a tal ponto que a piada foi retomada num programa da *Escolinha do Gugu* (rede Record, 18-3-12), pelo personagem caipira José Bento (ator João Elias), mas sem o desfecho clássico: “Você é amigo meu ou amigo da onça?” Embora de redação e interpretação brilhantes, a piada ficou empobrecida, reduzida a uma mera “mentira de caipira”.

José Bento – ...tinha um murão de pedra na minha frente e eu pulei.

Prof. Gugu – Mas onça também pula muro!

JB conta que fugiu por um espinheiro e PG argumenta que onça também atravessa espinheiro. JB



narra que atravessa um rio, e PG lembra que onça também nada.

JB – Tá bom, aí ela me pegou.

PG – E o que aconteceu?

JB – Eu morri...

Perdeu-se a metáfora original. Esse fato merece uma reflexão pedagógica mais ampla.

Língua-realidade

Só se dispomos de linguagem viva podemos acessar uma realidade: sem a linguagem é muito difícil perceber a realidade. As centenas de termos do futebol é que permitem a compreensão do jogo, tanto em seus aspectos técnicos quanto psicológicos (expressos por termos como: catimba, tabu etc.). A catimba pode ser punida pelo juiz porque existe a palavra catimba. E é um fato inquietante que não dispomos de lin-

guagem especializada para diferenciar sentimentos (não temos palavras para diferenciar amores tão diferentes como “amor pelo irmão”, “pelo filho”, “pelo cachorro”, “pelo time” etc.), mas encontramos precisão de alta definição nas ligeiras variações de um lance determinado de chutar uma bola: bicicleta, meia-bicicleta, puxeta, voleio etc.

A existência da linguagem viva permite combater socialmente atitudes indesejáveis: é mais fácil para o italiano do que para o brasileiro matar as abusivas pretensões do *facilone*, porque a língua italiana dispõe da específica palavra “*facilone*”, enquanto nós só temos o genérico “*folgado*”.

Estou dando uma carona para alguém e ele diz: “você pode me dar uma paradinha nesta agência de banco, eu vou só abrir uma pou-



Fábio Lago e Chiara Pascotini em *A Última do Amigo da Onça* e o personagem de Péricles (acima): referência perdida

pança com o gerente e volto em no máximo cinco minutinhos”. Na Itália, a própria existência da palavra já impediria a descabida proposta: todo mundo sabe que abrir uma conta de poupança não é assim fácil: leva no mínimo quarenta e cinco minutos. Só o facilone (talvez sinceramente...) imagina que não há fila, que o gerente vai estar lá, que os papéis vão fluir rapidamente etc.

Assim, uma das grandes contribuições da metáfora é a de dotar toda uma comunidade da possibilidade de identificar rapidamente e de modo enxuto (e, se for o caso, desmascarar) atitudes que, sem a metáfora, seriam muito abstratas ou complicadas para a comunicação: com a genial metáfora da gíria: “não é minha praia”, o carioca expressa – como se diz em espanhol: “de modo

gráfico”, contundente – que não se sente à vontade naquela situação, não é sua especialidade, que prefere outra coisa que lhe seja familiar etc. (os ingleses, no caso, dizem, também de modo expressivo: *It is not my cup of tea!*).

Expressividade

A expressão “amigo da onça” faz visualizar uma sutil atitude tão comum no brasileiro e que a língua alemã designa por *Schadenfreude*, a alegria, o gostinho de ver o outro se dar mal: um acidente na estrada congestionada também a pista do sentido contrário: cada motorista quer avaliar com calma os estragos. Um time brasileiro vai enfrentar um Tegucigalpa na Libertadores, a torcida dos outros times compra quilos de rojões para o caso de sair um gol do Tegucigalpa. E, claro, não assume publicamente essa preferência e, em todo caso, dirá que sua bisavó paterna era hondurenha e sente uma simpatia pelo “Tegu” desde criancinha...

Quando essa atitude se torna ativa e induz sutilmente o outro a uma fria, temos o amigo da onça, infelizmente hoje uma metáfora opaca.

JEAN LAUAND É PROFESSOR TITULAR DA FEUSP (APOSENTADO) E DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

O português no inglês

A nova versão eletrônica do Oxford English Dictionary traz a contribuição de palavras da língua portuguesa ao idioma dos britânicos

POR JEAN LAUAND

Em julho foi lançada a versão 4.0 em CD-ROM do *Oxford English Dictionary*, com o significado, história e pronúncia de mais de meio milhão de palavras. O OED rastreia o uso dos verbetes nas diversas fontes internacionais do inglês: são mais de dois milhões e meio de citações, que vão da literatura clássica a roteiros de filmes; de especialistas a livros de cozinha. A versão 3.0 tinha sido lançada em 2002.

Um exercício interessante para o estudioso da linguagem (e para o sociólogo) é o de verificar os verbetes importados ou procedentes do português, que foram incorporados ao OED – como *addition* ou como inclusão provisória, *draft entry* – nestes últimos sete anos.

Geralmente, a importação de uma palavra dá-se quando a língua local recebe uma realidade nova, vinda de uma outra cultura (ou fortemente marcada por ela); novidade para a qual os falantes locais não estavam preparados linguisticamente.

Se hoje o futebol é paixão nacional para os brasileiros, os mais velhos ainda são do tempo em que muito do seu léxico era importado ou diretamente adaptado da língua dos fundadores: desde o próprio nome *foot-ball*, até como se dizia antigamente, *corner* (escanteio), *goal-keeper* (goleiro), beque (imitando *back*)... e, ainda hoje, mal reparamos que pênalti é, afinal, *penalty* e gol é *goal*.

O mesmo se dá com os usos (e abusos) da linguagem da informática “*clicar o botão direito do mouse*” (em Portugal, mais purista, “carregar com o botão direito do rato”), “fazer *download*” etc.

Caipirinha para inglês ver: a palavra é um dos novos verbetes no dicionário Oxford, ao lado de “*feijoada*”, “*lambada*” e “*umbanda*”



Naturalmente, há outros fatores, do pedantismo ao eufemismo, mais ou menos legítimos, para além da existência de adequado equivalente nacional: a padaria, bem periférica, em Santana do Parnaíba é “Parnaíba’s Center”; e todo mundo prefere dizer “soutien” do que “ampara seios”; no restaurante perguntamos pela “toilette” em vez de mictório... E, assim, na culinária, nas artes, na moda, na tecnologia etc. vamos importando palavras, buscando o diferencial de expressividade que têm na língua original. *Talyb* é, no dicionário, aquele que estuda e seu plural é *Talyban*; mas talibã envolve algo mais do que estudo de livros...

Pique nacional

Para efeitos de estrangeirismos, a influência do inglês é dominante no âmbito da tecnologia; e muito do francês, no do *charme* (não por acaso, uma palavra francesa); quais as palavras brasileiras que fo-

ram introduzidas nesta nova edição do OED?

Muito poucas. As que começam a invadir a realidade dos países falantes do inglês, ou porque são notícia ou objeto de estudo por lá. Como *additions*, entraram verbetes como “várzea”, terreno plano sujeito a inundações periódicas – *In Brazil, (an area of) low-lying, flat land which is subject to periodical flooding* – e a tribo “urubu”; mas, mais significativas são: *feijoada* e *feijão*; *garimpeiro*, *lambada*, *umbanda* e *umbandista*; e a tribo *yanomamo* (a do massacre...).

Na parte de citações do OED, encontramos, por exemplo, que meio milhão de umbandistas foram a uma celebração na praia, ou que embora eu esteja calmo, meus nervos estão como numa lambada:

1977 *Times* 24 Nov. *Half a million umbandistas were on the beach that day.*

1993 *Coloradoan* Fort Col-

ins 28 Mar. *I’m trying to act and sound calm but my nerves are doing the lambada.*

Há uma dúzia de principais entradas experimentais (*draft entry*): ebene (pó psicoativo empregado em rituais yanomami), açaí, capoeira e capoeirista, cavaquinho, farofa, telenovela, caipirinha e caipiroska, cachaça, candomblé, churrasco e churrasceria.

Na verdade, a capoeira, as churrascerias, telenovelas e caipirinhas parecem ser realidades não provisórias e que foram para ficar, conquistas culturais que tendem a se expandir e arraigar no exterior.

Tanque

No campo das não novidades, o OED, desde edições anteriores, traz interessantes casos de palavras do português que se arraigaram internacionalmente. Alguns exemplos:

- **Fetiche** (*fetish*) (a. F. *fétiche*, ad. Pg. *feitoço* n. *charm*, sor-

Um idioma além-mar

Por Luiz Costa Pereira Junior

Os portugueses ficaram na história por cruzarem a faixa ocidental da península ibérica em naus capitâneas, atrás de especiarias, escravos e mundos. O português foi língua de marinheiros no Atlântico do século 16 e, depois, no Índico, idioma de viagem e de comércio na América, África e sul da Ásia. Influenciou reinos (como Congo e Warri), marcou línguas (iorubano, japonês, papiamento e iorobo), derivou o crioulo (Cabo Verde, Casamansa, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe). No quadro das próximas páginas, palavras levadas ao léxico de outros povos por influência portuguesa mostram ecos de quando os lusitanos ditaram os passos europeus no mundo.



Léxico

cery (from which the earliest Eng. forms are directly adopted). (Originário dos objetos usados pelos negros da costa da Guiné para fins de encantamento).

- **Massagem** (*massage*) (It is perh. a. Pg. *amassar* to knead, f. *massa dough* (= *mass* n.2).)

- **Tanque** (de guerra), para não revelar o segredo militar, ao fazer os primeiros tanques (de guerra), os construtores diziam ser tanques (de água) (*Tank* n. 7 [Special use of tank n.1 adopted in Dec. 1915 for purposes of secrecy during manufacture.] *Tank* n. 1...others think that they are all derived from Pg. *tanque pond* = Sp. *estanque*, F. *étang*:—L. *stagnum pond*, pool, with which at least the Indian words were identified by the Portuguese).

- **Comando** (*commando*) grupo militar autônomo para missões rápidas: a palavra aplicou-se às expedições portuguesas na África do Sul [a. Pg. *commando* ‘command, party commanded’, f. stem of *comman-*



Um idioma além-mar

O PORTUGUÊS CRIADO NA ÁSIA

Casta – Os portugueses usaram o termo em 1516 para nomear as elites indianas, que não admitiam miscigenação, com o sentido de “classe ou condição social”. Até o século 13, o termo nomeava todo “animal” ou “linhagem de homens” (talvez tomado do gótico “kasts” – grupo de animais, ninhada de pássaros).



• **Cobra** – Do latim vulgar *colobra*, latim clássico *colubra*, deu em português “cobra” e assim foi parar no castelhano e no inglês (que usa o termo só para as serpentes que inflam o pescoço). Correu o mundo depois que os portugueses pisaram na Índia em 1496 e batizaram a naja de “cobra de capelo” (cobra de capuz). Os espanhóis usam “culebra” e os ingleses, “snake”, para nomear cobras mais comuns.





A Universidade de Oxford, cujo dicionário já incorpora termos de origem portuguesa, como “tanque”, “massagem” e “fetiche”

dar to command.] *I.a. A party commanded or called out for military purposes; an expedition or raid: a word applied in South Africa to quasi-military expeditions of the Portuguese or the Dutch Boers (esp. the latter) against the natives.*

- **Jaguar** – Palavra tupi-guarani para diversos carnívoros, do cão à onça [a. Tupi-Guarani yaguara, jaguara. *According to writers on Tupi-Guarani, jaguara or jagua is orig. a class-name for all carnivorous beasts, including the tiger (i.e. jaguar), the puma, etc.*

Direto das selvas

Como “jaguar”, outras palavras fizeram carreira, oriundas das selvas brasileiras, como lembra Sérgio Correia da Costa, em *Palavras Sem Fronteiras* (Record, 2000):

- **Catinga** – Do guarani *kati*

(cheiro pesado) e de seu derivado *ykatyngai* (fede mal). Deu nome a europeus que só tiravam a roupa, para asseio, em último caso. No espanhol desde 1889, como “cheiro desagradável de animais e plantas”.

- **Crioulo** – Nomeava o branco nascido nas colônias americanas, derivado de “criar” + sufixo “oulo” português, para quem a palavra discriminava o escravo nascido na casa de seu senhor. O termo foi parar na Espanha como *criollo* em 1590.

- **Inhame** – Na versão *Ñame* em espanhol, resultado dos contatos de portugueses e bantus (*nham* é onomatopeia do ato de comer).

- **Guaraná** – Usado na língua inglesa, mas sem acento.

- **Ananás, caju e mandioca** (ou *manioc*) – Usados no francês.

- **Pirarucu, piranha** – Observados junto a franceses e a ingleses.

JEAN LAUAND É PROFESSOR TITULAR DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA USP

DE IBEROS PARA IBEROS

Chamariz – “Reclamação, sonho, ave que atrai outras”, derivado de “chamar” (do latim *clamare*). Adotado em 1601 na Espanha como nome de um pássaro menor que o canário.



REPRODUÇÃO



Lancha – Bote grande para navegar próximo à costa. Termo surgido em 1540 (a variante “lânchara” é de 1515), que o tomou da palavra malaia para “rápido”.

Ostra – Na Espanha por via portuguesa, vem do latim *ostrea* (do grego *óstrekon*, concha, derivado de *óstreon*, ostra). A forma castelhana é *ostria* (século 15) ou *ostia* (1335) – ainda se diz *ostión* na Andaluzia. A redução de *ostria* em *ostia* era jogo herege com “hóstia”. Ao inibir-se o sacrilégio, generalizou-se a forma portuguesa na Espanha.





PHOTOPRO

O diplomata da língua árabe

Tradutor do Alcorão para o português brasileiro mostrou como conhecer o pensamento de uma sociedade pelo estudo de seu idioma

POR AIDA HANANIA E JEAN LAUAND

Em 2012, celebramos duas importantes datas redondas, em torno de um único personagem, marco importante, fundacional, dos estudos árabes entre nós: o 90º aniversário do professor Helmi Nasr, que há exatos 50 anos fundou o Curso de Língua e Literatura Árabe na USP.

Nasr é autor de um pioneiro dicionário árabe-português, da tradução para o árabe de *Novo Mundo nos Trópicos*, de Gilberto Freyre, e da monumental tradução, única em nossa língua feita diretamente do árabe, do Alcorão (ou do “sentido” do Alcorão, como querem os muçulmanos, pois, para eles, o livro sagrado é indissociável da língua árabe), com preciosas notas. Esse trabalho, entre

tradução e revisões pela Liga Islâmica Mundial em Meca, durou 22 anos e foi finalmente publicado em 2005, pelo “Complexo do Rei Fahd”, a instância mais oficial do Islã.

Sua carreira como homem de paz e integração (dois dos significados do radical árabe *s-l-m*, de palavras tão fundamentais como *islam* ou *salam*) foi coroada em 2007, quando passou a integrar o seletivo grupo (de 21 membros) do Conselho dos Sábios, instância máxima de eruditos da Liga Islâmica Mundial.

Universidade

A USP hoje, prestes a completar 80 anos, era, em 1962, uma universidade muito jovem de um país que, instalado em séculos de atraso, começava a viver, então, grandes mudanças econômicas e culturais. A imagem que o brasileiro tinha do mundo árabe era muito diferente na época: não se falava de islamismo nem de muçulmanos, não havia nada parecido com o protagonismo exercido hoje (pós Opep) pelos países árabes. Eram uns países remotos, indiferenciados e exóticos, muitos deles ainda colônias, atrasados, inexpressivos ou dominados por potências ocidentais (1962 é o ano da independência da Argélia).

Um pouco mais conhecido era o presidente do Egito, Gamal Abdel Nasser, que teria decisiva importância para a história dos estudos árabes no Brasil, pois atendeu ao pedido do presidente Jânio Quadros de enviar um professor de árabe para a USP e mantê-lo por oito anos até que a universidade o contratasse.

É nesse contexto que surgiram os Estudos Orientais, na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, minúscula se comparada à atual FFLCH. Mesmo quem considera as dificuldades e delongas para

a contratação de professores na universidade pública, ficará assombrado que a “Seção de Estudos Orientais” foi criada apenas em 1962, inicialmente instalada junto ao Curso de História.

Graças ao empenho de Nasser e Nasr, São Paulo ganhou um espaço acadêmico, de excelência, à altura de sua colônia árabe. Parece incrível que, com a importância que a cultura e a língua árabe têm para São Paulo e o Brasil, só há 50 anos – e por conta de uma história de aventuras, digna das *Mil e Uma Noites* – viéssemos a ter esses estudos universitários.

Lógicas das línguas

No fim dos anos 80 e começo dos 90, sob sua orientação, lançamos um ambicioso projeto editorial, que contou com colaboradores do porte de Roshdi Rashed, Miguel Cruz Hernández, Hassan Massoudy (o maior calígrafo árabe do mundo), Evanildo Bechara, Jamil Almansur Haddad, Milton Hatoum, Josef Pieper, etc.: a *Revista de Estudos Árabes*; a revista *Collatio* (em parceria com o Departamento de Estudios Árabes da Univ. Autónoma de Madrid) e dez livros da coleção *Oriente e Ocidente*. Nessa época, Nasr empenhou-se, com os autores deste artigo, em outra árdua missão: a criação do curso de pós-graduação em língua, literatura e cultura árabe, desde o começo muito mais frutífero do sacrificado empenho nosso do que de apoios institucionais...

Precisamente sobre a língua árabe, passamos a oferecer ao mestre Nasr e ao leitor brasileiro sete (número simbólico na tradição oriental) conceitos resultantes de pesquisas sobre o sistema língua-pensamento árabe (Lohmann): a ausência do verbo “ser”, a associação imediata de imagens, o pensamento con-

fundente, o radical trilitere, as metáteses, o voltar-se para o concreto, a prevalência do passado.

É que, no sistema língua-pensamento árabe, em vez dos longos e complicados discursos ocidentais, encontramos um rápido e cortante suceder de flashes, em frases nominais, provenientes de uma imaginação fulgurante com a irresistível força da imagem concreta.

Assim, uma cena como a de abater um pássaro, seria, no limite, descrita por um ocidental nestes termos:

“Estava um pássaro a voar no céu, quando eu o vi. Ora, ao vê-lo, interessei-me por ele e, portanto, dado que dispunha de uma atiradeira, muni-me de uma pedra, mirei-o, disparei a atiradeira a fim de atingi-lo; de fato atingi-o e, portanto, ele caiu, o que me possibilitou apanhá-lo com a mão”.

Proverbial

Já o árabe, tende a apresentar essa mesma cena do modo como o faz Tom Jobim em *Águas de Março*: “Passarinho na mão, pedra de atiradeira”. Os enlaces lógicos ficam subentendidos por detrás da sucessão de imagens. E o mesmo ocorre, por exemplo, com este verso da mesma canção: “carro enguiçado, lama, lama” (em clave ocidental: “O carro enguiçou devido à avaria provocada por excesso de lama”...).

Tal associação imediata de imagens é propiciada pela ausência do verbo “ser” como verbo de ligação na língua árabe, tal como, paradoxalmente, ocorre em *Águas de Março*. Naturalmente, a presença constante do verbo “ser” na letra da canção não invalida o caráter oriental do pensamento (onde se empregam frases nominais e não o “é”), pois trata-se da forma fraca, descartável, desse verbo. E a orientalização chega

O diplomata da língua árabe

Linguística cognitiva

ao extremo quando no final da canção, interpretada por Tom e Elis (Elis com riso mal contido), o verbo “ser” é suprimido e se diz, simplesmente:

Pau, pedra, fim caminho
Resto, toco, pouco sozinho
Caco, vidro, vida, sol
Noite, morte, laço, anzol

Outros aspectos, tipicamente árabes, do poema são as formas “chuva chovendo” e “vento ventando”.

Naturalmente, essa associação imediata (e a ausência do verbo “ser”) faz com que o provérbio seja uma forma tipicamente expressiva do sistema árabe. E não é por acaso que em algumas de nossas formulações proverbiais imitemos o Oriente: “Tal pai, tal filho”; “Cada macaco no seu galho”; “Casa de ferreiro, espeto de pau”.

Se quisermos recuperar a explicação ocidental, diremos: Tal como é o pai, assim também costuma ser o filho. É muito conveniente para a ordem da selva que cada macaco em seu galho esteja (se para os orientais já é complicado o “ser” como verbo de ligação, imagine-se o desdobramento em “ser/estar”). Na casa do ferreiro, o espeto costuma ser de pau.

Confundente

Essa associação imediata é tanto mais forte quanto o árabe tende a evitar as abstrações e voltar-se para o concreto. Enquanto tendemos para o abstrato, o indeterminado e o substantivado, como em “A educação vem do berço”, o árabe expressa a mesma ideia com imagens concretas: “Pai dele (é) alho; mãe (é) cebola: como pode ele cheirar bem?”

E enquanto nosso provérbio é: “Quem o feio ama, bonito lhe parece”, o árabe diz: “O macaco aos olhos de sua mãe (é) gazela”.

Nada de abstratos “a educação”, “a conduta”, etc. A mesma palavra

para conduta (boa ou má) é o concreto aroma (*rihat*), para nós metáfora (“a coisa está cheirando mal em Brasília”); para o árabe, simplesmente, a mesma e única palavra.

A comunicação é mais solta por conta do pensamento confundente (Ortega), típico dos Orientes. Nossas palavras são constituídas por um bloco fixo, que só deixa espaço para desinências que indicam número, gênero (e, em línguas como o latim, caso): *bonit-* ou *ros-* são invariáveis e acrescentaremos *o*, *os*, *a*, *as* para determinar se são um ou mais meninos ou meninas bonitas; e *-am* se a rosa latina for um objeto direto singular (*rosam*) ou *-arum* se quisermos nos referir a uma qualidade das rosas (*rosarum*). Já no árabe, o que conta é o radical, em geral, trilítere, triconsonantal, que é intraflexionado, por vogais, que, além do mais, traduz seu pensamento confundente.

Distinguente

Essa forma de acesso ao real, o pensamento confundente, numa primeira aproximação concentra numa única palavra realidades distintas, mas conexas. Se distinguir, dar nomes diferentes para realidades diferentes, é uma importante função da língua “confundir” é – como já faziam notar Ortega y Gasset e Julián Marías – igualmente importante, pois:

“Não haveria como lidar intelectualmente com realidades complexas, em suas conexões, nas quais interessa ver o que há de comum e, portanto, o tipo de relações que há entre realidades que, de resto, são muito diferentes” (Marías).

Em maior ou menor grau, variando de acordo com o setor da realidade a que se aplicam, todas as línguas são “distinguentes” e todas as línguas são confundentes. Grosso modo, se as línguas ocidentais pa-



recem tender mais para a distinção, as línguas dos Orientes convidam ao pensamento confundente.

Tome-se, por exemplo, o radical *s-l-m*, da palavra árabe *Salam* (em hebraico *Shalom*), usualmente traduzida por “paz”. Se quisermos ser fiéis à semântica semítica, consideremos não a palavra, mas o radical triconsonantal (que é a alma da língua semita: o radical determina essencialmente o campo de significado, as vogais só fazem a determinação periférica de sentido) *slm*.

Paz

“Paz” é somente um dos múltiplos significados confundidos em *s-l-m*. Significa igualmente, por exemplo, unidade, integridade física ou moral: quando se quebra um giz, quando se sofre um ferimento, quando se estabelece uma separação ou se produz uma peça com defeito, está se rompendo a *s-l-m*. Daí que o nome *SaLyM*, tão frequente entre os árabes, signifique “o íntegro”, o que não se corrompe... Naturalmente, ninguém no Ocidente diria de um giz quebrado que ele perdeu sua “paz”, associação evidente e conatural para o semita.

Confundindo os conceitos de paz,



Tom Jobim: pensamento árabe em *Águas de Março*

“grande”, *k-b-r* (a benção sempre busca engrandecer) e a principal benção, “o primogênito” é *b-k-r*. *B-x-r* é a boa notícia (daí, etimologicamente, as alvíssaras); já *X-r-b* é beber, comemorar (daí nossas “bebidas” xarope ou sorvete). É como em português as casuais: senador / desonra, terno / tenro, poder / poder ou desorienta / desnorteia.

Passado no futuro

Há também outra estrutura surpreendente: o uso do passado para indicar futuro. A peculiar visão semita do tempo está ancorada no passado. É como se, numa visão monolítica do tempo, o presente e o futuro não tivessem autonomia em face do passado, este, sim, determinante e determinador. Essa preponderância do passado repercute na gramática. A gramática semita pode valer-se do passado para expressar o futuro, que aparece, assim, como mera resultante do passado.

O futuro é, assim, até em termos gramaticais, determinado pelo passado e por ele expresso em sentenças proverbiais, como, por exemplo: “Quem semeia ventos, colhe tempestades”, que no original soa: “semeou ventos, colheu tempestades”. Tal fato torna-se compreensível quando nos lembramos de alguns exemplos de uso semelhante em nossa língua, especialmente em linguagem publicitária. Como na recente campanha da Skol retornável: “Trocou, economizou” (quem trocar, economizará); ou na do Sedex “mandou, chegou” (se mandar, chegará). E quem bater, levará (“Bateu, levou”).

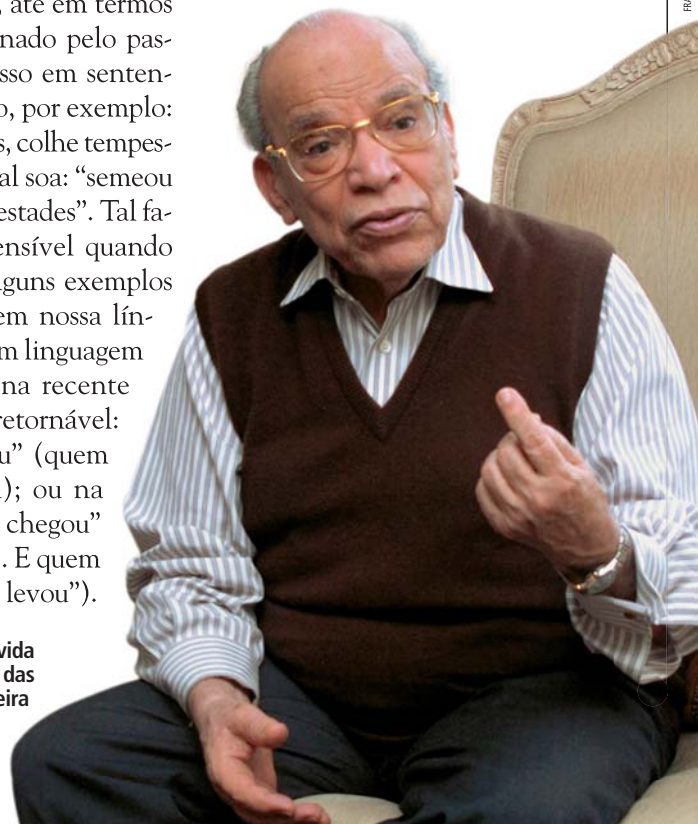
Helmi Nasr: vida dedicada à aproximação das culturas árabe e brasileira

Para o confundente árabe, a palavra *taríq* não significa só “caminho”, mas acumula o sentido de “jeito”, modo pessoal de cada um fazer as coisas. Compreensível, pois no deserto não há estradas delineadas, cada um busca fazer o seu caminho. É o que Helmi Nasr cumpriu desde que, quando jovem, assumiu sua missão no Brasil: abrir caminhos, que hoje podem ser trilhados por muitos, que talvez nem se lembrem de que a ele devem as facilidades que encontram agora prontas...

Esse passado voltado para o futuro faz parte da mediação realizada por Helmi Nasr; da milenar tradição do Egito para a frenética São Paulo, abrindo caminhos ao andar, em missão de integração, paz, união: *islam, salam*.

AIDA HANANIA É PROFESSORA TITULAR APOSENTADA DA FFLCH-USP

JEAN LAUAND É PROFESSOR TITULAR SÊNIOR DA FEUSP E TITULAR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO



saúde (física ou espiritual) etc. é natural que a saudação mais comum no mundo árabe (para encontro ou despedida) seja precisamente: *Salam!* *Slm* indica também aceitação (de boa ou má vontade) e a atitude religiosa de acolhimento da vontade de Deus é *iSLaM*. A mesma palavra *slm* significa, ainda, integridade territorial.

Assim, de “Salomão” (*SaLuMun* ou *SuLaiMan*), Deus diz a seu pai Davi (um homem de guerras), em atenção ao nome de Salomão: “Este teu filho será um homem de *shalom*, pois Salomão é o seu nome” (1 Crn 22,9). E Deus, apesar da infidelidade do rei, mantém a “integridade”, a “totalidade” do reino de *Salumun* e diz: “Não tirarei da mão de *Salumun* parte alguma do reino...” (1 Reis 11,34).

Atento às consoantes, o árabe identificaria imediatamente a proximidade de sentidos, para tomar exemplos em português, de: “parto” e “porta”, ou “Datena” e “detona”...

Se já o radical triconsonantal árabe confunde o ocidental, a situação se complica ainda mais com as metáteses. É relativamente frequente (e não casual) que metáteses, arranjos das consoantes, guardem relação de sentido entre si: Assim *b-r-k* (benção) não por acaso, relaciona-se com

Religião

**Linguagem
é devoção**



No princípio era a Bíblia

As expressões cotidianas que tiveram origem na Bíblia, mas nem sempre nos damos conta

POR JEAN LAUAND

Quais são os grandes referenciais de comunicação comuns a todos os brasileiros? Ao contrário de outros países e épocas, não temos clássicos que todos tenham lido; nem riquíssimos repertórios de provérbios, que, no Oriente, são conhecidos por qualquer criança. Não são patrimônio de todos episódios da história pátria, que possam ser trazidos para aplicação a outros casos. Nem um Alcorão, que nos países árabes abastece de metáforas e frases feitas os diversos setores da vida secular.

Para nós, o futebol é de longe o principal fornecedor de metáforas e expressões para a vida cotidiana: situações políticas, econômicas, afetivas, profissionais etc. são rapidamente compreendidas por meio do recurso a seu amplíssimo repertório. Um par de exemplos, de comunicação aparentemente difícil, mas que se tira de letra, bem e rapidamente, evocando o futebol.

Anotário

Dois amigos em um restaurante vão pedir pratos individuais e querem, de algum modo, compartilhá-los. Um deles diz:

– Vamos pedir dois pratos e a gente divide.

Ao que o outro, responde:

– Divide, não: o mando de jogo da carne é meu; o do peixe, é seu”. (Não vai ser meio a meio, mas...).

Final de semestre; a prova final já foi feita, o professor pretende dar aulas muito abreviadas e simbólicas, mas não pode dispensar formalmente os alunos (embora queira passar a mensagem de que vai fazer vista gros-

Imagens da Bíblia de Lutero (à esquerda, a da criação do mundo) ilustram estas páginas: incorporação bíblica na linguagem cotidiana da atualidade

Provérbios do cotidiano

- Quem procura... – Quem, ao ver o célebre slogan-provérbio do SBT em fins dos anos 80 (então, ainda TVS), se lembraria de que é literalmente uma frase de Jesus Cristo (Mt 7, 8): “Quem procura, acha” (ao qual Sílvio Santos acrescentou apenas o advérbio: “Quem procura, acha... aqui”).
- Quem com ferro fere... – Jesus inspirou alguns ditos proverbiais comuns na linguagem popular. Muitos podem se escandalizar ao saber que é bíblico (do Velho Testamento) o duro “Olho por olho, dente por dente”, prescrito três vezes (Ex 21, 24; Lv 24, 20 e Dt 19, 21), mas revogado por Cristo (Mt 5, 38), que propõe, em seu lugar, a também proverbial “oferecer a outra face” (Mt 5, 39) e ainda (Mt 26, 52) a advertência: “quem empunha a espada, pela espada perecerá” (ou, se se preferir: “Quem com ferro fere, com ferro será ferido”). Também é de Jesus, a comparação “Cego que guia outro cego” (Mt 15, 14; Lc 6, 39).
- Quem semeia ventos... – São bíblicos os conhecidos provérbios: “Quem semeia ventos, colhe tempestades” (Os 8, 7) e: “Quem dá aos pobres, empresta a Deus” (Pv 19, 17).

Expressões populares

- Dois pesos e duas medidas – É expressão bíblica presente em Prv 20, 10.
- Umbigo do mundo – No sentido de alguém se considerar o centro de tudo, o mais importante: *tabur haaretz* (umbigo da terra) aparece em Jz 9, 37 e Ez 38, 12.
- Dar murro em ponta de faca – Formulação ligeiramente modificada de At 26, 14, que recolhe a fala de Cristo a seu perseguidor Saulo: “Dura coisa te é recalitrar contra o aguilhão”.
- Cruzar os braços – A expressão, hoje corriqueira e integrante do vocabulário sindical, aparece nas formas “cruzar os braços” e “ficar de braços cruzados” já com o sentido de “não trabalhar”, em Pv 6, 10 e Ecl 4, 5.
- Adeus – Usado para despedida que se presume definitiva (e, portanto, encomendo-te a Deus), encontra-se em Atos: Paulo despede-se da comunidade e diz “Não voltareis a ver o meu rosto... a Deus vos encomendo” (At 20, 25 e 32).
- O demônio do meio-dia – Uma expressão curiosa, não proverbial e mesmo desconhecida pelos falantes contemporâneos, que o escritor Andrew Solomon, foi buscar no Salmo (90[91], 6), na tradução da Vulgata, para o título de seu livro, já clássico sobre a depressão *O demônio do meio dia* (*The noonday demon*).

No princípio era a Bíblia

Filosofia

sa na presença e “esquecer” de fazer a chamada...), mas, claro, não quer formalizar esse relaxamento. E diz:

– Bom, gente, nosso curso praticamente acabou. Ainda temos mais duas aulas, mas é só para cumprir tabela...

Mesmo os que não se interessam por futebol acabam valendo-se de sua linguagem, tal a viveza e o interesse de sua vigência para o brasileiro.

Vice-campeão

Se metáfora fosse campeonato de pontos corridos, o futebol seria campeão com muitas rodadas de antecipação. Mas, e para saber quem é o vice? Bom, aí embolou o meio de campo...

Talvez a Bíblia. Com a desvantagem de que suas metáforas e expressões são usadas, mas sem que se tenha o mesmo vigor e, em alguns casos, os usuários nem se lembram da proveniência bíblica desta ou daquela expressão. Quando Eike Batista diz “Atire a primeira pedra o motorista que nunca tomou uma multa por excesso de velocidade”, seus ouvintes entendem, mas poucos talvez evoquem o episódio de Jo 8, 7, no qual Jesus impede o apedrejamento da mulher adúltera. Para não falar do “bode expiatório” de Lv 16, 8-10; 20-22; que alguns chegam a pensar que é um bode que fica espiando e acaba por levar a culpa.

Recolhemos a seguir algumas expressões e frases feitas, cuja origem bíblica não é evidente para todos (em alguns casos, não se tratará necessariamente de origem, mas de alguma relação de sentido com este ou aquele versículo).

JEAN LAUAND É TITULAR SÊNIOR DA FEUSP
E PROFESSOR TITULAR DO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA
UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

“Vá para a pqp”



Embora se trate de forma bem portuguesa, a fórmula de insulto: “vá para a puta que o pariu”, ganha sentido às luzes da Bíblia. Como frequentemente ocorre, frases feitas tendem a ser repetidas automaticamente, sem que se atente a seu sentido original. O significado exato de mandar para a pqp faz-se presente no confronto dos cariocas e do mineirinho, que recolho de um destacado site de piadas (orapois.com.br), seção “mineiro”:

Dois cariocas muito espertos foram passar umas férias em Minas.

Ao chegar, um pergunta ao outro:

– Vamox tirar uma com o primeiro mineiro que aparecer nessa extrada?

– Aí, beleza, cara, vamox nessa!

Logo à frente, aparece um mineirinho acanhadinho, coitado...

Os cariocas param o carro e um deles pergunta:

– Aí, mineirinho, para onde nóx vamox falta muito?

O mineirinho, muito acanhado, responde:

– Depende uai! Se oceis vão pra puta que o pariu já passaram; se vão à merda, falta dois quilômetros [a cidadezinha rival]; agora se vão tomar no c é aqui mesmo...

A mensagem subjacente quando se manda alguém para a pqp é a de que o indivíduo mau, sacana, chato etc. não tem lugar no convívio humano e não deveria ter saído da barriga da mãe (no caso, a responsável por ele ser o fdp que ele é...) e para lá deve ser reencaminhado... A ideia de voltar ou de não ter saído do ventre materno ocorre na Bíblia: daquele que o vai entregar, Jesus diz que melhor lhe fora não ter nascido (Mt 26, 24; Mc 14, 21) e o profeta Jeremias, nesse caso, diante das desgraças que sofre, lamenta por ter saído do ventre materno (Jer 20, 14 e ss.). E quem se comporta como néscio, diz o Eclesiástico (23, 14), chegará a desejar voltar ao ventre da mãe, amaldiçoar o dia em que dele saiu...

Semitismos da linguagem

Modos de falar também sofrem influências (ao menos semelhanças) dos raciocínios bíblicos

SUPERLATIVO DUPLICADO

Uma forma de superlativo semita é a conhecida "x dos x". Aparece, por exemplo, em Apocalipse 17, 14 (ou 19,16), quando se diz de Cristo, que é Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Curiosamente, esse formato bíblico reaparece (surpresa das surpresas) no hino do Corinthians: "Salve o Corinthians, o campeão dos campeões".

Note-se, apenas de passagem, que o próprio nome do time brasileiro é bíblico, remete à Epístola aos Coríntios (em inglês, *Corinthians*). Mais precisamente à passagem em que São Paulo compara os esforços requeridos pela vida cristã aos de atletas e corredores que desejam vitórias (I Cor. 9: 24 e ss.).

No século 19, ante o preconceito de igrejas contra o esporte ("culto ao corpo", etc.), o aval do Apóstolo era usado por cristãos esportistas que invocavam a Epístola (daí o nome do time inglês *Corinthian*, que inspirou o nosso Corinthians)



O USO DO PASSADO PARA INDICAR FUTURO

A gramática semita pode valer-se do passado para expressar o futuro, que aparece, assim, como mera resultante do passado. Como ensina Aida Hanania, falando da peculiar visão semita do tempo, ancorada no passado:

"É como se, nessa visão monolítica do tempo, o presente e o futuro não tivessem autonomia em face do passado, este, sim, determinante e determinador. Essa preponderância do passado repercute na gramática".

Diz o Eclesiastes (1,9): "O que foi é o que será; o que se fez é o que se tornará a fazer: nada há de novo sob o sol!".

O futuro é, assim, até em termos gramaticais, determinado pelo passado e por ele expresso em sentenças

proverbiais, como em "Quem semeia ventos, colhe tempestades", que no original soa: "semeou ventos, colheu tempestades".

Tal fato torna-se compreensível quando nos lembramos de alguns exemplos de uso semelhante em nossa língua, especialmente em linguagem publicitária. Como na recente campanha da Skol retornável: "Trocou, economizou" (quem trocar, economizará); ou na antiga do Estadão: "anunciou, vendeu" (quem anunciar, venderá). Ou a da Sedex "mandou, chegou" (se mandar, chegará). E se escrever e não ler, o pau comerá ("Escreveu, não leu, o pau comeu"). E quem bater, levará ("Bateu, levou").

No princípio era a Bíblia

Palavras com DNA bíblico

O *Oxford English Dictionary* indica em suas etimologias as palavras que estenderam seu sentido sob influência da Bíblia

- **O inglês way** – O caminho (*derek*), na perspectiva semita, não está predefinido e não comporta tradução como a que temos de repetir nas missas: “Caminhamos pela estrada de Jesus!” Para aquele povo, o caminho (e Jesus é o caminho – Jo 14,6) é o de cada um: não há rodovias no deserto... *Derek* também significa o jeito pessoal de cada um fazer as coisas, acumulação semântica que foi parar no inglês *way*.

- **Talento** – no sentido de dom ou capacidade artística, intelectual etc. – decorre (OED) de um uso figurado da parábola dos talentos, narrada por Jesus em Mt 25, 14-30.

- **Escândalo** – A palavra tão em moda (escândalo do mensalão, do BBB 12, da morte do executivo da Yoki etc.) tem o sentido de algo que pode levar a erro, mau procedimento. Remete a: “Pedra, obstáculo que faz tropeçar” (*Houaiss*), como em Rom 14, 13; I Pe 2,8; Mt 16, 23 etc.

- **Carismático, carisma** – Passaram a ter uso profano de poder de encantar e despertar simpatia das massas (“Obama é carismático”, “Alckmin não tem carisma”). É, no Novo Testamento, dom que beneficia a comunidade, como se discute em I Cor 12: o dom do Espírito Santo, preparando o discurso, cap. 13, sobre o carisma maior, o amor (*ágape*): “Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos...”.



É só começar

Sucesso de Michel Teló evoca construção formulaica presente na Bíblia

Peço licença para uma nota meio descabida, a título de mera curiosidade, sem pretensão de *começar* a imiscuir a Bíblia no sertanejo universitário. O erudito Jean Carmignac, que estudou profundamente os semitismos nos evangelhos sinópticos, aponta um deles, típico: em vez de referir diretamente a ação “diz-se que o personagem começa a fazer tal ou tal coisa, o que para nós é supérfluo”.

Assim, Jesus “chamou os doze e começou a enviá-los de dois em dois” (Mc 6, 7); os gerasenos assustados “começaram a rogar a Jesus que se afastasse de seu território” (Mc 5, 17). Etc. etc. etc.

Esse mesmo cacoete dos hagiógrafos está também em Michel Teló:

Sábado na balada

A galera começou a dançar
e passou a menina mais linda

Tomei coragem e comecei a falar

Só falta agora os evangelistas começarem a se juntar à turma das baladeiras que reivindicam judicialmente coautoria na canção... (e, no falar brasileiro, “começar” serve de curinga para qualquer ação que pressuponha paciência de Jó:

“Ih, já vai começar...” (a criticar / a reclamar / a choramingar etc.);

“Não começa...!” (a ciumeira / o pessimismo / a enrolação / a encher o saco) etc.

O santo nome

Santo Expedito nunca existiu, mas virou alvo de culto porque seu nome conquistou a imaginação popular

POR JEAN LAUAND



Santo Expedito é um convite para interessantes questões de linguagem e importantes tópicos suscitados por sua figura. A proximidade de sua festa, 19 de abril, é ocasião para aferir sua popularidade, pois parece que ele anda um pouco sumido. Após anos de sucesso, como campeão das causas urgentes, sua visibilidade anda um tanto em baixa. Há muito que não me oferecem santinhos nem vejo em São Paulo aquelas faixas: “Agradeço a sto. Expedito pela graça alcançada” (pelo jeito, ele veio na contramão do provérbio: “Quem espera sempre alcança”).

Religiosidade

No auge da devoção ao santo despachante, muitos até se permitiam expressar-se com dizeres mais familiares, como “Valeu, Expedito, te devo mais uma”. Expedito, como veremos, convida ao tratamento descontraído, na linha descrita já em *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda:

“Nosso velho catolicismo, tão característico, que permite tratar os santos com uma intimidade quase desrespeitosa e que deve parecer estranho às almas verdadeiramente religiosas, provém ainda dos mesmos motivos. A popularidade, entre nós, de uma santa Teresa de Lisieux – santa Teresinha – resulta muito do caráter intimista que pode adquirir seu culto, culto amável e quase fraterno, que se acomoda mal às cerimônias e suprime as dis-

da **pressa**

tâncias. (...) foi justamente o nosso culto sem obrigações e sem rigor, intimista e familiar, a que se poderia chamar, com alguma impropriedade, ‘democrático’, um culto em que se dispensava no fiel todo esforço, toda diligência, toda tirania sobre si mesmo, o que corrompeu, pela base, o nosso sentimento religioso”.

Culto

O boom de devoção a Expedito no Brasil começou em 1983, quando Eli Corrêa (“oiii geenteee!”), locutor de um programa popular, inicialmente na Rádio América de São Paulo, começou a divulgar diariamente graças alcançadas pela intercessão do santo. Logo juntar-se-ia ao programa o padre João Benedicto Villano, tenente-coronel capelão da Polícia Militar, da qual Expedito é o padroeiro. Na virada de 2000, a revista *Veja* já o qualificava como santo “da moda” e noticiava que em 1999 foram feitos 72 milhões de santinhos, quadruplicando os 18 milhões do ano anterior. A estratégia de marketing era a de distribuir mil santinhos imediatamente após a obtenção da graça e, assim, em poucos anos, 2 ou 3 santinhos a cada brasileiro.

Em 2004, St. Expeditus ganhou até a primeira página do *Wall Street Journal*: “*Jobless Brazilians Needing Fast Action Call on St. Expeditus*”. Mas, em 2001, a *Vejinha* já noticiava que Expedito havia ocupado o primeiro lugar na devoção dos paulistanos (evidentemente, pressa é para paulistano; na Bahia, de Dorival Caimmy, Expedito não tem devotos à altura...) desbancando o trio an-

**Para o devoto,
a existência do
santo não faz
diferença, o que
conta é seu valor
simbólico**

tiaperto: são Judas Tadeu (das causas impossíveis), santa Rita de Cássia (dos desesperados) e Edwiges (a dos inadimplentes). Claro que, na época, arrumar emprego, sair do cheque especial, pagar as prestações das Casas Bahia – causas impossíveis, geradoras de desespero e inadimplência – foram encampadas por nosso santo, a título de urgentes, com a vantagem de que Expedito resolve na hora...

Predestinado

Nunca existiu um santo Expeditus: seu nome advém da característica do personagem (como nos esquetes dos programas de humor, nos quais o marido traído se chama “Cornélio”...). É que Expedito, em latim e português, significa: rápido, desembaraçado, o homem que vai e resolve, sem burocracias (não por acaso, sua igreja fica nos fundos do quartel da Rota: seus devotos originais...) ou, como ensina Pasquale Cipro Neto:

“‘Expedito’ é o particípio do verbo latino *expedire* (‘desembaraçar os pés’, ‘pôr os pés para fora’, ou seja, pô-los para andar, para correr).

Em ‘expedir’ há os elementos latinos *ex-* (‘movimento para fora’) e ‘pede’, ‘pedis’ (‘pé’). É por isso que, como adjetivo, ‘expedito’ significa ‘ágil’, ‘rápido’, ‘desembaraçado’. O verbo ‘impedir’ é da mesma família de ‘expedir’. Temos aí o elemento latino *in-*, de valor negativo. Literalmente, ‘impedir’ significa ‘não deixar andar’, ‘travar’”.

Valor simbólico

O fato é que não há base histórica que avalize sua existência... Na verdade, para o povão devoto, isso não faz diferença – se ele existiu ou não, é detalhe –, o que conta é seu valor simbólico. Nesse sentido, André Comte-Sponville, em *O Espírito do Ateísmo*, lembra a história:

“Dois rabinos jantam juntos. São amigos. Discutem até tarde da noite sobre a existência de Deus. E concluem que, afinal de contas, Deus não existe. Os dois rabinos vão dormir. Nasce o dia. Um dos dois rabinos acorda, procura seu amigo dentro de casa, não o encontra, vai procurá-lo fora, no jardim, onde por fim o encontra, fazendo as preces rituais da manhã. Surpreso, pergunta-lhe: ‘Ué, o que você está fazendo?’

‘Não está vendo? Minhas preces rituais da manhã.’

‘Pois é isso mesmo que me espanta. Conversamos boa parte da noite e chegamos à conclusão de que Deus não existe, e você agora faz as suas preces rituais da manhã!’

O outro lhe responde:

‘E o que Deus tem a ver com isso?’”.

Para a Cúria romana, a burocracia

O santo nome da pressa

Religião

mais lenta do mundo, surgem, nesses casos de dúvidas sobre a existência real de determinado santo, um delicado problema: como manter o rigor científico histórico sem afrontar a credence de milhões de devotos.

Claro que o caso nunca será levado formalmente ao Vaticano, entre outras razões, porque a Cúria nunca daria o tiro no pé de homologar um santo cuja característica é a rapidez e a informalidade.

Nesse sentido, em *Inside the Vatican*, o jesuíta Thomas J. Reese, que foi editor chefe da renomada revista católica *America*, recolhe uma das piadas clássicas sobre a burocracia dos dicastérios do Vaticano, que, na contramão de nosso Expedito, pode retardar por décadas (ou séculos...) decisões simples. A pia-

da circula nos corredores da própria Cúria: foi achado um bebê na Congregação para a Doutrina da Fé. O (então) prefeito, cardeal Ratzinger, fica escandalizado e entra em pânico, mas um monsenhor o acalma:

“Fique tranquilo, Eminência, não é de ninguém daqui, porque aqui nada se resolve em nove meses”.

E outro monsenhor completa: “Um bebê é algo tão encantador e é fruto do amor: certamente não é coisa nossa”.

Limbo

Venenos à parte, o fato é que a questão da oficialização de Expedito ficará no limbo da burocracia eclesiástica, sistema administrativo que tem a vantagem de, enquanto se adiam por décadas o exame das

questões, deixar muitas pelo caminho até desaparecerem na poeira do tempo...: deixa como está para ver como é que fica (se é que fica...).

Imaginemos, por exemplo, o tempo que perderiam os cardeais se tivessem se debruçado a examinar a validade canônica da advocação mariana Nossa Senhora Desatadora dos Nós. Surgida do nada (de uma remota devoção alemã), ela teve, entre nós, seu *boom* em 2000-2002 e hoje está esquecida... (sem falar no ridículo que seria a Santa Sé abrir um processo, zelando pela fé tupiniquim, para verificar se existiu, digamos, um *são Longuinho*, o dos três pulinhos...). O próprio Expedito já não está mais tão na moda no Brasil. Daí, talvez, o fato de a Diocese de São Paulo, ao criar sua 300ª pa-

Santos alternativos

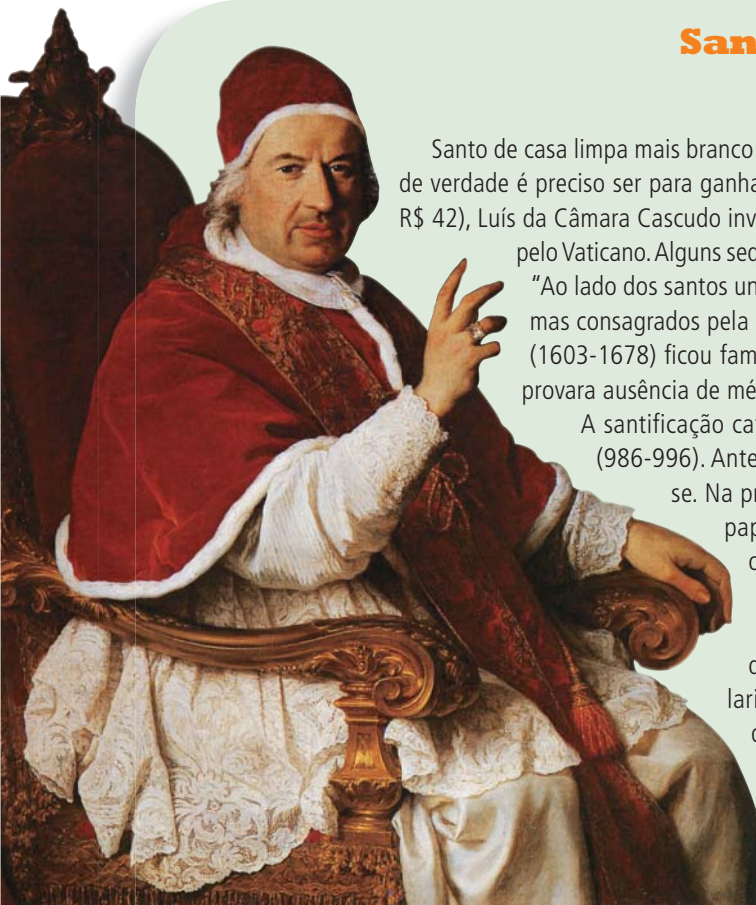
POR LUIZ COSTA PEREIRA JUNIOR

Santo de casa limpa mais branco e faz mais milagres, mas, a rigor, a tradição mostra que nem santo de verdade é preciso ser para ganhar devoção. No relançado *Religião do Povo* (Global Editora, 2011, R\$ 42), Luís da Câmara Cascudo inventaria os santos regionais e locais que nunca foram canonizados pelo Vaticano. Alguns sequer existiram, num caso de “insubmissão devocional” bem católica.

“Ao lado dos santos universais e regulares vivem os regionais, irregulares canonicamente mas consagrados pela confiança popular”, diz Cascudo (p.104). O padre Jean de Launoy (1603-1678) ficou famoso na França pelo número de “santificados” em que ele não só provava ausência de mérito como até de existência.

A santificação católica só se tornou canônica no século 10, com o papa João XV (986-996). Antes, cabia aos bispos definir os nomes venerandos em cada diocese. Na prática, o povo era o grande promotor de canonizações. Foram os papas Alexandre III (1170) e Inocêncio III (1200) que botaram mais ordem na casa, dando só à figura papal o direito de comandar os processos de santificação. Apesar disso, *são João da Mata* e *são Félix de Valoir* tiveram 400 anos de culto sem documento papal que autorizasse a devoção. Seria Bento XIV (1740-1758) que regularizaria em definitivo o processo, em 1734, vetando todo processo de consagração popular de santos. Como os casos de padre Cícero e Expedito mostram, com poucos efeitos práticos.

Bento XIV: regulamentação do processo de santificação centralizado pelo papa só em 1734



Devotos rezam no dia de Expedito em igreja de Jaçanã (SP): culto popular

róquia, em 17 de dezembro do ano passado, dedicou-a a Expedito e ao Sagrado Coração de Jesus: se o Vaticano questionar que se está dando muito respaldo institucional a um santo fictício, a diocese pode responder que a paróquia é do Sagrado Coração de Jesus (o tupiniquim Expedito é só o estepe).

Detenhamo-nos na lenda de Expedito. Se sto. Antônio é o casamenteiro; Francisco é da ecologia e Longuinho é para achar objetos perdidos, Expedito é acionado para causas urgentes. E é objeto de devoção por dois tipos de fiéis: os que por natureza identificam-se com ele, pois são dotados de um temperamento avesso a esperas e enrolações (boa parte da população, os do tipo *artisans SP*, na terminologia do psicólogo americano David Keirse) e a totalidade dos que sofrem entraves inúteis da burocracia, estatal ou não (além, claro, de causas como desemprego, inadimplência, etc., que são urgentes).

Lenda

A lenda diz que Expedito era comandante militar do início do século 4 – veio a sofrer o martírio por não renegar a fé cristã –, que ficava adiando sua conversão ao cristianismo. Quem observar o santinho, verá que Expedito segura uma cruz na qual está escrito *hodie* (em latim, “hoje”) e esmaga com o pé um corvo que diz “*cras*”, que em latim significa “amanhã” (daí o nosso “procrastinar”); “*cras*” é a onomatopeia do corvo (como “miau” é a do gato).

Os padres da Igreja comentam esse jogo de palavras (*hodie/cras*) sem mencionar nenhum protagonista. Para eles, trata-se só de um sugestivo modo de catequese. Se



O santo nome da pressa

Religião

tivesse havido um mártir com esse enredo, sto. Agostinho (354-430), são Cesário de Arles (470-543) e outros que pregam sobre o abominável corvo do “cras”, certamente não teriam ficado só na análise das palavras. Teriam exaltado o herói cristão, que venceu o diabo (alegorizado no corvo) e seus adiantamentos. Aliás, os padres costumam fazer trocadilhos e jogos de palavras com os mártires, como no caso das santas mártires Felicidade e Perpétua (“foram para o Céu para gozar da felicidade perpétua”).

Abominável cras-cras

A pregação de Agostinho, diga-se de passagem, está repleta de deliciosos trocadilhos e jogos de linguagem, muito semelhantes aos nossos slogans de publicidade. Contra os abusos de poder dos militares, o bispo de Hipona exorta: “Militares, estais na milícia (*militia*) e não deveis estar na malícia (*malitia*)”; “Cartago, caldeirão de vícios” (*Cartago, sarta-go*), etc. Quanto ao corvo e seu diabólico “cras, cras”, Agostinho (*En. in Ps. 102, 16*) comenta:

“Irmão, não fique adiando sua conversão. Há aqueles que ficam protelando e cumpre-se neles a voz do corvo: ‘cras, cras’. (...) Até quando ficarás no cras, cras...? Atente para teu último cras. Não sabes quando será teu último cras”.

E em outro sermão (224, 4) :

“Os pecadores devem corrigir-se enquanto vivem. A morte vem de repente e ninguém poderá converter-se. Quando será nossa última hora, não o sabemos. Quem fica dizendo ‘cras, cras’, torna-se corvo: vai e não volta [como o corvo da arca de Noé], nunca se converte”.

Se tivesse havido um personagem qualquer para estrelar esse relato, Agostinho (e os autores anti-

Santos cassados

Em 1969, Paulo VI removeu do calendário universal da Igreja muitos santos de existência não comprovada, como são Jorge, santa Filomena, Cristóvão, Bárbara, etc. No Brasil da época (ditadura militar), o caso ficou conhecido como “os santos cassados”. Ante a comoção popular que a “cassação” causaria (alguns eram padroeiros nacionais; milhões de fiéis batizados com os nomes de Jorge, Filomena, etc.), o Vaticano arrumou uma de suas típicas soluções: não é, mas é, sem deixar de ser, não sendo, nenhuma e ambas...

Nos casos em que a “conveniência pastoral” o recomendasse, esses santos integrariam só calendários locais: Inglaterra ou Catalunha, por exemplo, não perderiam seu são Jorge. Entre nações que não poderiam prescindir do santo guerreiro estava a nação corintiana e foi graças ao Timão que Jorge permaneceu no calendário brasileiro. Corintiano ilustre, d. Paulo Evaristo Arns arrancou do papa esse privilégio e assim relata o diálogo em suas memórias:

“‘Santo Padre, nosso povo não está entendendo direito a questão. São Jorge é muito popular no Brasil. Sobretudo ante a imensa torcida do Corinthians, o clube de futebol mais popular de São Paulo’. [Paulo VI] Respondeu-me assim: ‘Não podemos prejudicar nem a Inglaterra, nem o Corinthians’.”

Se nem sempre são Jorge salva o Corinthians, naquela ocasião foi o Corinthians que salvou o são Jorge. (J.L.)

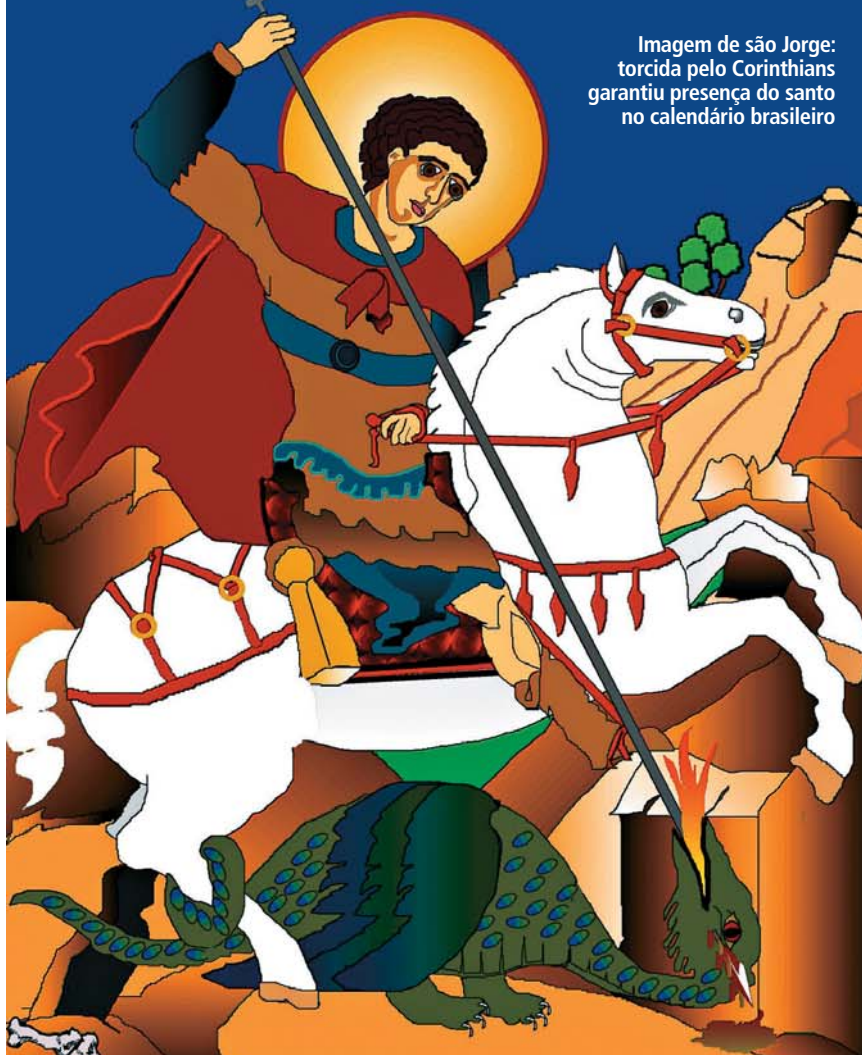


Imagem de são Jorge: torcida pelo Corinthians garantiu presença do santo no calendário brasileiro

gos e medievais) não teriam deixado de celebrar esse herói, que, além do mais, melhoraria a história. O antiexemplo, sim, Agostinho tinha ao alcance da mão: ele próprio, que enrolou anos a sua conversão e atreveu-se até a dirigir a Deus a oração do “cras”: “Dai-me a castidade, mas não agora...!” (*Confissões*, cap. VI).

Adiamentos bíblicos

O caráter perverso dos adiamentos desnecessários é posto em evidência na própria Bíblia. Como na intrigante atitude do faraó, punida por Deus. Diante da praga das rãs – que infestavam todo o Egito: havia rãs na casa, no quarto e até na cama do faraó (Ex 7, 28) –, o faraó, desesperado, chama Moisés e Aarão:

“Rogai a Iahweh que afaste as rãs de mim e de meu povo, e deixarei seu povo partir”.

Moisés – desconfiando do faraó e para firmar bem os termos do contrato – faz a surpreendente pergunta (como se se tratasse de algo não urgente, digamos, como o concerto de um bibelô): “Digna-te dizer-me quando deverei rogar a Iahweh para afastar as rãs”.

Mais surpreendente ainda é a resposta do faraó:

“Amanhã!” (que, como tantos “adiamentos”, significa, na verdade, nunca).

Já Expedito segue a proverbial sentença de Publílio Siro: só dá de verdade (dá 2 vezes) quem dá rapidamente: “*bis dat, qui dat celeriter*”.

Temperamentos

Mas voltemos a David Keirse. Baseado em Jung (e em seus tipos psicológicos e abreviaturas), o psicólogo americano reformulou, com sucesso, a antiga teoria dos temperamentos. Segundo ele, há quatro tipos fundamentais: SP, SJ, NF

e NT. Os SP (abreviaturas de *Sensible* e *Perception*) são aqueles quarta por cento da população por temperamento propensos à ação, movidos pelo impulso do momento e avessos a esperas, enrosco e enrolações: *wait* é a palavra que os mata. Deles, diz Keirse, em *Please, Understand ME II*: “Não suportam esperar, pois esperar é ver seu impulso murchar e morrer...”, “Esperar, poupar, armanezar, não faz o tipo do SP”, etc.

Embromation

Encontramos esse tipo em muitos atletas, cantores, músicos, policiais de ação (a Rota é território SP...), etc. Para o bem e para o mal (os tipos de Keirse são neutros eticamente) são impulsivos, como o general Patton, Edmundo Animal, Romário ou Renato Gaúcho, John Kennedy, Carmen Miranda, etc. Nos filmes, é comum um personagem SP, impulsivo e pouco se importando com burocracias, a desenvolver uma ação eficaz e espetacular, quando afastado pela hierarquia por ignorar as normas do Sistema (administradas, em geral, por outro grupo em maioria, o dos SJ)... Rambo, por exemplo. Ou o próprio Patton. Foram os SP que inventaram as expressões da gíria, para substituir o mero “sim”: “Demorou” e “Só se for agora”.

Torturados pelo Sistema que, com suas enrolações, enrosco e regrinhas absurdas, impede sua ação, os SP são devotos natos de S. Expedito! Os SJ, temperamentalmente voltados para coisas estabelecidas, assentadas, formalizadas, esquematizadas, institucionalizadas, são avessos a mudanças (se tiver de mudar, que seja lentamente...). Respeitadores de regulamentos, estatutos e diários oficiais não se reconhecem nesse santo porra louca... (exceto

nos casos em que eles mesmos são vítimas dos excessos do Sistema: obter os papéis para aposentadoria no INSS, por exemplo). Mas, como se sabe, o detalhismo descabido não incide só em âmbito estatal.

A institucionalização de santo Expedito traz em si algumas contradições e contraria o próprio modo de ser do santo! Um taxista devoto me deu dicas: Expedito obviamente não aceita novenas (imagine se vai querer nove *cras*) nem orações longas. E se alguém, que obteve uma graça com promessa, deixar para pagar a promessa no dia seguinte, o santo se vinga e reverte a graça... (“se ele arrumou para o senhor R\$ 5 mil e o senhor adia a vela para ele, ele te dá um prejuízo de R\$ 10 mil...”).

Dia santo

O próprio fato de haver um dia de Expedito é problemático: imagine se Expedito vai aceitar aglomerações de fiéis, que impõem fila de espera de 4 ou 5 horas para vê-lo... E muito menos esperar um processo formal de reconhecimento ou canonização da Cúria romana...

Está explicado o sumiço de santo Expedito: ele não quer ser institucionalizado e se cansou da tentativa de enquadrá-lo em dia fixo, orações rituais, novenas, filas para vê-lo. Não quer cidadãos que se recusem a receber mais santinhos dele, fiéis que ficam enrolando para cumprir o que prometeram, etc. Saiu de fininho e agora só atende seus reais devotos: discretos SP do vapt-vupt. Quem não estiver satisfeito pode ir se queixar ao bispo, ao INSS ou, se preferir, à Cúria romana.

JEAN LAUAND É PROFESSOR TITULAR DA FEUSP (APOSENTADO) E DO PROGRAMA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO. JEANLAU@USP.BR

Religiosidade na língua

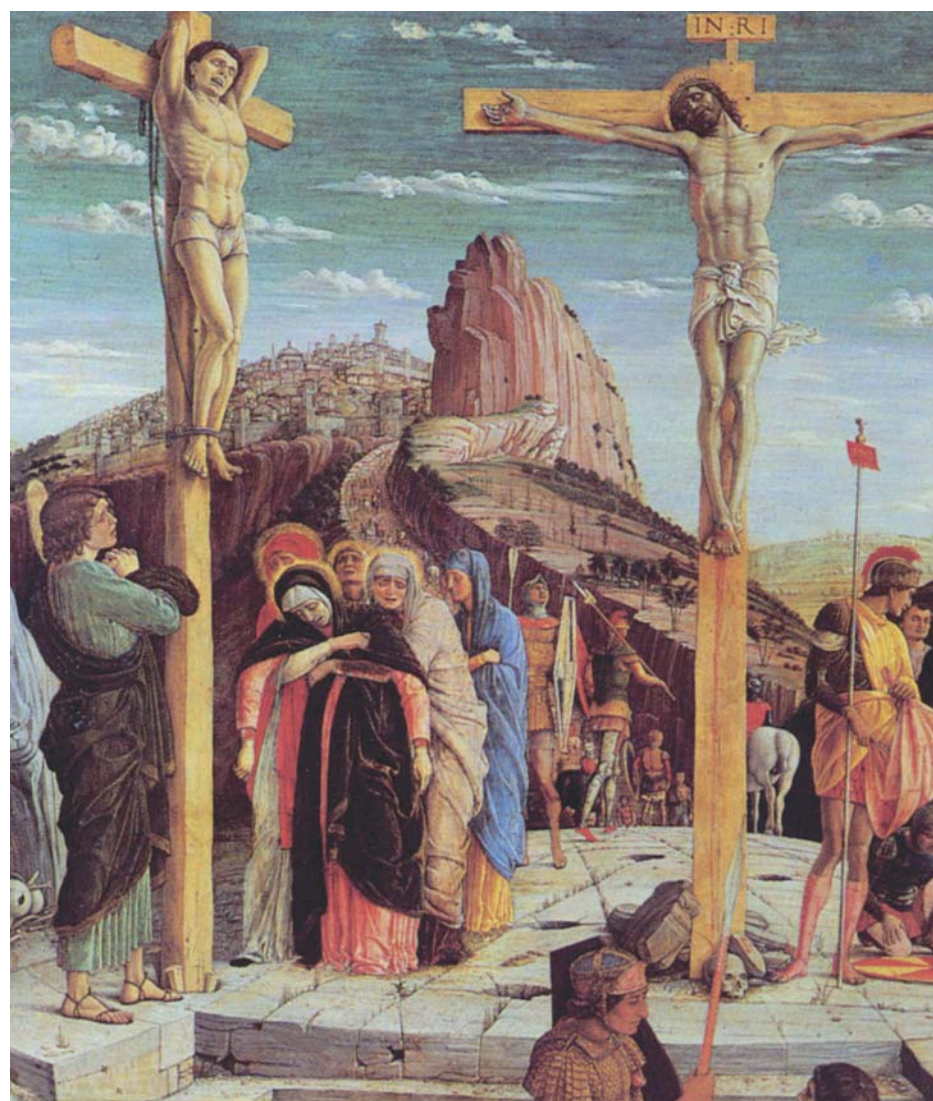
O notável caso do Ocidente cristão mostra como uma fé pode influenciar a linguagem cotidiana de muitos povos

POR LUIZ JEAN LAUAND

A linguagem comum pode ter um alcance muito maior do que aquele que supomos à primeira vista: a frequência do uso tende a embotar e tornar invisível o significado original e o alcance das palavras. Muitas vezes a linguagem comum é a depositária de grandes experiências humanas, e é distinta, por exemplo, base etimológica nas diversas línguas. Assim, a seu modo, também o filósofo pode subscrever a conhecida sentença de Fernando Pessoa: “Minha pátria é a língua portuguesa”, do *Livro do Desassossego*.

Naturalmente, muito dessa cultura que se consubstanciou em linguagem é de origem religiosa. É nesse sentido que até um José Saramago pode afirmar em *Cadernos de Lanzarote III* (1996): “Há uma evidência que não deve ser esquecida: no que respeita à mentalidade, sou um cristão”.

Há uma influência da religião católica na linguagem cotidiana,



A crucificação segundo Andrea Mantegna, em *El Calvario* (1459): repercussão muito além da fé

que vai dos nossos dias da semana a expressões consagradas.

É de João Paulo II a observação de que a língua portuguesa é a única a preservar os nomes cristãos dos dias da semana: segunda-feira, terça-feira etc.: *In Lusitano sermone verba similia reperiuntur* (Carta apostólica *Dies Domini*, Nota 22).

De acordo com o espírito pastoral do papa Gregório Magno (morto em 604), o cristianismo podia fazer concessões em aspectos acidentais para a conversão dos povos bárbaros, e assim a Páscoa cristã em in-

glês e alemão leva o nome de uma divindade pagã: *Easter / Oster*.

Do mesmo modo, os nomes dos dias da semana em outras línguas europeias remetem a divindades pagãs / planetárias, latinas ou bárbaras.

Dias da semana

Segunda-feira é o dia da lua (*lunes, lunedì, lundì, monday, Montag*); terça, é o dia dedicado a Marte; quarta, a Mercúrio (ou a Odin, *Wednesday*); quinta, ao poderoso Thor (*Thursday*) ou a Júpiter / Jove, ao trovão (*Donnerstag*); sexta é o dia de Vênus ou Freya. O sábado e o domingo preservam em algumas línguas esses nomes da tradição cristã; ou ficam dedicados a Saturno (*saturday*) ou ao Sol (*Sonntag, sunday*).

Mas o que têm nossas feiras (segunda-feira, terça-feira etc.) de cristão? *Feria* em latim é a palavra para festa. Ora, como faz notar o teólogo Josef Pascher: para a liturgia, todo dia é dia de festa e é por isso que a liturgia chama o dia comum (que não é comum: é sempre de festa) de *feria*...

Festa porque o culto cristão – o sacrifício de Cristo, a Santa Missa – se realiza em meio à criação: toda a criação é em cada missa – por Cristo, com Cristo e em Cristo – oferecida ao Pai. Assim, a liturgia fala em *feria*, em festa, porque em vez das superstições dos astros, celebra a Cristo.

Comentando o Salmo 93 (*En. in Ps. 93, 3*), S. Agostinho diz: “O primeiro dia depois do sábado é o domingo, dia do Senhor; o segundo é a *secunda feria*, à que os profanos chamam *Lunae diem*; a *tertia feria, diem illi Martis*; a *quarta feria* é o que os pagãos chamam de dia de Mercúrio e o pior é que muitos cristãos também... Não admitamos is-

to! Oxalá se corrijam e abandonem este modo de falar e usem a linguagem que é nossa (...) pois Cristo aboliu as superstições”.

Nessa mesma linha, S. Tomás de Aquino ensina (*Super Ev. Io. cp 20 lc 1*) que o domingo é a “primeira feira”, *prima feria*, e isto por causa da Páscoa: assim como o Gênesis começa com o dia, assim também a Páscoa em que principia o mistério da nova criatura e se renova a face da terra é o Dia, a *Feria*. A Páscoa é o dia da Ressurreição no qual *inchoabitur dies aeternitatis*, “começa o dia da eternidade, no qual já não se alternam dia e noite, pois o Sol, que faz esse dia, já não morre”.

Perdão

No pensamento filosófico-teológico de S. Tomás de Aquino (séc. XIII), tão importante para o Ocidente, encontraremos muitas relações com nossa linguagem. É o que acontece, por exemplo, com o conceito de perdão.

Perdonare é uma forma tardia que não se encontra em Tomás. A palavra correspondente e usual, por ele empregada, é *parcere*. No entanto, encontramos em S. Tomás as razões filosóficas que justificam a

Alguns dos mais comuns conceitos, vocábulos e expressões usados na linguagem corrente de vários povos são de origem religiosa



Religiosidade na língua

grandiosa etimologia das formas modernas: “perdoar”, “perdão”, “perdoar”, “pardon”, “pardonner” etc.

O prefixo *per* acumula os sentidos de “por” (“através de”) e de plenitude, grau máximo: como em *per*-lavar (lavar completamente) *per*-fulgente (brilhantíssimo), *per*-feito, *per*-manganato etc. E, assim, o perdão aparece como o superlativo da doação. O mesmo se dá com as formas inglesa e alemã: *for-give*, *vor-geben*.

Doação

Como Tomás pensa o tema do perdão e como o relaciona com o máximo da doação? Há aí influências bíblicas e litúrgicas. Na liturgia, Tomás impressiona-se com uma oração, por ele frequentemente citada (por exemplo em II-II, 113 9, sc e *In*

IV Sent. d.46, q.2, a.1, cag1), da missa do X domingo depois de Pentecostes (e, ainda hoje, preservada no XXVI domingo do tempo comum), que diz: “*Deus qui omnipotentiam tuam parcendo maxime manifestas*” (“Deus, que manifestais vossa onipotência, principalmente perdando...”). E afirma que o perdão de Deus é poder superior ao de criar os céus e a terra (II-II, 113, 9, sc).

Por outro lado, ele lê na tradução latina da *Epístola aos Efésios*: “Sede benignos e ‘doai-vos’ uns aos outros, tal como Deus, em Cristo, vos ‘doou’”: “*Estote autem invicem benigni misericordes donantes invicem sicut et Deus in Christo donavit nobis*” (Ef 4,32). E em II Cor 2:10: “A quem vós ‘doeis’ eu também ‘doo’ e o que eu ‘doei’ etc.” (“*Cui autem aliquid donatis et ego nam et ego quod donavi si quid donavi propter vos in persona Christi*”).

Tomás não tem dúvidas: o doar, por excelência, não é doar dinheiro ou tempo ou qualquer outra coisa, mas sim perdoar: “Doar aqui é usado no sentido de perdoar” (*Super II ad Cor.* cp 12, lc 4). E conclui, com habitual sobriedade, com sugestivos *id est*, “isto é”, estabelecendo a sinonímia entre *donare*, o doar (por excelência, o perdoar) e *parcere* (perdoar): “*Donate, id est parcite*” (*Super II ad Cor.* cp 12, lc 4) e “*Donantes, id est parcentes*” (*Super ad coloss.* cp 3 lc 3).

Esperança

Outro exemplo das relações entre religião e linguagem nos vem da língua francesa.

O filósofo alemão Josef Pieper, conhecido por seus estudos sobre a esperança, mostra que a esperança, como virtude teologal, incide unicamente sobre o bem último, a salvação, a autorrealização definitiva, a salvação. E que essa esperança teologal dá uma certeza, pois essa esperança se funda

Palavras como “esperança”, “perdão” e as que nomeiam os dias da semana são amostras de expressão religiosa vulgarizada

no próprio Deus, que não falha em dar-nos os meios de salvação.

Por mais que esses conceitos estejam esquecidos num mundo secularizado, a linguagem ainda os preserva. E é o próprio Pieper quem nos faz notar que a língua francesa dispõe de dois vocábulos distintos para “esperança”: *espoir* e *espérance*: o primeiro, tendendo ao plural, às “mil esperanças” na vida (relativas a saúde, a finanças etc.); o segundo, que se emprega quase exclusivamente no singular, dirige-se à única e decisiva esperança, a de “acabar bem” *simpliciter*, à esperança teologal.

É interessante aqui fazer notar também – ainda no caso do francês – que o verbo *espérer* – e isto só pode surpreender quem ignore que a esperança teologal traz consigo a certeza – requer, por “exceção”, em sua forma afirmativa, o modo indicativo: não se diz: “*J’espère que tout finisse bien*” (espero que tudo acabe bem), sino “*J’espère que tout finira bien*” (espero que tudo acabe bem).

Casos como os dos dias da semana, do perdão e da esperança mostram a importância que a religião tem para a vida dos usuários de um determinado idioma.

LUIZ JEAN LAUAND É PROFESSOR TITULAR DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA USP

A frequência de uso tende a embótar o significado original e o alcance das palavras religiosas



A guerra de linguagens na Cúria Romana

Papa Francisco terá de lidar com o peso de séculos de tradições rançosas, que contaminam a expressão de ideias da Igreja

POR JEAN LAUAND

O padre Raniero Cantalamessa, franciscano capuchinho, orador da Casa Pontifícia desde 1980, na pregação da Sexta-feira Santa (sua primeira a serviço do novo papa) evocou a missão reformadora de São Francisco e o caráter deletério da excessiva burocracia: uma implícita, mas dura, referência às disfunções (ou escândalos que teriam motivado a renúncia de Bento XVI) da pesada máquina do Vaticano, a Cúria Romana. Não faltaram sequer referências a Kafka: o mensageiro que não consegue apregoar a mensagem do rei morto e o castelo...

“Temos de fazer todo o possível para que a Igreja nunca se pareça ao castelo complicado e assombroso descrito por Kafka, e para que a mensagem possa sair dela tão livre e alegre como quando começou a sua corrida. Sabemos quais são os impedimentos que podem reter o mensageiro: as muralhas divisórias, começando por aquelas que separam as várias igrejas cristãs umas das outras; a burocracia excessiva; os resíduos de cerimoniais, leis e disputas do passado, que se tornaram, enfim, apenas detritos.

“Em Apocalipse, Jesus diz que ele está à porta e bate (Ap 3:20). Às vezes, como foi observado por nosso papa Francisco, não bater para entrar, mas batendo de dentro porque ele quer sair. Sair para os ‘subúrbios existenciais do pecado, o sofrimento, a injustiça, ignorância e indiferença à religião, de toda forma de miséria.’

“Acontece como em certas construções antigas. Ao longo dos séculos, para adaptar-se às exigências do momen-



REPRODUÇÃO

to, houve profusão de divisórias, escadarias, salas e câmaras. Chega um momento em que se percebe que todas essas adaptações já não respondem às necessidades atuais; servem, antes, de obstáculo, e temos então de ter a coragem de derrubá-las e trazer o prédio de volta à simplicidade e à linearidade das suas origens. Foi a missão que recebeu, um dia, um homem que orava diante do crucifixo de São Damião: ‘Vai, Francisco, e reforma a minha Igreja’” (<http://bit.ly/10Fid5W>).

Não se trata só nem principalmente do excesso de pessoal – Elio Gaspari conta que certa vez perguntaram a João XXIII quantas pessoas trabalhavam na Cúria, e ele disse: “A metade” – mas do ranço milenar dos bastidores do poder eclesiástico, ele mesmo tão incorporado que já se tornou uma forma de linguagem...

Linguagem

Com seus 2 mil anos de existência, a Igreja Católica – ao menos em seus documentos oficiais – está muito atenta às sutilezas da linguagem...

Para a Cúria Romana não é a mesma coisa trocar “seis” por “meia dúzia”, afinal em certos contextos, como quando se diz: “Não é por causa de meia dúzia de cafajestes que vamos proibir o torcedor de ir ao estádio”, a formulação equivalente seria: “Não é por causa de três ou quatro cafajestes...”: ambas indicam quantidade ínfima; enquanto “seis” poderia dar ideia de um bando composto exatamente por 6 elementos.

Com mais de 1 bilhão de fiéis e bagagem histórica, não é de estranhar que os documentos da Igreja sejam produzidos com relativa lentidão e inúmeros trâmites do sistema burocrático da Cúria Romana.

Por considerarem que já haviam passado mais de 400 anos desde a

Homossexualidade “inata”?

O ponto 2.358 de C-92 trazia uma formulação sobre homossexualidade que recebeu cortes na versão definitiva (C-97)

COMO ERA

“Um número considerável de homens e de mulheres apresenta tendências homossexuais **inatas** profundamente radicadas. **Não são eles que escolhem sua condição homossexual...**”

COMO FICOU

“Um número considerável de homens e de mulheres apresenta tendências homossexuais profundamente radicadas...”

O sentido da mudança é explicitado por um site tradicionalista católico espanhol, que protestou contra o enunciado de C-92: “Se são ‘inatas’ e ‘não são eles que escolhem sua condição homossexual’, que culpa eles têm? E dizer que eles não escolhem sua condição é enfrentar a Sagrada Escritura...”

(<http://radiocristiandad.wordpress.com/2008/07/23/la-novedad-en-lo-novedoso/>)

A culpa da masturbação

Versões distintas do Novo Catecismo mostram tendências católicas em conflito de linguagem

Nas edições espanholas do Catecismo, mudanças de C-92 para C-97 aparecem ainda mais acentuadas. É o caso do ponto 2.352, no qual C-92 indicava a necessidade de levar em conta na avaliação moral da masturbação diversos fatores psíquicos ou sociais “que reduzem e até anulam a culpa moral”; formulação que, em C-97, foi substituída.

COMO ERA

“que **reducen**, e **incluso anulan** la culpabilidad moral”

COMO FICOU

“que **pueden** atenuar o **tal vez reducir al mínimo** la culpabilidad moral”.

A introdução do “podem” é de efeito psicológico, pois uma vez que são subjetivos os fatores atenuantes (“imaturidade afetiva, força dos hábitos contraídos, o estado de angústia ou outros fatores psíquicos ou sociais”), sua função parece ser só a de manter a sensação de culpa (o fiel não pode excluir a culpa, autoavaliando fatores subjetivos).

Afinal, a própria existência do sacramento da confissão, em diálogo vivo entre penitente e confessor, pressupõe que a culpabilidade moral não é medida por “pontos na carteira”, como infrações de trânsito, que vão de gravíssimas a leves.

A culpa moral pertence ao delicado âmbito da consciência e não pode ser observada com a operacionalidade de um radar que fotografa uma invasão de faixa de pedestres.

Como fica o problema pastoral da absolvição? De 1992 a 1997, havia fatores psíquicos ou sociais que podiam anular a culpa da masturbação; desde 1997 já não: o fiel deve, então, confessar seus “não pecados” da época, que passaram a ser pecados?

A guerra de linguagens na Cúria Romana

Religião

publicação do último Catecismo da Igreja Católica (o do Concílio de Trento, em 1566), em 1992 foi lançado mundialmente um novo Catecismo, como preparação para a edição definitiva, em 1997.

Novo catecismo

João Paulo II, na Constituição Apostólica *Fidei Depositum*, conta que o novo Catecismo foi inicialmente redigido por sete bispos, supervisionados por uma comissão de 12 cardeais e bispos, recebendo, em sucessivas redações, sugestões de peritos e bispos de todo o mundo.

Sobre esse texto (aqui abreviado para C-92), uma nova comissão, só com membros da Cúria Romana (sob a presidência do então cardeal Ratzinger), corrigiu a versão provisória e preparou o texto definitivo de 1997 (confira a carta apostólica *Laetamur Magnopere* de João Paulo II), a C-97.

O original de C-92 foi publicado em francês e o de C-97, em latim; em cada caso, as conferências



REPRODUÇÃO

O contexto do aborto

Uma nada sutil correção na parte referente à Doutrina da Fé, no ponto 336 do Novo Catecismo

COMO ERA

“Desde a **infância** até à morte, a vida humana é acompanhada pela sua assistência”.

COMO FICOU

“Desde o **seu começo** até à morte, a vida humana é acompanhada pela sua assistência [dos anjos]”.

A troca de “infância” por “começo”, em C-97, ajusta-se melhor à doutrina do mesmo Catecismo, que diz:

“2270. A vida humana deve ser respeitada e protegida, de modo absoluto, a partir do momento da concepção...”;

“2274. Uma vez que deve ser tratado como pessoa desde a concepção, o embrião terá de ser defendido na sua integridade...”.

Mais precisão à Virgem Maria

Mudança sutil de palavra no ponto 2.853 torna mais específica a doutrina da Igreja

COMO ERA

“[Maria], por obra do Espírito Santo, é **libertada** do pecado”.

COMO FICOU

“[Maria], por obra do Espírito Santo, é **preservada** do pecado”.

Esta correção interessante apoia-se na não equivalência entre “libertada” e “preservada”; esta mais restrita e inequívoca (Maria nunca esteve em pecado...).



Francisco herda versão de Novo Catecismo copidescada por Ratzinger: texto perdeu a virtude clássica da "Prudência"

episcopais aprovaram traduções para seus países (daí que, por exemplo, as traduções brasileira e portuguesa sejam ligeiramente diferentes).

Para que a edição definitiva, C-97, não se afastasse da estrita ortodoxia, a Cúria fez 99 emendas ao texto de C-92, para eliminar as formulações divergentes contidas naquela "versão beta". Analisamos alguns aspectos da linguagem dessas emendas nos quadros destas páginas, principalmente, exemplos da parte III do Catecismo (pontos 1.691 a 2.557), dedicada à moral.

Em se tratando de moral, as propostas das religiões oscilam entre polos: a consciência do fiel (valorizada pelo concílio Vaticano II) e o estabelecimento de normas operacionais.

Havia, na antiga doutrina da Igreja, a salutar virtude da Prudência, glorificada por um Santo Tomás de Aquino (1225-1274) como a principalíssima entre as virtudes cardeais. Classicamente, a Prudência (hoje, na prática, ausente na pre-

gação eclesiástica e desvirtuada semanticamente) era a virtude – portanto uma qualidade intransferível da pessoa – que levava o homem a um reto discernimento da realidade em cada caso e a tomar decisões acertadas em seu agir.

O esquecimento, na pregação eclesiástica, da Prudência e a inversão de seu significado ("prudência", hoje, não é a virtude da decisão que leva à grandeza moral, mas uma egoísta e interesseira cautela) favorecem a minuciosa codificação da moral. Em casos extremos dessa atitude surgem os fundamentalismos.

Fundamentalismo

Fundamentalismo é "retranca", que não quer deixar nada ao discernimento do fiel, sempre considerado imaturo, e pretende garantir a salvação por meio de mil regrinhas, que regulam o comportamento em seus mínimos detalhes. Nessa linha, o regime Talibã chegou a criar um "Ministério do Vício e da Virtude", que legislava até sobre a posição dos vasos sanitários (não podiam estar alinhados com Meca) e elaborava listas sobre o que as torcidas podiam gritar nos estádios de futebol... (para não falar dos trajes femininos etc.).

Passados séculos da Inquisição, as alterações de C-92 para C-97 mostram que a linguagem ainda é objeto de vigilância para a Cúria Romana. O modo como o papa Francisco lidará com as palavras (não só na mídia, mas em documentos e posicionamentos decisivos) vai revelar se a história continua ou um novo começo se anuncia.

A vida concreta da mentira

Mais uma sugestiva mudança, a introduzida no ponto 2.483, também dirigida a evitar abusos por parte dos fiéis

COMO ERA

"Mentir é falar ou agir contra a verdade para induzir em erro aquele que tem o direito de conhecê-la."

COMO FICOU

"Mentir é falar ou agir contra a verdade para induzir em erro."

Farisaísmos à parte, é óbvio que o cidadão não está obrigado a falar a verdade, toda a verdade, nada mais do que a verdade, digamos, a um ladrão que invade sua casa, encosta um revólver calibre 38 em sua testa e pergunta se ele tem dólares escondidos ou filhas na casa... A própria Igreja não censuraria como mentira as reservas mentais que levariam a responder: "Não!" (enquanto pensa: "não tenho dólares 'escondidos': eu sei muito bem onde estão 'guardados' meus US\$ 50 mil"). Ou aquele caso, que parece piada: toca o telefone, a mulher atende "Boa noite, Fulano"; o marido (Fulano é um importuno) sussurra e gesticula: "Diga que eu não estou!" Ante os escrúpulos cristãos da esposa que se recusa a "mentir", ele abre a porta do apartamento, sai dois passos e sussurra: "Agora você já pode dizer que eu não estou!".

JEAN LAUAND É PROFESSOR TITULAR SÊNIOR DA FEUSP, PROFESSOR TITULAR DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

O padroeiro dos etimologistas

Mesmo sem método científico, Santo Isidoro de Sevilha abriu caminho para a paixão pela origem das palavras

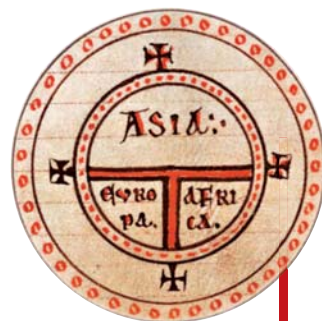
Santo Isidoro (c.560-636), nascido em Sevilha na época visigoda, foi bispo nessa cidade de 600 a 636. Ele foi um dos grandes elos de transmissão da cultura antiga para a Idade Média, principalmente por meio de sua *Etimologias*, a primeira enciclopédia que o mundo conheceu, obra monumental que organizou todo o conhecimento disponível na época como um autêntico banco de dados *avant la lettre*.

Etimologias foi muitíssimo utilizada ao longo de toda a Idade Média. Ao examinar uma questão qualquer, o autor medieval – um Tomás de Aquino, por exemplo – frequentemente analisava a etimologia das palavras envolvidas na discussão. Não o fazia para ostentar erudição, mas por basear-se na convicção de que a denominação da palavra podia conter em si informações sobre a própria realidade referida. Como diz o próprio Isidoro, sem a etimologia não se conhece a realidade e, com ela, mais rapidamente atinamos com a força expressiva das palavras.

Mais do que um livro sobre a linguagem, *Etimologias* expressa

A etimologia, segundo Isidoro

A definição que Santo Isidoro de Sevilha deu, no Livro 1, capítulo 29 das *Etimologias*, para o estudo sobre a origem das palavras



1 Etimologia é a origem dos vocábulos, já que por essa interpretação captamos o vigor das palavras. Aristóteles denominou-a *symbolon*; Cícero, *adnotatio*, porque a partir de uma instância de interpretação tornam conhecidas as palavras e os nomes das coisas: como *flumen* (rio), que deriva de *fluere*, porque fluindo, cresce.

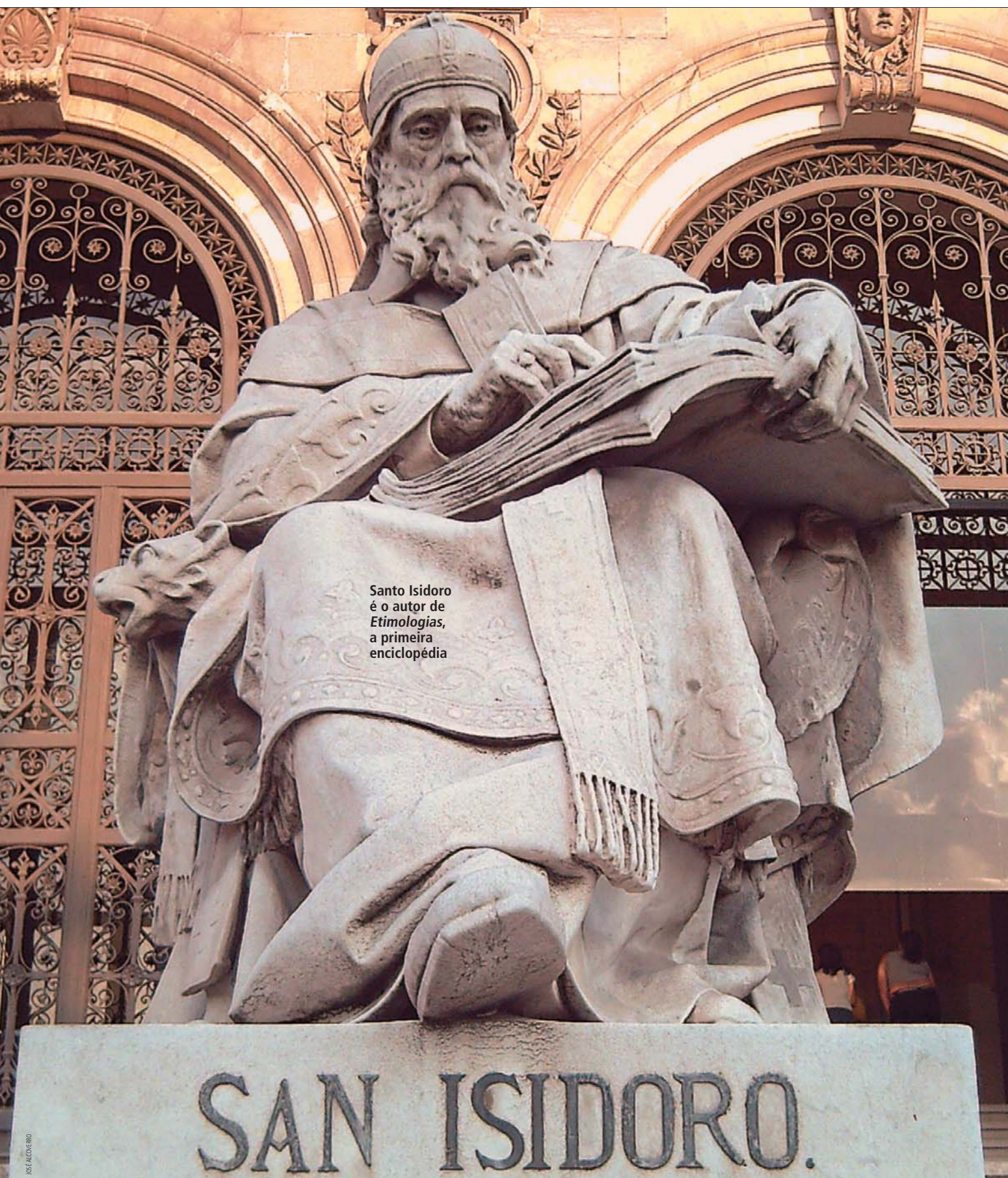
2 O conhecimento da etimologia é frequentemente necessário para a interpretação do sentido, pois, sabendo de onde se originou o nome, mais rapidamente se entende seu potencial significativo. O exame de qualquer assunto é mais fácil quando se conhece a etimologia. Contudo, não foi a todas as coisas que os antigos impuseram nomes segundo a natureza, mas alguns foram impostos arbitrariamente, tal como nós mesmos também fazemos quando damos a bel-prazer nomes a nossos servos e propriedades.

3 Por isso nem sempre podemos achar a etimologia dos nomes, pois há alguns

que foram dados pelo arbítrio da vontade humana e não segundo a qualidade com que foram criadas as coisas. Há etimologias de causa, como é o caso de *reges* (reis) que vem de *regere* (reger) e de *recte agere* (conduzir retamente); outras são de origem, como *homo* (homem) que provém de *humus* (terra); outras procedem dos contrários, como *lutum* (barro), o que deve ser lavado (*lotum*, lavando), pois o barro não é limpo; ou como *lucus* (bosque), que, opaco pelas sombras, tem pouca luz (*luceat*).

4 Algumas são feitas por derivações de nomes como "prudente" de "prudência", ou "gárrulo" de "garrulice"; outras são originadas no grego e passaram para o latim, como *silva* (selva) e *domus* (casa).

5 Outras ainda procedem dos nomes de localidades, cidades ou rios. Muitas provêm de palavras de diversos povos e é difícil discernir sua origem, pois há muitas palavras bárbaras e desconhecidas dos latinos e dos gregos.



Santo Isidoro
é o autor de
Etimologias,
a primeira
enciclopédia

SAN ISIDORO.

O padroeiro dos etimologistas



Pintura representa Isidoro: princípios de seu tempo e tentativa de decifrar o mundo

toda uma visão do mundo da época. Compõe-se de vinte “livros”, cada um elucidando as etimologias das palavras de um determinado campo do saber:

I. Gramática; II. Retórica e Dialética; III. Matemática (Aritmética, Geometria, Música e Astronomia); IV. Medicina; V. As leis e os tempos; VI. Os livros e os ofícios eclesiásticos; VII. Deus, os anjos e os santos; VIII. A Igreja e outras religiões; IX. Línguas, povos, reinos, milícia, cidades e parentesco; X. Etimologia de palavras diversas; XI. O homem e os seres prodigiosos; XII. Os animais; XIII. O mundo e suas partes (elementos, mares, ventos etc.); XIV. A terra e suas partes (Geografia); XV. As cidades, os edifícios e o campo; XVI. As pedras e os metais; XVII. A agricultura; XVIII. Guerra, espetáculos e jogos; XIX. Naves, edifícios e vestimentas; XX. Comida, bebida e utensílios.

O gosto que os autores medievais tinham pela etimologia deriva-

Palpites medievais

Exemplos de termos investigados por Isidoro de Sevilha, retirados do Livro X, capítulo 1 de suas *Etimologias*

■ **ALUNO** (*alumnus*) deriva de *alere* (alimentar) e, primariamente, aplica-se a quem é nutrido (embora se possa aplicar secundariamente também a quem nutre).

■ **AMIGO** (*amicus*) é como que o guardião da alma (*animi custos*) (...) e procede de *hamus* (*gancho*), isto é, algema de amor. Daí a referência aos anzóis (*hami*) que prendem.

■ **ARROGANTE** (*adrogans*) é quem se faz muito rogar (*rogetur*) e é aborrecido.

■ **ALIENÍGENA** é o nascido em

outro povo (*alia genitus*) no qual não está vivendo.

■ **BRUTO** (*brutus*) provém de *obrutus* (enterrado, encoberto) porque carece de sensibilidade ou senso. É, pois, quem não tem razão ou prudência.

■ **CRUEL** (*crudelis*), isto é, cru. É o sentido por extensão do *omón* grego, como se disséssemos: o que não foi cozido e não dá para comer, pois é duro e intragável.

■ **DIRETO** (*directus*) é o que vai reto. Dileto (*dilectus*) vem de diligência, amor. São ambos sinais do amor.

■ **EXPERT** (*expertus*) é o muito perito (*peritus*). Neste caso, o prefixo *ex* significa muito.

■ **FÁCIL** (*facilis*) vem de fazer (*face-re*), o que não é tardo em fazer algo.

■ **GRAVE** (*gravis, pesado*) é o venerável. Daí que, aos desprezíveis, chamemos *leves*, levianos. Grave pela constância e pelo juízo, pois não muda ao menor movimento, permanecendo firme graças ao peso da firmeza e da constância.

■ **HUMILDE** (*humilis*), como que inclinado à terra (*humus*).

va de uma atitude com relação à linguagem bastante diferente da que geralmente temos hoje. Na Idade Média, ansiava-se por saborear a transparência de cada palavra; para nós, pelo contrário, a linguagem é opaca e costuma ser considerada como mera convenção (e nem reparamos, por exemplo, em que coleira, colar, colarinho, torcicolo e tiracolo se relacionam com *colo*, peçoço).

É certo que as etimologias medievais não primavam pelo rigor científico: em Isidoro encontraremos por exemplo que *corpulento* (*corpulentus*) é o *pesado de corpo e lento* (*corpus/ lentus*). Se a interpretação dada às origens das palavras nem sempre era uma verdade (e, de vez em quando, chegava mesmo ao ridículo), frequentemente era *bene trovata*. Seja como for, a linguagem funcionava para eles de um modo diferente, parecia-lhes saborosa, portadora de notícias sobre a realidade... ou sobre o



**Em sua obra
Etimologias, Santo
Isidoro confiava
na tradição, na
intuição e num
peculiar senso de
realidade, típico
de sua época**

viés da época. Guy Bechtel observa, a propósito, algumas interpretações sexuais isidorianas: os seios (*mamillae*) remetem a maçãs (*sunt quasi malae*), a vulva é uma porta (*valva*) aberta para a semente. No homem, os lombos (que se chamariam assim por causa da luxúria – *lumbi ob libidinis lasciviam*) são a sede do prazer sensual, como é o umbigo para as mulheres (ambos procederiam de *umbo*, protuberância).

Apresento nestas páginas, inicialmente, a tradução do capítulo de Isidoro dedicado à discussão do significado da própria etimologia e alguns outros exemplos interessantes. Em seguida, destaco, do imenso trabalho de Isidoro, uma seleção de verbetes extraídos do livro X de *Etimologias*, o mais geral.

LUIZ JEAN LAUAND É PROFESSOR TITULAR DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA USP, AUTOR DE CULTURA E EDUCAÇÃO NA IDADE MÉDIA (MARTINS FONTES)

■ **INVENTOR** (*inventor*) é quem encontra (*invenire*) o que estava procurando.

■ **IMPORTUNO** (*importunus*) é quem não tem porto, isto é, quietude, repouso. Por isso os importunos vão logo a naufrágio.

■ **LIBIDINOSO** (*libidinosus*) é o que faz o que bem entende (*libet*).

■ **MODESTO** (*modestus*) vem de medida (*modus*) e equilíbrio; é aquele que age na medida certa, nem mais, nem menos.

■ **MESTRE** (*magister*) é quem tem um posto mais elevado (*maior in statione*); já ministro (*minister*) é quem tem um posto menos elevado (*minor in statione*) ou executa seu ofício com as mãos.

■ **NOBRE** (*nobilis*) é o não vulgar (*non vilis*), de nome e linhagem conhecidas.

■ **OBEDIENTE** (*obaudiens*) é o que vem do ouvido, é aquele que ouve (*audiens*) a quem ordena.

■ **PRESENTE** (*praesens*) é o que está diante dos sentidos (*prae sensibus*), diante dos olhos que são os sentidos do corpo.

■ **QUAESTOR** (título de uma classe de magistrados romanos). Vem de *quaerere* (procurar, perguntar, investigar, questionar).

■ **RÉU** (*reus*) vem de *res* (coisa, causa), pela qual alguém se faz punível. Já reato (*reatum*) deriva de réu.

■ **RÚSTICO** (*rusticus*) é quem traba-

lha no campo (*rus*), isto é, na terra.

■ **SÁBIO** (*sapiens*) vem de sabor (*sapor*), pois, assim como o paladar é apto para discernir os sabores dos alimentos, assim também o sábio distingue as coisas e as causas, pois conhece cada uma e sabe discernir o sentido da verdade. Por isso, o contrário do sábio é o insipiente (*insipiens*), aquele que não tem paladar nem sensibilidade.

■ **SOBERBO** (*superbus*) é quem quer ser considerado acima (*super*) do que realmente é.

■ **TÍMIDO** (*timidus*) (temeroso, tímido), o que teme intensamente, o que procede do sangue: o temor gela o sangue que, assim afetado, gera o temor.

■ **VIR** (homem) vem de virtude.

A origem dos ensaios

Os ensaios reproduzidos neste livro foram publicados originalmente na revista Língua Portuguesa nas seguintes edições:

TÍTULO	EDIÇÃO	DATA	PÁGINAS
“A arqueologia é dona da bola”	92	Junho/2013	20/21
“O passado que o futebol canta”	59	Setembro/2010	26/33
“O choque cultural da linguagem”	87,	Janeiro/2013	18/21
“‘Excelenciou’ na grande área”	89	Março/2013	22/24
“A língua na sala de estar”	58	Agosto/2010	20/21
“Ô, meu! Minha nossa Senhora”	57	Julho/2010	42/43
“É grande pra caramba”	83	Setembro/2012	36/38
“Sujeito indeterminado”	85	Novembro/2012	26/28
“Milton jaguaretê”	86	Dezembro/2012	44/46
“Mostrar escondendo”	95	Setembro/2013	24/26
“Velha expressão da nova geração”	79	Maió/2012	22/25
“O português no inglês”	47	Setembro/2009	20/23
“O diplomata da língua árabe”	82	Agosto/2012	48/51
“No princípio era a Bíblia”	81	Julho/2012	24/28
“O santo nome da pressa”	77	Março/2012	28/33
“Religiosidade na língua” Religião e linguagem		(2009)	12/14
“A guerra de linguagens na Cúria Romana”	91,	Maió/2013	22/25
“O padroeiro dos etimologistas” Religião e linguagem		(2009)	46/49
“Jogos da linguagem”	79	Maió/2012	42/47

Apoio cultural:
Radix – Projetos Educacionais

CEMOrOe
EDF-FEUSP


FACTASH EDITORA

